

## Paulo Freire.

### Pedagogo da esperança

#### Editorial

No último mês de maio, completaram-se 10 anos da morte do educador **Paulo Freire**. “O período de dez anos exige um balanço. Os planos decenais fixam diretrizes e metas que passam a orientar boas porções da vida de cada um e cada uma”, afirma **Danilo Streck**, um dos especialistas na obra de Paulo Freire, no depoimento intitulado “Algumas lições do mestre”.

A *IHU On-Line* desta semana entrevistou vários especialistas na obra de Paulo Freire, como **Balduino Andreola**, autor do livro *Andarilho da esperança*; **Gilberto Kronbauer**, que relaciona Paulo Freire com Ernani Fiori; **Gomercindo Ghiggi**, para quem os temas discutidos por Paulo Freire “expressam as urgências do nosso tempo”; **Ana Maria Saul**, que conta sobre sua convivência com o mestre; **Peter Mc Laren**, que fala sobre a importância de Freire nos EUA; e a viúva de Freire, **Ana Maria Araújo Freire**, que acredita no

impulso do pedagogo para a “construção utópica de um mundo melhor”.

Agradecemos ao Prof. Dr. **Danilo Streck**, que nos auxiliou na elaboração da pauta desta edição.

Além de recordarmos os 10 anos da morte de Paulo Freire, celebramos, nesta edição, os 80 anos de vida de um educador gaúcho: **Irmão Antônio Cechin**. Pedagogo da esperança, na trilha de Paulo Freire, sua trajetória se confunde com a história das lutas populares do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de homenageá-lo, colhemos depoimentos de pessoas que o conhecem de longa data e o entrevistamos. Vale a pena conferir!

Há mais tempo, mas mais intensamente neste ano, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU tem trabalhado muito com o cinema. Isso pode ser constatado se consultarmos a programação do IHU disponível na página eletrônica do instituto. Nesta semana, quatro filmes serão exibidos e debatidos: *Segunda-feira ao sol (Los lunes al sol)*, de

Fernando León de Aranoa, no *Ciclo* que discute o modo como o cinema tem olhado para o trabalho, procurando apontar contribuições para a superação da crise da sociedade do trabalho; *Gilbert Grape - aprendiz de sonhador*, de Lasse Hallström, no *Ciclo Cinema e Saúde Coletiva*, que tem como objetivo debater os vários sentidos da relação Cuidado e Cuidador; *Coração de cristal*, de Werner Herzog, que será visto para uma análise sobre o surgimento da ordem mercantil no *Ciclo O Capitalismo visto pelo cinema*; e *Diário de um novo*

*mundo*, de Paulo Nascimento, no *Ciclo Índios e negros - leituras e imagens no cinema brasileiro*.

*Caparaó*, documentário de Flávio Frederico, vencedor da competição brasileira do Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade em 2006, é o filme da semana.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Paulo Freire: uma pequena biografia

PÁGINA 05 | Danilo Streck: Algumas lições do mestre

PÁGINA 08 | Balduino Andreola: Andarilhos com Paulo Freire

PÁGINA 17 | Gilberto Kronbauer: Freire, Fiori, a formação humanística e a filosofia

PÁGINA 22 | Ana Maria Saul: “Experimentei com Paulo Freire o verdadeiro sentido do que é participação”

PÁGINA 26 | Gomercindo Ghiggi: “Para negar autoritarismos, temos nos tornado freirianos”

PÁGINA 30 | Ana Maria Araújo Freire: “Paulo Freire nos impulsiona na construção utópica de um mundo melhor”

PÁGINA 33 | Peter McLaren: “Paulo Freire é o mais importante educador crítico lido nos EUA”

PÁGINA 38 | Antônio Cechin: 80 anos. Depoimentos de amigos e familiares

PÁGINA 44 | Antônio Cechin: “Os pobres me evangelizaram”

### B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 51 | Richard Rorty (1931-2007)

» Filme da Semana

PÁGINA 54 | *Caparaó*, de Flávio Frederico

PÁGINA 59 | Destaques On-Line

PÁGINA 61 | Frases da semana

## C. IHU em Revista

» EVENTOS

**PÁGINA 65** | Agenda de Semana

**PÁGINA 67** | Rosângela Fritsch: Uma reflexão sobre o desemprego estrutural

» PERFIL POPULAR

**PÁGINA 70** | João Batista Botelho Machado

» IHU REPÓRTER

**PÁGINA 73** | Marco Antonio Dall'azen

## Paulo Freire. Uma pequena biografia

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco, uma das regiões mais pobres do país, onde logo cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Trabalhou inicialmente no SESI (Serviço Social da Indústria) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Ele foi quase tudo o que se pode ser como educador, de professor de escola a criador de idéias e "métodos".

Sua filosofia educacional expressou-se, primeiramente, em 1958, na sua tese de concurso para a universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação daquela Universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963.

A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados.

Em 1969, trabalhou como professor na Universidade de Harvard, em estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em

zonas rurais quanto urbanas. Durante os 10 anos seguintes, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África. Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para "reaprender" seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, na gestão de Lulza Erundina, tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo, maior cidade do Brasil. Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empenhou-se na recuperação salarial dos professores.

A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o Golpe Militar de 1964. Depois de 72 dias de reclusão, foi convencido a deixar o país. Exilou-se primeiro no Chile, onde, encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas teses, desenvolveu, durante cinco anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto

Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Foi aí que escreveu a sua principal obra: *Pedagogia do oprimido* (19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991).

Em Paulo Freire, conviveram sempre presentes o senso de humor e a não menos constante indignação contra todo tipo de injustiça. Casou-se, em 1944, com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos. Após a morte de sua primeira esposa, casou-se com Ana Maria Araújo Freire<sup>1</sup>, uma ex-aluna.

Paulo Freire é autor de muitas obras. Entre elas: *Educação: prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da esperança* (1992) e *À sombra desta mangueira* (1995).

---

<sup>1</sup> Ana Maria Araújo Freire: viúva de Paulo Freire e especialista em seu pensamento, desde 1997, ela vem organizando o legado freiriano. Confira nesta edição a entrevista especial concedida por Nita à *IHU On-Line*, intitulada “Paulo Freire nos impulsiona na construção utópica de um mundo melhor”. (Nota da *IHU On-Line*).

Foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa através de numerosas homenagens. Além de ter seu nome adotado por muitas instituições, é cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior.

A Paulo Freire foi outorgado o título de doutor Honoris Causa por vinte e sete universidades. Por seus trabalhos na área educacional, recebeu, entre outros, os seguintes prêmios: “Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento” (Bélgica, 1980); “Prêmio UNESCO da Educação para a Paz” (1986) e “Prêmio Andres Bello” da Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continente (1992). No dia 10 de abril de 1997, lançou seu último livro, intitulado *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

Fonte: [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org) (Site do Instituto Paulo Freire)

## Algumas lições do mestre

POR DANILO STRECK

*O artigo a seguir, de autoria do Prof. Dr. Danilo Streck, foi escrito com exclusividade para a presente edição da IHU On-Line. Nele, Streck afirma: “Talvez para alguns o nome Paulo Freire tenha virado marca, uma espécie de grife para garantir credibilidade ou legitimidade, desde nome de escolas a citações de trabalhos acadêmicos. Mas, para a grande maioria que se ocupa com seu pensamento e sua obra, Freire simboliza a possibilidade de se pensar o que ele chamava inéditos viáveis”. Graduado em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Danilo Streck é mestre em Educação Teológica pelo Princeton Theological Seminary e doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação pela Universidade do Estado de Nova Jersey, Estados Unidos, com a tese John Dewey and Paulo Freire view of the educational function of education, with special emphasis on the problem of method (A visão de John Dewey e Paulo Freire da função educacional da educação, com ênfase especial no problema do método). No momento, está desenvolvendo o projeto de pesquisa Processos participativos emancipatórios na América Latina como mediação pedagógica para a constituição do público e é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.*

*De sua extensa produção intelectual, destacamos as seguintes obras: Rousseau e educação (Belo Horizonte: Autêntica, 2004); Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar (Petrópolis: Vozes, 2005) e Erziehung für einen neuen Gesellschaftsvertrag (Siegen: Athena, 2006). É um dos organizadores de Pesquisa participante: a partilha do saber (Aparecida: Idéias & Letras, 2006). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004 Streck apresentou o livro A Pedagogia do Oprimido. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria de Streck 117ª edição, de 27-09-2004, intitulada Uma pedagogia do outro: convite para reler a pedagogia do oprimido. Na presente edição, Streck ofereceu importante apoio à IHU On-Line, na confecção da pauta sobre Paulo Freire.*

O período de dez anos exige - assim se firmou em nossa consciência - um balanço. Afinal, os planos decenais fixam diretrizes e metas que passam a orientar boas porções da vida de cada um e cada uma. Mas que balanço fazer dos dez anos da morte de alguém? No caso, como ler aquele enorme vazio que se criou com a morte de Freire e que passou a ser preenchido com uma infinidade de palavras e vozes? Deparamo-nos hoje com múltiplos Freires e acredito que não faz sentido colocar-

se como guardião do que supostamente poderia ser o verdadeiro Freire.

Primeiro, porque ele mesmo tinha plena consciência das contradições em sua vida, pelo simples fato de viver numa sociedade repleta de contradições, onde as oportunidades e condições de vida são extremamente desiguais. A coerência que pregava, sem moralismos ou fatalismos, tinha a ver com um posicionamento de denúncia dessas condições e de anúncio, na práxis

(palavra-ação), de novas possibilidades de construir a existência individual e coletiva. Segundo, porque poucos como ele souberam recriar-se, na prática e na teoria, dentro dos movimentos da história. Sua pedagogia do oprimido virou pedagogia da esperança, pedagogia da autonomia, pedagogia da indignação, entre outras nominadas por ele mesmo ou por quem nele se inspirou para mostrar um outro lado ou uma outra dimensão da prática educativa voltada para o *ser mais*. O próprio *ser mais* nunca designou uma determinada forma para o ser humano ou os limites do que este poderia ser, mas apontava para a incompletude da vida como espaço de realização.

Talvez para alguns o nome Paulo Freire tenha virado marca, uma espécie de grife para garantir credibilidade ou legitimidade, desde nome de escolas a citações de trabalhos acadêmicos. Mas, para a grande maioria que se ocupa com seu pensamento e sua obra, Freire simboliza a possibilidade de se pensar o que ele chamava *inéditos viáveis*. Essa busca de *inéditos viáveis* ou do *sonho possível* pode acontecer no cotidiano da sala de aula, na gestão de escolas ou de sistema de ensino, no trabalho com saúde pública, em movimentos sociais e em qualquer lugar onde se aceita a premissa de que o futuro não precisa ser a repetição do presente e que a educação tem um papel em projetar e construir este outro futuro. A educação, está certo, não tem o poder da economia, o voto dos políticos ou as armas do exército. Mas, paradoxalmente, para Freire, é nesta sua fraqueza que reside sua força. A palavra, quando unida à ação, tem um poder mágico. Thiago de Mello<sup>1</sup> disse isso de uma

<sup>1</sup> Thiago de Mello (1926): poeta brasileiro, ícone da literatura do Amazonas. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Preso durante a ditadura, exilou-se no Chile, encontrando em Pablo Neruda um amigo e companheiro por toda a vida. Com o fim do regime militar voltou a sua pequena cidade natal, Barreirinha, onde vive até hoje. (Nota da IHU On-Line)

forma muito bela em sua *Canção para os fonemas da alegria* :

*[...] porque unindo pedaços de palavras  
aos poucos vai unindo argila e orvalho,  
tristeza e pão, cambão e beija-flor,*

*e acaba por unir a própria vida  
no seu peito partida e repartida  
quando afinal descobre num clarão*

*que o mundo é seu também...*

(In: *Educação como prática da liberdade*)

#### Peregrino do óbvio

Parece que aquilo que aproxima uns e umas de Freire é o mesmo que afasta outros e outras. Para os primeiros, o encanto está na simplicidade das coisas que diz. Há uma obviedade inquietante em suas afirmações e que desafia a querer saber mais. Ele tinha consciência deste seu papel de *peregrino do óbvio*, como ele mesmo dizia. Mas esta simplicidade nada tem a ver com o fácil ou superficial. Uma vasculhada em sua biblioteca pessoal no Instituto Paulo Freire (em São Paulo) surpreende não apenas pela quantidade, diversidade e qualidade, mas também pelo número de anotações à margem das obras. Um exemplo deste óbvio é quando ele diz em *Pedagogia do oprimido* que nenhuma ordem autoritária sobreviveria se todos comessem a fazer esta pergunta básica: “Por quê?”. É simples, mas nada fácil. Já outros vêem nesse seu jeito de fazer pedagogia a necessária falta de rigor científico e acadêmico.

Deveria também estar fora do horizonte de fazer de Freire uma referência universalmente aceita e aplaudida. Entendo que sua obra é uma espécie de *sombra de mangueira* (conforme o título de um de seus livros), na qual pessoas se encontram para recarregar

energias, buscar inspiração e renovar suas idéias e práticas. Mas esta sombra tem suas fronteiras e sua eventual pretensão de universalidade não está em abarcar tudo, mas em afirmar a relevância de determinado tipo de prática e de reflexão para o mundo em que vivemos. A identificação com sua obra implica determinadas opções ideológicas e metodológicas que se confrontam e dialogam com outras opções. Percebo, inclusive, que um dos problemas com as leituras de Paulo Freire é que, aos pedaços, ele é assimilado no atual grande “consenso pedagógico” forjado pelas políticas neoliberais.

Uma das sempre grandes lições de Freire está, a meu ver, no fato de ele se colocar permanentemente como testemunho do ato de conhecer, um conhecer que é também sempre um *pronunciar* o mundo em que se vive. O tão falado diálogo não é, para Freire, um método entre outros, mas uma postura diante do mundo, dos outros e do próprio conhecimento. Uma postura de quem sabe que sabe, mas que, ao saber, sabe que tem ainda e sempre muito a saber.

Entendo também que o papel da pesquisa é, no fundo, ajudar a dizer ou a pronunciar o mundo. Embora esta tarefa seja de todos, cabe ao pesquisador e à pesquisadora um papel especial em vista das ferramentas que aprendeu a manejar, desde conceitos para a leitura do mundo até instrumentos para análise de dados. Paulo

Freire é considerado, junto com o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda<sup>1</sup>, um dos fundadores da pesquisa participante, irmã gêmea da educação popular. O levantamento do universo vocabular e dos temas geradores era desenvolvido por uma equipe interdisciplinar de especialistas com a participação das comunidades a serem alfabetizadas. Permanece a idéia de que a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa não é uma concessão eventual por parte do pesquisador, mas um direito de quem partilha este mesmo mundo.

Dentre as obviedades, talvez nenhuma delas seja tão óbvia como aquela que fala do papel da educação no resgate do ser gente, num processo que se dá entre a busca da *decência* e da *boniteza*, da *ética* e da *estética*, um mundo mais justo e um mundo mais bonito e alegre. Também aqui não há receitas e cada geração precisa descobrir o que significa viver na tensão entre as ameaças de desumanização e as possibilidades de humanização.

---

1 Orlando Fals Borda (1925): sociólogo colombiano. É um dos fundadores e representantes mais destacado da Investigación Acción Participativa (IAP), método de investigação qualitativa que pretende não apenas conhecer as necessidades sociais de uma comunidade, mas também agrupar esforços para transformar a realidade com base nas necessidades sociais. (Nota da *IHU On-Line*)

## Andarilhos com Paulo Freire

ENTREVISTA COM BALDUÍNO ANDREOLA

*“A variedade das práticas e das pesquisas demonstram que Paulo Freire não está sendo repetido ou copiado, mas sim recriado, com inteligência e imaginação”, disse o Prof. Dr. Balduino Andreola à IHU On-Line, na entrevista a seguir, concedida com exclusividade, na última semana, por e-mail. Andreola leciona no Centro Universitário La Salle, em Canoas, e na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo. Graduado em Filosofia e em Teologia, é mestre em Educação, pela UFRGS, e pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde se doutorou em Educação com a tese Emmanuel Mounier et Paulo Freire: une pédagogie de la personne et de la communauté. De sua produção acadêmica, destacamos os artigos Uma pedagogia política de libertação nas obras de Emmanuel Mounier e Paulo Freire (Perspectiva, Erechim/RS, v. 39, n. 11, p. 39-70, 1986) e Influence de la Pensée et du Temoignage de Mounier au Brasil (Bulletin Des Amis D’e Mounier, Châtenay-Malabry, v. 73/74, p. 41-45, 1990). Escreveu as obras Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile (Canoas: Editora Ritter dos Reis, 2001) e Andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI (São Paulo: ASTE, 2005). Na edição 155, de 12-09-2005, intitulada Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária, concedeu a entrevista Os projetos pedagógicos-políticos de Mounier e Paulo Freire.*

**IHU On-Line - O senhor é co-autor de livros sobre Paulo Freire no Chile e no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Qual é o sentido do exílio para esse “andarilho”?**

**Balduino Andreola** - Os dois livros são em co-autoria: *Freire e Fiori no exílio*, com o Prof. Triviños<sup>4</sup>, e *Andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI*, com meu orientando de doutorado, Mário Bueno Ribeiro. Após o golpe militar de 64, Freire recusou, até quando pôde, a idéia de se asilar e, depois, de exilar-se. Ele optou pelo exílio quando se convenceu de que não tinha mais condição de ficar. Numa entrevista publicada no *Pasquim*, afirma: “E então eu preferi continuar vivo a entregar-me a uma espécie assim de morte lenta, ou de cinismo. Eu não via no momento uma possibilidade de ficar sem morrer de um ponto de vista ou de outro”. Na entrevista com Claudius Ceccon e Miguel Paiva (*Pasquim*, 1978), o próprio Freire discorre longamente sobre o sentido do exílio para ele. Uma das lições do exílio, segundo ele, é a “compreensão da diversidade cultural. A compreensão das diferenças. (...) A tua experiência com outros espaços históricos e culturais termina te ensinando até universalizar, rompendo a tua paroquialidade. Tu deixas de ser uma mente paroquial. Isso, então, significa uma abertura maior a outras formas de estar sendo. De outro lado, o exílio possibilita também a tomada de distância, não só geográfica, mas no tempo, do teu contexto original. (...) Muitos

---

<sup>4</sup> **Augusto Nivaldo Silva Triviños**: graduado em Licenciatura em Espanhol, Pedagogia e Filosofia pela Universidade de Santiago do Chile, é especialista em Orientação Educacional e em Educação de Adultos pela Pontifícia Universidade Católica do Chile. É mestre em Educação pela mesma instituição e doutor em Filologia Romântica Estilística pela Universidade Central de Madri com pós-doutorado pela Universidade de Tübingen. Leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e escreveu vinte obras, dentre elas *Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile* (Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001), escrita com Balduino Andreola, e *A agonia do(a) educador(a) sul-riograndense, histórias de vida* (Porto Alegre: 2006). (Nota da *IHU On-Line*)

brasileiros passaram a ser mais brasileiros a partir do exílio”.

Mas não se trata apenas de mudanças sob os pontos de vista intelectual, cultural e político.

Creio que Freire resume a aprendizagem mais extraordinária do exílio nesta frase: “Eu sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo”.

Não obstante a saudade profunda, os sofrimentos do exílio e a vontade permanente de voltar, Freire soube construir continuamente um novo sentido para o seu exílio. E soube tomar decisões radicais, de acordo com tal sentido. Foi assim que decidi, em 1969, que era chegada a hora de sair do Chile. E as escolhas eram duas: um convite aliciador para qualquer intelectual, de ir para a famosa Universidade de Harvard, e outro convite para o Conselho Mundial de Igrejas<sup>5</sup>. Harvard lhe oferecia, com certeza, uma carreira universitária extraordinária, e financeiramente muito rendosa. Mas ele decidiu que para os Estados Unidos iria por apenas um ano, porque, como diria mais tarde, “queria conhecer o bicho na toca”. Mas trancar-se na toca, não. Sua escolha definitiva foi pelo Conselho Mundial de Igrejas. A razão da escolha era clara para Freire: “Eu preferi vir para o Conselho, porque o problema de ser professor para mim não se coloca. Eu me acho professor numa esquina de rua. Eu não preciso do contexto de uma universidade para ser um educador.

---

<sup>5</sup> **Conselho Mundial de Igrejas (CMI)**: principal organização ecumênica cristã em nível internacional, fundada em 1948, em Amsterdam, Holanda. Com sede em Genebra, Suíça, o CMI congrega mais de 340 igrejas e denominações. Estas igrejas e denominações representam mais de 400 milhões de fiéis presentes em mais de 120 países. O atual secretário geral do CMI é Samuel Kobia, metodista do Quênia, e o Moderador do Comitê Central é Walter Altmann, luterano do Brasil, eleito após a IX Assembléia Geral, realizada em Porto Alegre, Brasil, em fevereiro de 2006. Entre seus membros estão igrejas protestantes e ortodoxas, também algumas pentecostais e independentes. A Igreja Católica não faz parte desta organização, mas tem com ela um grupo de trabalho permanente e participa como membro pleno de alguns departamentos, como o de Fé e Ordem. (Nota da *IHU On-Line*)

Não é o título que a universidade vai me dar o que me interessa, mas a possibilidade de trabalho. E, naquela época, eu sabia que o Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria”.

E, realmente, o C.M.I. lhe abriu as portas para muitos países, de todos os continentes. Todavia, para Freire, a opção radical foi sempre pelos oprimidos, pelos mais necessitados. Assim, juntamente com a equipe do IDAC<sup>6</sup>, que ele fundou em Genebra, com um grupo de exilados, decidiu colaborar prioritariamente com os povos da África que estavam construindo penosamente sua emancipação. No livro em co-autoria com o Mário, eu afirmo que Freire “amou a África com um amor de predileção”. Ele soube dar ao seu exílio um sentido de plenitude. Segundo o título do *Pasquim*, “Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda”, ao mesmo tempo em que se tornou, “existencialmente, um bicho universal”, segundo ele próprio, sendo considerado por Roger Garaudy<sup>7</sup>, “o maior pedagogo do século”.

**IHU On-Line - Em suas andanças por palestras e bancas, qual é o Paulo Freire que está presente? Ou quais Paulos Freires estão presentes?**

**Balduino Andreola** - Nos últimos dez anos, participei de muitas bancas, numa média aproximada de uma a

---

<sup>6</sup> Instituto de Ação Cultural (IDAC): fundado em 1971, em Genebra, por Paulo Freire e outros exilados. Até 1979 funcionou realizando trabalhos em torno de educação formal; assessoria a governos em programas de formação de cooperantes e de desenvolvimento; pesquisa/ação na área de mulheres; programas nacionais de planejamento para a alfabetização (em países africanos); consultoria à Organização Mundial de Saúde para programas de saúde primária em países de desenvolvimento e produção de materiais pedagógicos. Em 1980, instituiu-se no Brasil realizando projetos de intervenção sócio-educativa junto a organizações de base e comunidades populares, visando à conquista dos direitos e melhoria da vida cotidiana. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> Roger Garaudy (1913): escritor, filósofo e político francês. É autor de, entre outros, *La pensée de Hegel* (1966) e *Los mitos fundacionales del Estado de Israel* (1995-96). (Nota da *IHU On-Line*)

cada 20 dias. A maioria delas tem a ver com Freire, como referência principal ou importante. Podemos falar em Freire no plural, ou em leituras plurais de Paulo Freire. Lembro experiências, discussões e pesquisas muito criativas, relacionadas com o ensino da Física, da Geografia, da Matemática, de Ciências e de Filosofia. Numerosas dissertações ou teses versavam sobre a educação no Movimento dos Sem Terra (MST)<sup>8</sup>. A variedade das práticas e das pesquisas demonstram que Paulo Freire não está sendo repetido ou copiado, mas sim recriado, com inteligência e imaginação, de acordo com um desafio lançado por ele, numa de suas últimas entrevistas: “Cabe a vocês inventar novas pedagogias”.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a recepção de Freire na Academia?**

**Balduino Andreola** - Não me consta que exista algum levantamento a respeito deste assunto. Não sou muito otimista. Sei que Freire é muito mais estudado na Espanha e nos Estados Unidos do que no Brasil. Existem, porém, universidades que mantêm uma “cátedra Paulo Freire”, como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Universidade Federal da Paraíba. A Universidade Federal de Pernambuco, no Recife, presta todo o apoio ao Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas. Numerosas IES do Rio Grande do Sul sediaram oficialmente as sessões anuais do Fórum Paulo Freire<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> Movimento dos Sem Terra (MST): movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária. Teve origem na oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, principalmente nos anos 1970, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. Contrariamente a este modelo, o MST busca fundamentalmente a redistribuição das terras improdutivas. De 11 a 15 de junho acontece em Brasília, no ginásio de esportes Nilson Nelson, o 5º Congresso do MST. São esperados 17.500 representantes de acampados e assentados de todo o Brasil, segundo previsão dos organizadores. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> Fórum Paulo Freire: de 20 a 22 de maio de 2008, a Unisinos sedia o X Fórum Leituras de Paulo Freire. Um pré-requisito para a participação

como referido acima. Estes são alguns dos muitos exemplos positivos de receptividade para a obra de Freire. Cabe registrar, porém, que em certas universidades o acolhimento não é muito favorável, em nome de opções pós-modernas, pós-estruturalistas, pós-críticas ou de modismos que configuram formas remanescentes de Colonialismo Cultural, ou então um fenômeno necrófilo, denunciado por Afrânio Coutinho<sup>10</sup>. Prefaciando um dos volumes das obras de Anísio Teixeira<sup>11</sup>, ele escreve que nós, brasileiros, somos tristemente famosos por condenar ao esquecimento grandes personalidades da nossa história. A revista *Veja* também refletiu esta mentalidade, pois, logo após a morte de Paulo Freire, candidatou-se rapidamente a “coveira” de sua obra, prevendo que ela teria duração efêmera, o que é amplamente desmentido pelos fatos.

Certos professores proibem a seus orientandos de mestrado ou doutorado que leiam Paulo Freire. Há fundamentalismos inconcebíveis, como o denunciado por Carlos Rodrigues Brandão<sup>12</sup> e Rubem Alves<sup>13</sup>. No livro

---

é a apresentação de um trabalho escrito que articule explicitamente a prática educativa, o objeto de investigação ou a experiência de gestão com o pensamento e a obra de Paulo Freire. Os trabalhos dos fóruns anteriores podem ser encontrados no site

www.forumpaulofreire.com.br. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> **Afrânio Coutinho** (1911-2000): professor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Ocupou a Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras. Sua última obra foi *Do Barroco - ensaios* (1994). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> **Anísio Spínola Teixeira** (1900-1971): advogado, intelectual, educador e escritor brasileiro. De suas obras, destacamos *Educação para a democracia: introdução à administração educacional* (2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> **Carlos Rodrigues Brandão**: psicólogo brasileiro, mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutor pelas Universidades de Perúgia (Itália) e Santiago de Compostela (Espanha), é livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É autor e organizador de 60 obras. Com Rubem Alves escreveu *Encantar o mundo pela palavra* (Campinas: Papyrus, 2006). (Nota da *IHU On-Line*)

deles *Encantar o mundo pela palavra* (São Paulo: Papyrus, 2006), leio:

“Carlos - Veja como a ortodoxia é fundamentalista até nas supostas mentes abertas. Vou dar um exemplo dramático. A Editora Vozes publicou recentemente uma *História da pedagogia brasileira* em três volumes. O terceiro volume é *Educação no século XX*. São 27 artigos de vários educadores brasileiros conhecidos. Não tem nenhum sobre Paulo Freire e a educação popular. Nenhum. Num artigo sobre alfabetização, vi um parágrafo em que se mencionam de passagem o nome dele e um livro de sua autoria. Nem reparei se tem alguma coisa sobre Rubem Alves”. E o Rubem observa: “Isso tem a ver com a questão da linguagem. Conheço pessoas que foram penalizadas em bancas por me citar”. E o Brandão confirma: “Também conheço”. Eu orientei, na UFRGS, uma tese de doutorado sobre Paulo Freire e outra sobre Ernani M. Fiori, que foram recusadas, como costume dizer, metaforicamente, numa universidade de outro planeta. Realmente, a “Academia” tem dogmas e rituais penalizadores nada científicos, nada acadêmicos, nada democráticos, muito mais severos do que os da Inquisição. Onde está a liberdade de pensamento, de palavra? Não podemos gastar tempo e energias nestas polêmicas. Mas não podemos também silenciar tamanhas arbitrariedades de nosso mundo acadêmico.

***IHU On-Line* - Que interlocuções entre Freire e outros pensadores são mais frequentes? Como se dão essas aproximações?**

**Balduino Andreola** - As mais frequentes creio que sejam entre Freire e Habermas<sup>14</sup>. Sobre estas falarei em

---

<sup>13</sup> **Rubem Alves** (1933): psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, autor de livros e artigos sobre temas religiosos, educacionais e existenciais, além de uma série de livros infantis. Com Carlos Rodrigues Brandão é autor de *Encantar o mundo pela palavra* (São Paulo: Papyrus, 2006). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da

seguida. Acho interessante, porém, citar outras, por sua originalidade ou até ineditismo. O Dr. Fernando Becker<sup>15</sup>, da UFRGS, por exemplo, fez em sua tese de doutorado uma interessante aproximação crítica entre Freire e Piaget<sup>16</sup>, salientando afinidades e complementaridades. Recentemente, foi defendida, na UFRGS, por Vicente Zatti, uma dissertação de mestrado orientada pelo Dr. Laetus M. Veit<sup>17</sup>, cujo título é “A educação para a autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire”. Em Blumenau, há uns três anos, foi defendida uma dissertação de mestrado na qual o autor fez uma surpreendente aproximação entre Foucault<sup>18</sup> e Freire.

---

Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> **Fernando Becker**: filósofo brasileiro, especialista em Lógica e Metodologia Científica pela Unisinos, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *Da ação à operação: o caminho da aprendizagem - Jean Piaget e Paulo Freire*, publicada com o mesmo título pela editora DP&A em 1997. É professor na UFRGS. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>16</sup> Jean Piaget (1896-1980): psicólogo, epistemólogo e educador suíço, professor de psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos *Tratado de Psicologia Experimental: a inteligência* (Rio de Janeiro: Forense, v. 7, 1969) e *A Construção do Real na Criança* (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Laetus M. Veit**: filósofo brasileiro, doutor em História pela Universidade Gregoriana de Roma e em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do

Quando citei tal aproximação, numa reunião de professores, uma colega sacudiu a cabeça e disse que tal aproximação é impossível. Da minha parte, achei que as afirmações de Foucault, feitas a partir de suas pesquisas com encarcerados, de que precisamos dar a eles a palavra, têm tudo a ver com Freire, por incrível que possa parecer aos foucaultianos. A aproximação mais original que conheço até hoje foi a que elaborou, na UFPel, em 2006, sob a orientação do Dr. Gomercindo Ghiggi<sup>19</sup>, o sacerdote angolano Martinho Kavaya. A dissertação intitula-se: “Educação, Cultura e Cultura do ‘Amém’: Diálogos do Ondjango com Freire em Ganda-

---

conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura, O nascimento da clínica, As palavras e as coisas, A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *História da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>19</sup> **Gomercindo Ghiggi**: filósofo brasileiro, docente na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), é especialista em Pesquisa Educacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Fenomenologia da Educação, pela UFPEL, e em Filosofia da Educação, pela Universidade de Passo Fundo (UPF). cursou mestrado em Filosofia na PUCRS e doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese *A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação*. Escreveu *A Pedagogia da Autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação* (Pelotas: Seiva Publicações, 2002). Confira nesta edição a entrevista concedida por Ghiggi: “Para negar autoritarismos, temos nos tornado freirianos”. (Nota da *IHU On-Line*)

Benguela/ANGOLA”. Enquanto estou escrevendo, o Prof. Alceu me comunica uma nova aproximação Trata-se de um artigo de Maurício Rodrigues de Souza<sup>20</sup>, intitulado “Por uma educação antropológica: Comparando idéias de Bronislaw Malinowski<sup>21</sup> e Paulo Freire” (*Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, n° 33, p. 487-496, set./dez. 2006). Quanto às aproximações entre Freire e Habermas, conheço várias. Há uns dois anos, foi defendida, na USP, uma tese de doutorado na qual o autor fazia uma aproximação entre Freire e Habermas no campo da ética. Na minha argüição, fugindo ao estilo acadêmico, arrisquei uma classificação das várias aproximações que conheço, em quatro categorias, que denominei jocosamente: 1. Aproximações antibióticas; 2. Aproximações biotônicas; 3. Aproximações simbiótico-idealistas; 4. Aproximações simbiótico-dialéticas. Traduzindo em linguagem mais acadêmica, a primeira categoria, é a dos que usam Habermas para contrapô-lo a Paulo Freire, considerado por eles desatualizado. Quem afirmou várias vezes que Habermas é usado, no Brasil, para contrapô-lo a Freire, foi o

<sup>20</sup> **Maurício Rodrigues de Souza**: psicólogo brasileiro, mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>21</sup> **Bronislaw Kasper Malinowski** (1884 -1942): antropólogo polaco considerado um dos fundadores da moderna antropologia social, também conhecida como a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach. Segundo o antropólogo Ernest Gellner, Malinowski tomou uma posição original em relação aos conflitos de idéias do seu tempo. Ele não repudiou o nacionalismo, uma das ideologias nascentes e marcantes do século XIX, mas fusionou o romantismo com o positivismo de uma nova maneira, tornando possível investigar as velhas comunidades, porém, ao mesmo tempo, recusando conferir autoridade ao passado. A principal contribuição de Malinowski à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente, com o povo Mailu (1915) e, posteriormente, com os nativos das Ilhas Trobriand (1915- 1917). (Nota da IHU On-Line)

filósofo Hans G.Flickinger<sup>22</sup>. Por aproximações biotônicas, entendo as daqueles intelectuais que consideram a obra de Freire filosófica ou cientificamente pouco consistente. Deste modo, com algumas injeções filosóficas ou científicas de Marx, Morin<sup>23</sup>, Hegel<sup>24</sup> ou, melhor ainda, de Habermas em Freire, ele pode tornar-se mais consistente, e ser aceito, assim, pela “Academia”. As aproximações simbiótico-idealistas são as que vêem entre os dois apenas afinidades, convergências e complementariedades. Finalmente, as aproximações simbiótico-dialéticas, como a que opera Jaime Zitkoski<sup>25</sup>, em sua tese de doutorado, são as que

<sup>22</sup> **Hans G.Flickinger**: filósofo alemão, docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e na Universidade de Kassel, Alemanha. É um dos autores de *Teoria de auto-organização - As raízes da interpretação construtivista do conhecimento* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994) e *Macht/Autorität/Institution* (Kassel: 1998). (Nota da IHU On-Line)

<sup>23</sup> **Edgar Morin**: sociólogo francês, autor da célebre coleção *O método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre “O método”*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O método*, é autor de, entre outros, *A relação dos saberes. O desafio do século XXI* (São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

<sup>24</sup> **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *Fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial n° 217m de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. (Nota da IHU On-Line)

<sup>25</sup> **Jaime Zitkoski**: filósofo brasileiro, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a tese *Horizontes da refundamentação em Educação Popular: Uma proposta com base na razão dialógica de Freire e razão*

consideram que existem, sim, afinidades, convergências e complementariedades, entre Freire e Habermas, mas analisam também as diferenças, algumas pequenas, outras maiores, e, finalmente, as profundas e inconciliáveis, entre uma obra individual de um autor, Habermas, construída a partir de uma visão eurocêntrica, e a de Freire, que elabora a *Pedagogia do oprimido*, no diálogo com os sujeitos históricos, os oprimidos ou “condenados da Terra”, segundo Fanon<sup>26</sup>, da América Latina e do mundo, no contexto de um processo continental de libertação, violentamente reprimido e sufocado pelos regimes militares, e que tem suas expressões teóricas numa Filosofia da Libertação, na Teologia da Libertação<sup>27</sup>, numa Pedagogia da Libertação, na Psicoterapia do Oprimido de Alfredo Moffat<sup>28</sup>, no *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal<sup>29</sup>, e numa gama imensa de obras que teorizam a práxis histórica da

---

*comunicativa de Habermas*. É autor de *O Método Fenomenológico de Husserl* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994) e *Horizontes da (re)fundamentação em Educação Popular: um diálogo entre Freire e Habermas* (Frederico Westphalen: URI, 2000). Zitkoski apresentou o livro *A reinvenção do mundo: um adeus ao século XX*, de Jean-Claude Guillebaud, no evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU em 25-05-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> Frantz Fanon (1925-1961): nasceu na ilha de Martinica, território francês, situado na América Central. Formou-se em Medicina, em 1951. Escreveu *Os condenados da terra* (2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>27</sup> *Teologia da Libertação*: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da *IHU On-Line*, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>28</sup> MOFFAT, Alfredo. *Psicoterapia do Oprimido* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1981). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> Augusto Boal (1931): dramaturgo, ensaísta e escritor brasileiro. Tem expressiva obra dramática, além de ser conhecido internacionalmente, com traduções em mais de vinte línguas, de suas teorias acerca do Teatro do oprimido. (Nota da *IHU On-Line*)

Educação Popular e dos movimentos populares, entre os quais se distingue o MST.

***IHU On-Line* - Quais são as aproximações que o senhor faz em sua tese sobre Emmanuel Mounier e Paulo Freire? Poderia explicar a idéia de uma pedagogia da pessoa e da comunidade?**

Balduino Andreola - Mounier<sup>30</sup> exerceu uma influência muito grande nos cristãos de esquerda, ou cristãos socialistas, na América Latina, antes dos golpes militares. Insatisfeitos com os limites do “Humanismo Integral”, de Maritain<sup>31</sup>, que se fechava ainda numa concepção de Cristandade e dos partidos democristãos, descobriram a abertura da concepção política de Mounier, na perspectiva da Laicidade, como presença e engajamento dos cristãos nas estruturas profanas da sociedade. Também Freire leu Mounier, naquela época. Em minha tese, eu não me preocupei, porém, de estudar possíveis influências de Mounier na obra de Freire. Meu objetivo foi o de buscar convergências e complementariedades, na perspectiva de uma educação fundamentada na filosofia da pessoa, da comunidade e da solidariedade humana. As categorias “pessoa” e

---

<sup>30</sup> Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> Jacques Maritain (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da *IHU On-Line*)

“comunidade” são fundantes, na obra de Mounier. O “Personalismo”, como filosofia da pessoa e como processo histórico, liderado por Mounier, tendo na revista *Esprit*<sup>32</sup>, desde 1932, seu veículo principal, significou um movimento amplo, de sentido intelectual e revolucionário. Além destas convergências, eu busquei também, em Freire e Mounier, as contribuições para o diálogo intercultural. Para o diálogo de Freire com a África, eu me baseei, em minha tese, principalmente no livro *Cartas à Guiné-Bissau*; para o de Mounier, em seu livro *L’veil de l’Afrique Noire*. Após a defesa de minha tese, em 1985, retomei os quatro volumes das obras de Mounier, e fiz uma seleção dos textos que tratam do binômio “opressão/libertação”. Através de minha releitura, embora apressada, reuni mais de trezentos textos. De qualquer modo, acho que faz falta, na Academia, promovermos a discussão da filosofia ou das filosofias da pessoa, pois vivemos imersos, como o peixe na água, numa cultura do liberalismo e do capitalismo, que absolutizam o indivíduo. Fala-se muito em pessoa, mas inconscientemente se pensa no indivíduo e em relações individualistas. A Academia cochila muito, nas suas sonolências e ambigüidades teóricas e políticas.

**IHU On-Line - Que contribuições de Ernani M. Fiori o senhor destacaria para a pedagogia da libertação? Como Paulo Freire entra nessa questão?**

**Balduino Andreola** - Fiori contribuiu muito, segundo depoimentos verbais ou escritos do próprio Freire. Eles conviveram e dialogaram muito durante o exílio chileno. Freire pediu a Fiori que escrevesse o prefácio para o seu livro mais importante, *Pedagogia do oprimido*. O título daquele prefácio, “Aprender a dizer a sua palavra”, sintetiza não apenas o prefácio, mas todo o sentido da pedagogia de Freire. O próprio Freire considerava aquele escrito tão rico e profundo que disse, jocosamente: “Em

<sup>32</sup> *Esprit*: revista fundada pelo filósofo francês Emmanuel Mounier e que continua a ser editada. (Nota da IHU On-Line)

próximas edições pensei até em colocar o livro como prefácio, e o prefácio como livro”. Documentando com eloqüência a contribuição de Fiori para a teoria e a práxis da libertação, temos ainda, em suas obras, as conferências “Conscientização e educação”, proferida em Washington, em 1970, e “Educação Libertadora”, no Panamá, em 1971. Em 1985 eu ouvi pessoalmente, na Bélgica, do filósofo nicaraguense Alejandro Serrano Caldera<sup>33</sup> que os líderes da Revolução Nicaraguense se sentiam muito agradecidos pelas contribuições recebidas do Ernani, através de seminários de que eles participavam no Panamá. Um registro histórico importante foi a fundação, em Porto Alegre, em 1963, do Instituto de Cultura Popular, idealizado pelo Ernani para garantir a continuidade dos projetos de cultura e educação popular. O Instituto foi fundado no dia 14 de dezembro, e ele foi eleito presidente. Paulo Freire, algum tempo antes, estivera em Porto Alegre, acompanhando o ministro da Educação, Júlio Sambaqui<sup>34</sup>, para tratarem com o Ernani as condições e o apoio para a criação daquele Instituto. Um último registro. Eu ouvi de dois pedagogos do MST, Frei Sérgio Görden<sup>35</sup> e Pe. Paulo Cerioli<sup>36</sup>, e, a meu pedido, eles colocaram por escrito,

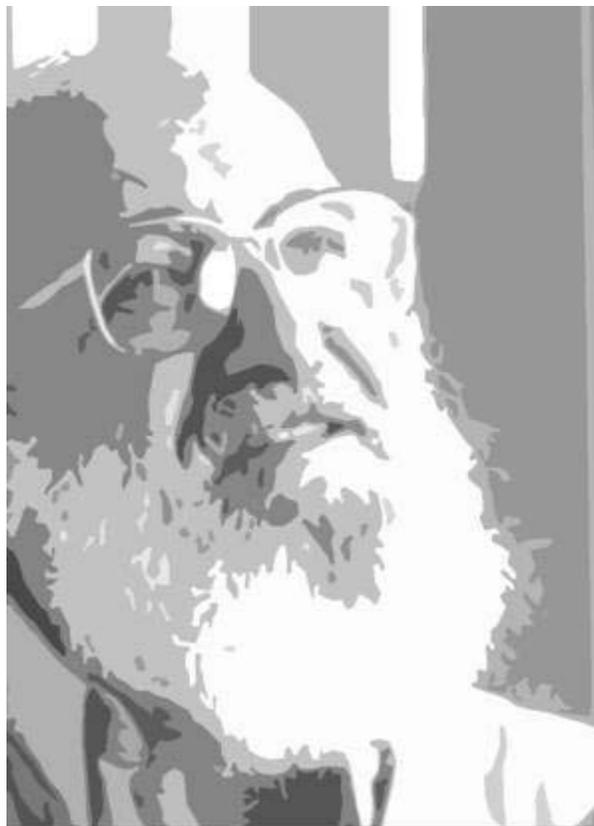
<sup>33</sup> **Alejandro Serrano Caldera**: filósofo, político e intelectual nicaraguense. Publicou, entre outros, *Filosofia e crise : Pela filosofia latino-americana* (Petrópolis: Vozes, 1984) e *Os dilemas da democracia* (São Leopoldo: UNISINOS, 1996). (Nota da IHU On-Line)

<sup>34</sup> **Júlio Sambaqui** (1906-1982): ministro da Educação e Cultura no governo João Goulart, de outubro de 1963 até o golpe militar de abril de 1964. (Nota da IHU On-Line)

<sup>35</sup> **Sérgio Görden**: deputado pelo PT gaúcho. Frei franciscano, mantém a atuação como militante e assessor dos movimentos que compõem a Via Campesina - Brasil, nas ações de massa, jurídicas e assessoramento contra os transgênicos. A atuação pastoral, militante e intelectual resultou na publicação de diversos livros, entre outros: *O Massacre da Fazenda Santa Elmira* (Porto Alegre: Editora Vozes, 1989), *A Resistência dos Pequenos Gigantes* (Porto Alegre: Editora Vozes, 1998) e *Riscos dos Transgênicos* (Porto Alegre: Editora Vozes, 2000). (Nota da IHU On-Line)

<sup>36</sup> **Paulo Cerioli**: professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Francisca (EST), em São Leopoldo. É de sua autoria

seus depoimentos, de que devem principalmente às lições de Ernani M. Fiori estarem hoje na linha de frente, com os trabalhadores pobres, com os oprimidos, na luta em defesa da dignidade humana e da libertação. São testemunhos eloqüentes de que a repressão, os exílios e as ditaduras não conseguiram matar os sonhos, sufocar a esperança e deletar a História.



---

Educação para a cooperação: experiência do curso técnico em Administração de cooperativas do MST (São Leopoldo: UNISINOS-RS, 1997), monografia do Curso de Especialização Superior em Cooperativismo. (Nota da *IHU On-Line*)

## Freire, Fiori, a formação humanística e a filosofia

ENTREVISTA COM GILBERTO KRONBAUER

*“Freire é um grande filósofo da educação, da filosofia aplicada à educação, que reflete criticamente acerca da práxis educativa e visa dar-lhe suporte filosófico.” A afirmação é do Prof. Dr. Gilberto Kronbauer, docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e no PPG em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (FAFIMC), cursou mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a tese Da idéia de pessoa à concepção pedagógica - o pensamento filosófico e educativo de Ernani M. Fiori. É autor de inúmeros artigos e capítulos de livros, além da obra Ernani M. Fiori - Uma Filosofia da Educação Popular (São Leopoldo: Unisinos, 2003). A edição 4 dos Cadernos IHU Idéias, intitulada Uma filosofia da educação popular é de autoria de Kronbauer. Confira, abaixo, a íntegra da entrevista.*

**IHU On-Line - Como o senhor relaciona o pensamento de Paulo Freire e o ensino do humanismo na universidade?**

**Gilberto Kronbauer** - Há relações possíveis, talvez não diretas, entre aquilo que se faz na Unisinos como formação humanística e o que Freire propôs. Quando se lê atentamente um texto de Freire, percebe-se que ele sempre apresenta traços de uma concepção antropológica como referência para as suas propostas educativas em situações concretas, isto é, também o contexto sociocultural está continuamente presente. E, justamente devido à concepção antropológica, sua forma de pensar a educação é intrinsecamente ética. Por vezes, ele explicita mais um, por vezes mais outro desses três eixos, que também são os eixos temáticos da proposta de formação humanística. Mas existe ainda uma segunda forma de relação, menos perceptível à primeira vista e, provavelmente, com maior repercussão pedagógica. Trata-se do modo de trabalhar ou do método. Aí está uma das convicções pedagógicas coincidentes: o “como fazer” é decisivo. O método tem

importância fundamental. No caso da formação humanística, ele deve andar perfeitamente sintonizado com os conteúdos. E a característica central do método é a dialogicidade. Embora haja diretrizes que caracterizam cada atividade de formação, o conteúdo não pode ser visto como fim em si mesmo: ele é meio e ocasião para a busca de cada um, com-os-outros, em diálogo. Também no “método” de alfabetização, proposto por Freire, a aprendizagem da leitura e da escrita não é um fim. Tal aprendizagem é o início de um processo de qualificação contínua do ser humano e condição para que ele desenvolva algumas habilidades indispensáveis para a conquista do direito de ser o sujeito de sua destinação histórica. Direito que, segundo Freire, é negado à maioria das pessoas na situação presente. Na formação humanística, também se visa a oportunizar as condições para que cada estudante desenvolva a habilidade de pensar por conta própria e com critérios acadêmicos bem elaborados, a fim de poder posicionar-se com autonomia diante da situação cultural e socioeconômica que lhe cabe viver juntamente com os outros, e, porque não,

agir para transformá-la.

**IHU On-Line - Poderia apresentar algumas idéias filosóficas presentes na obra de Paulo Freire? Gilberto Kronbauer** - Freire é um humanista que se alinha com a tradição clássica, socrática, tanto em termos de concepção antropológica como na forma de procedimento pedagógico. Não se sabe ao certo se Sócrates era mesmo dialógico, mas aquilo que se entende hoje como diálogo socrático, por exemplo, na perspectiva de Gadamer<sup>37</sup>, é precisamente o diálogo pedagógico proposto por Freire. Por outro lado, pode-se mapear várias apropriações e reelaborações da filosofia moderna e contemporânea, e a forma de sua aplicação à pedagogia. Iniciando por Hegel e Marx. Quem conhece a dialética do “senhor e do servo”, da *Fenomenologia do espírito*<sup>38</sup>, de Hegel, e lê a “Justificação da Pedagogia

---

<sup>37</sup> Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997, faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18 de março de 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>38</sup> *Fenomenologia do espírito*: Publicada em 1807 pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), é uma das obras mais importantes desse pensador, considerada por ele mesmo como fundamental para a compreensão de seus escritos posteriores. A *Fenomenologia* é a primeira publicação que abarca a concepção hegeliana da Filosofia como sistema. Nela, Hegel expõe o conceito de dialética, ao mesmo tempo em que trata do aparecimento do Espírito no mundo e o desenvolvimento da autoconsciência individual. A apresentação do sistema, porém, só é elaborada em detalhes posteriormente, na *Ciência da Lógica*, obra publicada em dois volumes em 1812 e 1816. Nesta obra, Hegel rompe com dualismos e fundamenta seu idealismo objetivo (ou absoluto). A tradução da *Fenomenologia* para o português foi realizada pelo Prof. Dr. Paulo Gaspar de Meneses, SJ: *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992, 2 vols. Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha. Amigo de Friedrich Schelling, foi influenciado pela leitura de Spinoza, Kant e Rousseau, entre outros. Considerado como o ápice do movimento idealista alemão, estudou no seminário de Tübingen com o poeta Friedrich Hölderlin e Schelling. Iniciou sua carreira universitária na Universidade de Jena, onde lecionou em 1801 a 1806. Após a vitória de Napoleão, Hegel abandonou Jena e se tornou reitor da escola de latim em Nuremberg. Em 1816

do oprimido”, percebe imediatamente a relação direta entre ambas e a presença da reflexão do professor Fiori, esse exímio conhecedor de Hegel e colega de muitas e longas conversas - para domesticar a saudade - no exílio, mais precisamente, no Chile, onde nasceu a “Pedagogia do oprimido”, nos idos de 1967. Parece, no entanto, que a presença da referida dialética apresenta traços das leituras de Marx e teóricos da Escola de Frankfurt. Isso fica bem claro em várias passagens do referido texto. Freire afirma, por exemplo, que o que caracteriza os oprimidos, como consciência servil, em relação à consciência do senhor, é que eles quase se coisificam, transformando-se em “consciência para outro”. Nessa situação, a solidariedade para com os oprimidos consiste em lutar, com eles, para transformar a realidade objetiva que os torna “ser para outro”. Nessa passagem, mostra-se que a leitura que ele faz do texto de Hegel parte da Teoria Crítica da sociedade. Em outras passagens, ele mostra haver adotado a análise psicológica, de Erich Fromm<sup>39</sup>, quando trata da relação opressor-oprimido. Por outro lado, para que a conscientização seja possível mesmo em condições desumanas de vida, Freire supõe a capacidade que a consciência humana tem de transcender as situações vividas e objetivá-las. Trata-se da concepção fenomenológica de intencionalidade da consciência, ou dessa capacidade que a consciência tem de presentificar o objeto e significá-lo. Freire usa aí a metáfora da admiração, da e-mersão do real, quer dizer, da capacidade de transcender e objetivar. Nesse particular penso que a influência mais direta foi a de Jean-Paul Sartre, que em

---

ocupou uma cátedra em Heidelberg. Sucedeu Fichte como professor de filosofia em Berlim em 1818, posto que ocupou até sua morte. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>39</sup> Erich Fromm (1900-1980): um dos mais destacados teóricos da psicanálise contemporânea. Pode-se dizer que Fromm foi o primeiro pensador a estabelecer um ponte entre Freud e Marx, sem contudo abandonar os pressupostos psicanalíticos sobre o mecanismo de formação das personalidades. (Nota da *IHU On-Line*)

seu existencialismo consegue mover-se entre a fenomenologia e a dialética marxista. Outra influência vigorosa é a do personalismo enquanto concepção antropológica e forma de compreensão do socialismo, de um socialismo personalista, como afirma Fiori em sua defesa oral diante da Comissão Plenária que o julgou e expulsou UFRGS em 1964. Penso que o grande problema filosófico em Freire é a conciliação entre a fenomenologia da consciência e a dialética de cunho marxista; entre a intencionalidade da consciência e o materialismo histórico, dificuldade que aparece na ambigüidade do significado de expressões como “realidade objetiva”, por exemplo. Trata-se da objetividade da realidade no sentido husserliano<sup>40</sup> ou da objetividade da realidade social concreta, a ser objeto da ação transformadora da práxis humana.

***IHU On-Line* - E quais são as principais contribuições de Freire para a Filosofia? Como dialogam a sua pedagogia crítica e a tradição filosófica?**

**Gilberto Kronbauer** - Será que se pode falar de contribuições de Freire para a filosofia ou de sua forma de lidar com a filosofia? Freire lida com a filosofia ao modo de um pedagogo, cujo interesse central é a educação. O acento da filosofia está mais no “por quê” e na pedagogia de “o que fazer” e “como”. E nem poderia ser diferente. A pedagogia, enquanto tematiza a educação e a ela se volta, tem a característica do saber prático. Ela é intrinsecamente pragmática, mas precisa de uma legitimação antropológica, epistemológica e ética, que vai buscar na filosofia. Penso que, nesse

---

<sup>40</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

sentido, Freire é também um grande filósofo da educação, da filosofia aplicada à educação, que reflete criticamente acerca da práxis educativa e visa a dar-lhe suporte filosófico. E não é nenhum demérito afirmar que Freire não contribuiu para a filosofia, de modo geral, mas contribui especificamente com a filosofia da educação, da práxis. Ele apresenta uma forma de pensar a educação que tem estofamento filosófico porque parte da máxima de que toda prática educativa, além de se dar numa situação histórico-cultural concreta ou de ser datada e circunstanciada, sempre é a prática de uma concepção de ser humano e de conhecimento e, que por isso mesmo, é intrinsecamente ética. Aliás, voltando novamente à primeira questão, em termos de arquitetura reflexiva, tem-se mais uma vez aí a relação entre o pensamento de Freire e a concepção de formação humanística das Universidades sob a inspiração da AUSJAL<sup>41</sup>.

***IHU On-Line* - Num cenário latino-americano, como se complementam e dialogam as idéias de Fiori e Freire?**

**Gilberto Kronbauer** - O caso talvez não seja de complementaridade, mas de influência mútua, sendo que cada qual continua seguindo o seu próprio caminho. A parceria nasceu em torno das questões da educação e da cultura popular, no início da década de 1960. O Ministério da Educação do governo Jango<sup>42</sup> adotou o

---

<sup>41</sup> AUSJAL: Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América. É um organismo voluntário de caráter internacional que atualmente congrega 27 universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>42</sup> João Belchior Marques Goulart (1918-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o Brasil, conflitos sociais e greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). Sobre Jango, a *IHU On-Line* entrevistou Marieta de Moraes Ferreira, disponível nas Notícias do Dia em 16-12-2006, no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

projeto de alfabetização de Freire. Viajando pelo Brasil, numa dessas vindas para Porto Alegre, Freire foi apresentado ao Prof. Fiori e, desde então houve um convívio de profunda amizade e uma influência mútua muito produtiva. Fiori, por exemplo, desde jovem interessado nas questões sociais nacionais, já desde os tempos de aluno do Pe. Werner<sup>43</sup> no Anchieta, era conhecido principalmente como professor de metafísica clássica na universidade. Mas ele vai se engajando nas questões sociais e populares. Em dezembro de 1963, participa da criação do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, do qual foi o primeiro e único presidente de um mandato de poucos meses, quando sobreveio a ditadura e o seu expurgo da UFRGS. Desde então, o convívio com Freire se intensifica e adensa. Ambos cassados e exilados no Chile, dedicam-se cada qual ao que melhor sabiam fazer: Fiori na academia, Freire indo mais diretamente a campo, mas ambos pensando a educação popular, a conscientização, a pedagogia do oprimido, o que implica em terem que pensar a mediação das mesmas: a cultura popular.

#### ***IHU On-Line - Teologia da Libertação e Pedagogia do Oprimido. Como interagem essa corrente da teologia católica e essa obra de Freire?***

**Gilberto Kronbauer** - Penso que há um fundo metodológico comum e o compartilhamento de uma causa comum, bem como uma leitura da realidade latino-americana na perspectiva do mesmo referencial teórico, que não é necessariamente o marxismo, mas a sua influência em diversas teorias sociais e políticas. Mas o fundamental é que, em ambos os casos, o ponto de partida é a realidade cotidiana do povo, entenda-se, dos

---

<sup>43</sup> Pe. Werner: jesuíta, professor do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, reconhecido por todos os seus inumeráveis e ilustres discípulos como extraordinário orientador cultural e encantador guia moral. Em sua homenagem, a Unisinos nomeou seu auditório em seu nome. (Nota da *IHU On-Line*)

pobres. Ler o texto sagrado e a tradição humanista sob essa perspectiva é o ponto em comum mais forte entre ambas.

#### ***IHU On-Line - O senhor poderia recuperar um pouco das principais idéias da *Pedagogia do oprimido* e o contexto em que a obra surgiu? Qual é a atualidade dessas proposições?***

**Gilberto Kronbauer** - Principais idéias? Em se tratando de uma obra de Freire, isso não é tarefa fácil, à medida que ele tem um jeito de pensar, de escrever, que vai levando de roldão uma multiplicidade de questões, relacionando-as dialeticamente, retomando-as a partir de um outro patamar, que um leitor desavisado tem a sensação de repetição e, por vezes, confusão. Já se fez alusão anterior à “justificativa da pedagogia do oprimido”. Nela, aparece claramente a maneira de Freire pensar a realidade na década de 1960. A bipolaridade opressor-oprimido estrutura as tematizações da situação socioeconômica e cultural. Mas a conclusão do referido capítulo mostra que o conceito central do processo de libertação é a “comunhão”, quando afirma que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. A segunda parte talvez possa ser lida em torno do conceito de diálogo, pressupondo o reconhecimento da finitude e da historicidade do ser humano, ou a consciência da inconclusão. O diálogo é próprio daquele que reconhece que sua perspectiva é parcial e que ele pode aprender com os outros. Por isso, a crítica à concepção bancária de ensino, que afirma a prepotência do saber do professor, e a apresentação de uma educação problematizadora e libertadora têm sua base na dialogicidade do ser humano e, conseqüentemente, numa aposta metodológica: o diálogo pedagógico. Isso conduz Freire a retomar continuamente a conhecida citação, que é título de um item do segundo capítulo da obra em questão: “Ninguém educa ninguém, ninguém se

educa sozinho: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Na terceira parte do livro, Freire mostra o vigor metodológico do diálogo ou da “dialogicidade” como essência da educação e como prática da liberdade. Mas o que chama especial atenção ao leitor do século XXI é que, além do convívio dialógico precisar se fazer presente desde o início do processo de constituição do “círculo de cultura” para se chegar às “palavras geradoras”, ou aos temas geradores da investigação, Fiori apresenta em seu prefácio algo extremamente atual, aproximando Freire da virada lingüística em curso na filosofia. Aparece, então, a valorização da linguagem como prenúncio da virada lingüístico-pragmática em curso na filosofia. Fiori mostra que “o mundo” a ser decodificado e codificado em diálogo nos círculos de cultura é “mundo-linguagem”. A linguagem é o meio no qual os dialogantes se encontram e no qual eles tentam se entender uns com os outros sobre o que está em questão. Isso significa que a compreensão do mundo é um acontecimento que se efetiva na linguagem, porque é ela que faz com que aquilo que está em questão venha à palavra, no universo lingüístico própria aos dialogantes. Por isso é que as *palavras geradoras*, escolhidas do mundo vivido dos alfabetizandos, por poucas que sejam, trazem em si toda a riqueza deste mundo, incluindo suas ambigüidades. As *palavras geradoras* emergem do centro da vida comum, do mundo vivido, e é por meio do todo desse mundo, com que estão em relação, que tais palavras significam algo. É como se cada palavra deixasse aparecer o todo da linguagem a qual ela pertence e fizesse vir à tona o todo da “visão de mundo que a ela subjaz”. Devido a essa concepção de linguagem, Fiori entende que as *técnicas do método* ‘estilizam pedagogicamente o processo no qual o ser humano se constitui historicamente. A tomada

de consciência desse processo começa pelas “palavras geradoras”, que são geradoras porque trazem em si uma carga semântica ampla do mundo dos alfabetizandos. Assim, a linguagem, que é constitutiva do humano, também é mediação da tomada de consciência, porque as palavras “significam uma relação com o ‘todo do ser’ e permitem que essa relação venha à fala”. Leve-se em consideração que a palavra é essencialmente diálogo, e o ser humano está, desde sempre, na relação com o outro, sendo intersubjetivo de origem. A tomada de consciência dessa condição de sujeito, de ser-com-os-outros, finalidade da conscientização, sempre é relativa aos outros sujeitos, em um “mundo-linguagem” comum. Esta me parece a grande novidade do método freiriano e que ainda foi pouco explorada pelos teóricos da educação.

***IHU On-Line - Como é possível educar para a liberdade e para a autonomia hoje, na sociedade individualista em que vivemos?***

**Gilberto Kronbauer** - É quase uma contradição falar de sociedade individualista porque o individualismo extremado é o fim da sociedade. Por outro lado, porém, o individualismo não representa o fim de toda e qualquer liberdade, antes pelo contrário: o espírito gregário é que inibe a liberdade. Isso posto, prefiro falar da educação para a autonomia em qualquer contexto de convívio social, entendendo que o conceito de autonomia é inseparável do conceito de esclarecimento e, portanto, ele é tipicamente moderno. “Aufklärung” significa atingir a maioria, pensar por si mesmo, ousar saber; significa autonomia no saber e no agir. Era precisamente esse o ideal posto em marcha na América Latina naquelas décadas de 1960 e 1970.

## “Experimentei com Paulo Freire o verdadeiro sentido do que é participação”

POR ANA MARIA SAUL

*Para a pedagoga brasileira Ana Maria Saul, Paulo Freire “sempre tinha algo novo a propor”. A professora destaca que seu objetivo era a construção de uma escola pública, popular e democrática. No entanto, ela ressalta que o educador sempre enfatizou que, para ocorrerem mudanças, “era fundamental que a escola quisesse mudar a sua cara”. As declarações fazem parte do artigo a seguir, exclusivo, enviado por e-mail para a IHU On-Line.*

*Docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Saul é graduada em Pedagogia, mestre e doutora em Educação pela mesma instituição. Sua tese intitulou-se Avaliação emancipatória: uma proposta democrática para reformulação de um curso de pós-graduação. Atualmente, desenvolve o projeto de pesquisa A presença de Paulo Freire na educação brasileira: análise de sistemas públicos de ensino, a partir da década de 90. É autora de Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares (São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola, 2000) e Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo (7. ed. São Paulo: Cortez, 2006). É organizadora de Paulo Freire e a formação de pessoas educadoras: enfoques diversos (Valência: CREC, 2006) e uma das organizadoras da obra Paulo Freire: um pensamento atual para compreender e pesquisar questões do nosso tempo (São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola, 2005).*

Tive a grande felicidade de partilhar com ele, pelo período de quase duas décadas, o espaço da sala de aula, dirigindo os seminários das terças-feiras à tarde. A presença de Paulo Freire, na sala de aula, sempre foi muito querida, marcante e significativa. Raramente, ele era o primeiro a falar. Ele ouvia, atento e respeitosamente, as argumentações dos alunos e ficava à vontade para interferir, no momento que julgasse oportuno, ou quando alguém do grupo a ele se dirigia. Neste momento, ele começava a falar calmamente, gesticulando com as mãos, procurando sempre tocar, delicadamente, o braço ou o ombro de quem estivesse

mais próximo dele, na roda da sala de aula, como se, com este gesto afetivo, ele se fizesse entender melhor. Então, ouvíamos sua voz pausada que revelava, porém, uma postura forte que convidava a pensar sobre os desafios por ele apresentados, na direção de uma leitura crítica do mundo, na defesa intransigente da ética do ser humano e da luta em favor dos oprimidos.

A grande oportunidade que tive de conviver e aprender com Paulo Freire, na universidade, ampliou-se e aprofundou-se quando fui por ele convidada para dirigir a reorientação curricular da Secretaria Municipal de

Educação do Município de São Paulo<sup>44</sup> e coordenar o programa de formação permanente dos educadores. Trabalhar na equipe Paulo Freire, enquanto Secretário da Educação, foi uma experiência inusitada.

Em nossos encontros de quase todas as manhãs, no seu gabinete, em um edifício da Avenida Paulista, eu encontrava um homem alto, elegante, de terno e gravata, cabelos brancos, quase sempre longos, com suaves ondulações sobre os ombros. Bem disposto, chegava com pontualidade nas primeiras horas da manhã. Mostrava sempre a sua preocupação com os aspectos mais gerais da política educacional. Surpreendia-me o modo criativo e concreto com que ele tratava o cotidiano. Quem imagina o Secretário Paulo Freire como alguém que manejava tão somente as diretrizes mais gerais da Secretaria da Educação, engana-se.

Com a experiência dos seus setenta anos e com a autoridade de um saber, reconhecido por muitos povos do mundo, tinha sempre algo novo a propor, na perspectiva de colocar em ação a política mais geral, avançando passo a passo, rumo à construção de uma escola pública, popular e democrática.

No dizer coloquial de Paulo Freire, era preciso “mudar a cara da escola”; no entanto, era fundamental que a escola quisesse mudar a sua cara e por isso precisava ser respeitada, consultada, fazendo-se sujeito de sua própria história. Por isso, ele indagava com detalhes sobre cada programa em desenvolvimento; ficava absolutamente atento à leitura da realidade, aos avanços e dificuldades, demonstrando profundo respeito pela história e vivendo um tempo de mudança com paciência/impaciente.

---

<sup>44</sup> Paulo Freire assumiu a pasta da Educação do Município de São Paulo, em 1989, a convite da Prefeita Luiza Erundina de Sousa. (Nota da Entrevistada)

Entusiasmava-se com cada pequeno avanço; o relato de simples ações de escolas que evidenciavam estar caminhando na direção de uma escola séria na produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, alegre e democrática, era o suficiente para mantê-lo animado e estimulado. Desafiava-me sempre com novos projetos, quase todos, ousados. Parecia que reservava a noite para sonhá-los e explodi-los, no dia seguinte, com o raiar de um novo dia, numa atmosfera que tinha clareza de propósitos, determinação, alegria e esperança.

A cada novo projeto, exibia no olhar o brilho e a excitação de um menino. Toda a sua criação ousada, todavia, era cercada por uma moldura democrática onde o diálogo sempre foi a pedra fundamental. Paulo Freire queria ouvir sempre e atentamente a posição de sua equipe sobre todas as propostas. Ouvia ponderações, recriava suas propostas, estimulava e dava espaço a novas proposições; externava preocupações, colocava parâmetros.

Experimentei com Paulo Freire o verdadeiro sentido do que é participação. Muito ao contrário da falsa participação que manipula colaboradores, centralizando todas as decisões nas mãos do chefe e delegando apenas a execução de tarefas, a participação, na equipe de Paulo Freire, assumiu o mais radical dos significados, caracterizando-se verdadeiramente como uma participação em nível político. Isto significou, efetivamente, compartilhar decisões. E observe-se que chamar a equipe para integrar o processo de tomada de decisão implicava, necessariamente, uma divisão do poder do dirigente. É isto! Paulo Freire dividia o seu poder de Secretário de Educação com sua equipe, na Secretaria. Fazia isso com tranquilidade, mas, sobretudo, por convicção política. Importante destacar que isso não o ameaçava ou o tornava “menos poderoso”. Ao contrário, como ele mesmo dizia em tom muito bem

humorado: “Sou o secretário que menos tem poder e, por isso, contraditoriamente, sou o que tem mais poder”.

No cotidiano difícil, demandante, desafiador da educação na cidade de São Paulo, na construção de uma gestão democrática, a equipe de Paulo Freire pôde experimentar a sua disposição para o diálogo, a tolerância, uma paciência/impaciente e um toque de paixão em tudo o que ele fazia.

Assim posso sintetizar a minha vivência, ao trabalhar com Paulo Freire, enquanto gestor de uma rede pública de educação: um grande aprendizado de política, de teoria e de prática. Mais do que um aprendizado, o privilégio de aprender lições de vida com um homem que surpreendia, especialmente pela sua coerência.

Após o seu falecimento, em sua homenagem, a PUC/SP criou, no 2º semestre de 1998, a Cátedra Paulo Freire, sob a direção do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.

Na PUC/SP, temos entendido a Cátedra como um espaço para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre/e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teóricas e práticas na área da educação e a potencialidade de sua pedagogia fecundar novos pensamentos. Em outras palavras, homenageamos Paulo Freire do jeito que entendemos que ele gostaria de ser homenageado, estudando com rigorosidade o seu pensamento, para compreendê-lo e para recriá-lo.

A Cátedra Paulo Freire da PUC/SP oferece, semestralmente, cursos em nível de Pós-Graduação. Recebe, também, estudantes que ainda não estão formalmente vinculados a esse nível de ensino. Desenvolve-se, na Cátedra, uma metodologia que contempla “múltiplos itinerários”, o que significa dar atenção a diferentes focos de trabalho/pesquisa, em

acordo com interesses e demandas dos objetos de investigação dos alunos, referenciados pela pedagogia freiriana, desenvolvendo-os. O método de trabalho, na Cátedra, inicia-se com a “investigação temática”, momento em que são levantados os interesses de pesquisa dos participantes. Trabalha-se, a seguir, com uma imersão no pensamento freiriano, buscando, na análise crítica de sua obra, os referenciais para a pesquisa dos participantes.

No estágio final do trabalho, ao término de cada semestre, objetiva-se a elaboração de uma produção escrita que é socializada e discutida na classe. Esta produção tem tido várias destinações. Uma delas é a própria pesquisa do pós-graduando que frequenta a Cátedra (dissertação ou tese). Uma segunda destinação tem sido a apresentação do texto elaborado na Cátedra, em eventos nacionais e internacionais. Uma terceira possibilidade para divulgação desta produção tem sido a publicação da mesma em livros organizados pela Cátedra. Neste caso, os textos têm sido submetidos a uma nova instância de análise (também de caráter pedagógico) podendo voltar ao autor, para revisão e complementação.

A Cátedra vem desenvolvendo uma ampla pesquisa cumulativa que busca mapear e analisar a “Presença do pensamento de Paulo Freire nos sistemas de educação, no Brasil, a partir da década de 90”. Os resultados desta pesquisa estão sendo registrados em uma ferramenta virtual que figura no site da Cátedra, [www.pucsp.br/paulofreire](http://www.pucsp.br/paulofreire), com o objetivo de sistematizar informações e adensar uma massa crítica de dados que possam subsidiar pesquisadores e gestores de políticas públicas de educação na perspectiva crítico-emancipadora, possibilitando-lhes analisar e recriar políticas e práticas.

Esta pesquisa deve se ampliar, assumindo uma abrangência nacional, por meio de uma rede freiriana de pesquisadores de cursos de pós-graduação, em várias regiões do país que investigam a influência de Freire na educação brasileira.

As produções da Cátedra Paulo Freire, ao longo de seus quase dez anos de existência, incluíram dissertações e teses, textos preparados e apresentados em Congressos nacionais e internacionais e livros. Três livros já resultaram do trabalho da Cátedra, integrando textos produzidos pelos seus participantes. O livro *Paulo Freire e a formação dos educadores - múltiplos olhares*,<sup>45</sup> lançado no ano 2000, incluiu vinte e sete textos de autoria de alunos e professores que foram convidados para conduzir seminários na Cátedra. Este livro já foi publicado no México e na Espanha, no idioma catalão. *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*<sup>46</sup> foi lançado em 2001. A mais recente publicação da Cátedra data de novembro de 2005 e tem como título *Paulo Freire: um pensamento atual para compreender e pesquisar questões do nosso tempo*<sup>47</sup>.

A Cátedra Paulo Freire da PUC/SP, com grande responsabilidade, tem orgulho de ser um espaço privilegiado de ensino e pesquisa sobre/e a partir do pensamento de Paulo Freire, um dos mais importantes nomes da Pedagogia mundial do último século.

---

<sup>45</sup> SAUL, Ana Maria (org.) *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Articulação Universidade-Escola, 2000. (Nota da Entrevistada)

<sup>46</sup> Freire, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

A professora Ana Maria Freire ministrou aulas na Cátedra Paulo Freire da PUC/SP, no segundo semestre de 1998. (Nota da Entrevistada)

<sup>47</sup> SAUL., Ana Maria (org.). *Paulo Freire: um pensamento atual para compreender e pesquisar questões do nosso tempo*. São Paulo, Editora Articulação Universidade-Escola, 2005. (Nota da Entrevistada)

Paulo Freire deixa saudades pela sua lucidez de interpretação dos fatos do mundo, pelo seu poder de indignação, por seu contagiante amor à vida e ao ser humano, por sua luta incessante pela justiça, pela liberdade e por sua presença solidária e sempre amiga.

## “Para negar autoritarismos, temos nos tornado freirianos”

ENTREVISTA COM GOMERCINDO GHIGGI

*Para o filósofo Gomercindo Ghiggi, docente na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), os Fóruns Estudos: Leituras de Paulo Freire reúnem “diversos pedacinhos, vários fragmentos e pessoas que refletem e atuam no mundo também a partir de referências políticas e pedagógicas de Freire”. Segundo ele, os temas discutidos por Paulo Freire “expressam as urgências do nosso tempo” e destaca que seu texto “fala do presente, aprendendo com o passado, divisando o futuro na forma de utopia”. As idéias podem ser conferidas na íntegra a seguir, na entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (Ucpel), Ghiggi apresentou a monografia Implicações antropológicas na pedagogia de Paulo Freire. É especialista em Pesquisa Educacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Fenomenologia da Educação, pela UFPEL, e em Filosofia da Educação, pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Kursou mestrado em Filosofia na PUCRS e doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação.*

*É um dos autores de Implicações antropológicas na Filosofia de Paulo Freire (Pelotas: Seiva Publicações, 2004) e um dos organizadores de Diálogo crítico-educativo. Um debate filosófico - no prelo para 2007 (Pelotas: EDUCAT, 2007). Escreveu A Pedagogia da Autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação (Pelotas: Seiva Publicações, 2002). Atualmente, Ghiggi é professor do PPGE da UFPEL.*

**IHU On-Line - Você acompanha os “Fóruns Estudos: Leituras de Paulo Freire” desde sua primeira edição em 1999. Poderia descrever um pouco de como funcionam esses Fóruns? Quais as novas leituras que surgiram a partir da obra de Freire?**

**Gomercindo Ghiggi** - Sim, participei de todos os “Fóruns de Estudos: Leituras de Paulo Freire”, dos nove que aconteceram. O próximo estará sendo realizado em maio de 2008, na Unisinos, ocasião na qual celebraremos os 10 anos de atividades do Fórum.

De minha parte, tenho afirmado que o Fórum tem reunido pessoas que encontram na biobibliografia de Paulo Freire referências importantes para a realização de suas tarefas de estudo e pesquisa e, em geral, seus trabalhos, escolares ou não. Do Fórum tem participado pessoas que têm mantido Freire como fonte vivificadora para pensar o mundo e organizar práticas de produção da vida. Além disso, penso que há uma pergunta que tem organizado nossas vidas no Fórum: o que tem levado pesquisadoras e pesquisadores, anualmente, a participar do Fórum? Temos defendido que nos encontramos no

Fórum e retomamos Freire porque sua teoria político-pedagógica ganha importância e vigor, em especial num tempo não raro tomado por incertezas e vazios. São razões as mais diversas que têm nos reunido, a cada ano, sem notórios conferencistas, através do diálogo crítico, a expressar nossas convicções e achados em nossos cotidianos investigativos, sempre no Fórum. E o Fórum, assim, ganha sentido, pois foi criado não para ser oposição a qualquer outra instituição, mas para reunir diversos pedacinhos, vários fragmentos e pessoas que refletem e atuam no mundo também a partir de referências políticas e pedagógicas de Freire.

#### ***IHU On-Line - O que significa o Fórum para as práticas educativas e também para o estudo de Freire?***

**Gomercindo Ghiggi** - Retomando a trajetória do Fórum e nela a minha própria trajetória, e colocando-me ante a tarefa de expor indagações acerca da sua importância para as “práticas educativas”, assim como outras e outros o fazem, pergunto novamente: por que mais um Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire e por que (ainda) Paulo Freire? Temos buscado respostas e percebido que um expressivo tempo das nove edições do Fórum tem sido justamente reservado para responder a perguntas como a acima formulada. Respostas? Sabemos? Tenho percebido que sabemos algumas respostas ainda bastante guardadas nos nichos investigativos de cada um de nós, é provável. Nos Fóruns, temos percebido que Freire tem sido refletido para organizar imperativos acadêmicos e sociais que põem em cena compromissos e solidariedades, que passam a compor o trabalho cotidiano em nossas respectivas instituições. Tomando o dito como desafio, é possível indicar tarefas que o Fórum tem assumido, relativamente ao movimento de pensar nossas práticas educativas, juntar descobertas, reflexões pessoais e escritos de autores diversos, com as diversas leituras de realidade que se apresentam, em diálogo com Freire. Temos afirmado, por exemplo, que o texto

freiriano é vigoroso e complexo, embora, é provável, demasiadamente absorvido pela devoradora porta do senso comum. O principal, afirmamos, é que Freire é um texto que fala do presente, aprendendo com o passado, divisando o futuro na forma de utopia, algo que é imperativo realizar, enquanto condição de necessidade. Por isso, buscamos entendê-lo, lendo realidades, (1) fazendo falar nossas próprias subjetividades, (2) conversando com pessoas com as quais convivemos cotidianamente, e (3) lendo livros, artigos e autores diversos que ainda têm buscado nesse autor referências para pensar o que pensam e o que fazem.

#### **Novas leituras**

As práticas educativas das pessoas que se encontram no Fórum ganham destaque quando: (1) são sistematicamente expostas, (2) são problematizadas pelo diálogo crítico, e (3) reconfiguram-se para continuar, não como meras repetições do mesmo, mas recriações do mundo vivido e partilhado. Assim, temos apostado que, com Freire, através dos Fóruns, buscamos a explicitação de evidências que dêem visibilidade à idéia de que as elites, que organizam e distribuem o poder institucional, têm mecanismos de formação para a geração de instrumentos de manutenção e consolidação do modelo em andamento. E é por isso que ainda refletimos nossos trabalhos com Freire: porque ele é um filósofo que dá consistência à pedagogia e fomenta práticas coletivas que possibilitam sustentar a idéia de que a educação pode servir à transformação; porque constrói e teoriza a prática, não reduzida à experiência imediata, combatendo absolutismos dogmático-autoritários e relativismos licenciosos; e porque quer que seu pensamento seja recriado, não almejando contar com discípulos ou seguidores, mas recriadores curiosos de suas próprias curiosidades. O Fórum, temos afirmado, tem provocado incursões para desbanalizar, quem sabe, a própria compreensão licenciada da Pedagogia da

Libertação. Retomamos Freire porque é um pensador que, tomando as vertentes teórico-filosóficas da dialética e da fenomenologia, busca superar o relacionamento oposto entre teoria e prática, desafiando e propondo a desdogmatização (igualmente) do estatuto de verdade da pedagogia crítica. Reunimo-nos aqui, no Fórum, em torno e a partir de Freire, porque o autor busca refundamentar a educação em sua base pedagógica, epistemológica, política, ética e estética. É assim que Freire, contra erudições em torno da negação da possibilidade da conscientização, é um pensador que mexe com práticas educativas diversas, talvez porque seja um educador que continua gravando no coração de muitas pessoas referências de esperança e inconformismos permanentes em relação à injustiça.

#### **IHU On-Line - Que temas da teoria pedagógica de Paulo Freire são relevantes hoje?**

**Gomercindo Ghiggi** - Penso que as questões que Freire aborda nas Cartas Pedagógicas, publicadas no Livro *Pedagogia da Indignação* (São Paulo: Ed. UNESP, 2000), bem expressam as urgências do nosso tempo. O tema central, expresso no próprio título, é o tema da indignação: “Cinco adolescentes mataram hoje, barabaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando” - assim inicia o texto de Freire. A indignação com a “brincadeira” de jovens, que já não sabem o que fazer com tanta liberdade que presumem ter, vai apontando para os emergentes temas do nosso tempo, tanto para a escola como para a educação não formal e, muito particularmente, para a sociedade e para os nichos familiares onde se articulam os jovens e adolescentes que à escolarização chegam, muito porque a instituição escolar é, compulsoriamente, o lugar e o tempo das aprendizagens, que, por sua vez, hão de garantir a assunção ao regramento necessário à “boa convivência social”. Conforme afirma o próprio Freire,

desdobrando a sua indignação, a mesma é central à sociedade, à família e à escola, tomando a ética como referência central. Portanto, os temas da indignação, das marchas, da ética, da responsabilidade, da imperativa ação a favor da mudança e não apenas da atuação a favor de “ajustes” no sistema, da solidariedade etc. têm, na teoria pedagógica de Freire, destaque, não apenas para a escola, como dito, mas, centralmente para atuar, radicalmente, a favor de uma sociedade justa. Na minha tese (*A Pedagogia da Autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002), abordei, em amplo diálogo com Professores em Formação Inicial, “confrontos teóricos, centralmente produzidos a partir dos conceitos autoridade e liberdade, fecundados por reflexões que cercavam, naquele momento, temas como: ética, competência, poder, autonomia, conscientização, esperança, disciplina, diálogo e formação”.

#### **IHU On-Line - Você se ocupou com a questão da liberdade e da autoridade em Freire. Considerando a sociedade individualista que se apresenta atualmente, como seria a educação pela liberdade de acordo com os ensinamentos de Freire?**

**Gomercindo Ghiggi** - A autoridade em relação ao conhecimento (I) constitui-se a partir da dimensão básica da atividade pedagógica: a relação dá-se sempre entre (1) pessoas que carregam consigo capital cultural de origem, com capacidade para (2) exposições conceituais primárias. A tarefa dirige-se à (3) sistematização desse capital cultural, (4) à investigação e ao confronto permanentes com outros saberes e teorias. A autoridade moral (II) toma como solo básico a inserção no mundo das pessoas envolvidas e a fundamental dimensão ontológica do homem à humanidade. Tendo presente o projeto de sociedade justa para todos, a tensão histórica que Freire traz para o seu texto diz respeito à qualificação das ações postas como necessárias no tempo presente e ao

imperativo do devir que deve realizar-se. A tarefa seguinte da autoridade, profundamente coerente com a prática cotidiana, é a geração de condições, pelos sujeitos envolvidos em formação, à disponibilização ao diálogo, à crítica e a trocas, para olhar o mundo para além do que há, em determinado momento histórico, de imediato e previsto, orientando axiologicamente movimentos humanos. A tarefa, não separada da epistêmica, é qualificar a análise a partir do senso comum, do mundo já produzido. Freire propõe confrontos axiológicos como tarefa da autoridade docente. A autoridade pedagógica (III) deve garantir condições a todos à exposição do que sabem, exigindo o máximo de cada um. Deve propor e ajudar a organizar ações coletivas que possibilitem trocas regradas e provoquem a produção de referências para confrontos entre comportamentos individuais e sociais. A autoridade política (IV), enfim, tem a tarefa de organizar relações entre educação, comunidade e sociedade, de tornar visíveis e disponíveis, em sala de aula, elementos contextuais que dão origem às referências com as quais a sociedade se organiza. A elaboração de tais referências contribui para a identificação de construções culturais evitáveis, não pouco expostas como inevitáveis.

***IHU On-Line - Ainda sobre o mesmo assunto, como é possível na sociedade contemporânea, exercer a autoridade sem cair em autoritarismo?***

**Gomercindo Ghiggi** - Tenho afirmado que, para negar autoritarismos, muitos temos nos tornado freirianos. E Freire, de fato, tem representado mais liberdade, possibilidades de instauração de processos de produção da libertação também a partir da educação, mais democracia etc. Mas o nosso reencontro com Freire, pelo Fórum, por exemplo, dá-se em função da busca de outra leitura: há um projeto político-pedagógico que se impõe e legitima-se desde a necessidade da avaliação ética e de juízo de valor possíveis dos projetos, hoje

particularmente presentes na defesa, por exemplo, da diferença, quando a reflexão isola tal discussão do debate sobre igualdade. Ocorre que Freire fala da realidade que educadores enxergam com os olhos, escutam com os ouvidos e tocam com as mãos; fala da realidade que educadores experimentam, e sentem com o coração. Freire fala de novo conceito de autoridade, que deve ser capaz de superar autoritarismos e licenciosidades; de novo conceito de autonomia, que nega e ultrapassa a concepção requerida pelos atuais modelos de produção e consumo e que vai ao encontro da produção crítica da cidadania; enfim, de novo conceito de liberdade, não abstrato, formal ou análogo a livre-arbítrio.

***IHU On-Line - Qual é a contribuição de Paulo Freire para a formação de professores? Como o senhor avalia, de maneira geral, os novos educadores do Brasil? Eles estão preparados para trabalhar com a diversidade de alunos que estão nas salas de aula das escolas brasileiras?***

**Gomercindo Ghiggi** - Inicialmente, quero afirmar a importância das políticas de formação (aqui formação toma o sentido original de modo de formar, constituir; de criação, construção, constituição) que avançam no Brasil. Os caminhos são os mais diversos, mas há vigorosos movimentos no sentido de propiciar à educadora e ao educador alguma condição para que possam, no cotidiano do seu trabalho, refletir o que fazem. Penso que Freire, nesse contexto, não apenas ajuda repensar práticas, mas provoca docentes a se tornarem pesquisadores de si mesmos e de suas próprias práticas educativas, e, como tal, possam participar de sua própria formação. Freire, assim, é um conceito que toma importância na formação de professores. E eles sentem-se seguros e seguros sem autoritarismos e licenciosidades quando, admitindo ignorância, aceitam inserção em processos de formação mediante o desafio

com os quais se deparam. Passam a entender e a assumir a tarefa docente como autorização que recebem e conquistam para trabalhar formando pessoas para a vida. As professoras, aceitando a mediação conceitual e dialogal, assumem-se portadoras de experiências que *podem* ser socializadas, porque escutam outras experiências, o que as torna “gente fortificada”. Desafiadas pelo diálogo permanente, as professoras vão

tornando curricular o conhecimento cotidiano que produzem a partir da imersão no “mundo cultural” dos alunos e das comunidades, lá onde se localiza o seu *ethos*, produzindo tanto alternativas à violência pela negação à negação da cultura de origem das pessoas envolvidas quanto lugares e tempos político-epistemológicos sustentadores de projetos de resistência e produção de vida mais qualificada.

## “Paulo Freire nos impulsiona na construção utópica de um mundo melhor”

ENTREVISTA COM ANA MARIA ARAUJO FREIRE

*Nomeada a sucessora legal dos direitos de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, conta que “vivia com ele uma história de vida plena em todas as dimensões”. Em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail, ela destaca que dar continuidade a obra dele foi uma tarefa difícil. “Foi um desafio enorme recolher documentos, analisá-los e organizá-los, e rememorar décadas de nossas vidas, pois conheci Paulo antes de completar 4 anos de idade”. Assim, Ana Maria Araújo Freire, especialista em seu pensamento, registra a importância de seu legado e trajetória pessoal. Na conversa que teve com a IHU On-Line, Ana se refere, igualmente, ao livro de crônicas que escreveu sobre seu marido, Nita e Paulo: crônicas de amor (São Paulo: Olho D’Água, 1998). Desde 1997, ela vem organizando os livros de Freire.*

*Nita, apelido carinhoso pelo qual também é conhecida, nasceu em Recife. Há décadas vem se dedicando ao estudo da História da Educação Brasileira, focada, sobretudo, na pesquisa dos condicionantes históricos da produção do analfabetismo. É mestra e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É autora, também, de Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos (3. ed. São Paulo: Cortez, 2001) e Centenário do nascimento: Aluizio Pessoa de Araújo (Olinda: Edições Novo Estilo, 1997).*

*Confira a entrevista.*

**IHU On-Line - Como a senhora vê esses dez anos sem a presença física de Freire? Muitas saudades? Como percebe a lembrança, estudos e celebrações produzidas sobre e para ele?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Quando a médica afirmou que Paulo não tinha resistido aos diversos enfartes que sofreu na UTI do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, na madrugada de 02 de maio de 1997, senti imediatamente uma forte comoção: o que faria sem ele? Seria possível viver sem ele? Perguntava-me sentindo profundamente a inutilidade de permanecer viva. Foi um luto muito difícil, pois vivia com ele uma história de vida plena em todas as dimensões que um homem e uma mulher podem viver na construção amorosa do cotidiano de suas vidas. Foi muito difícil perceber que a continuidade de seus pensamentos e obras dependia, em grande parte de mim, pois eu tinha sido nomeada por ele a sucessora legal de seus escritos.

Este fato me levou a restabelecer a vida. Pouco a pouco, venho publicando seus escritos inéditos, monitorando grande parte de sua obra, cujos direitos autorais são meus. O que deu significado ao meu novo viver foi o de fazê-lo sem a presença física dele, mas, ao mesmo tempo, com ele o tempo todo ao meu lado. Vejo as celebrações a Paulo como se todo o mundo estivesse lhe dizendo: “Paulo, nós não o esquecemos, e hoje, mais do que no momento de sua partida precisamos de sua pedagogia humanista-libertadora; de sua luta crítica e lúcida contra o neoliberalismo e a globalização da economia, que vem nos esmagando e oprimindo com seus ditames da ‘ética do mercado’. Precisamos de você, Paulo, com seu exemplo de honradez, de coerência e de generosidade, que pode formular a *ética da vida* e nos impulsiona no sentido da construção utópica de um mundo melhor, mais justo, autenticamente democrático”.

**IHU On-Line - Como foi sua união com ele? De tantas lembranças da convivência, o que a senhora destacaria?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Minha união com Paulo foi pautada pelo respeito, pela admiração, pela cumplicidade, pela fascinação e pela confiança recíprocos. Destaco exatamente essas coisas, pois foram elas que possibilitaram que o nosso casamento tivesse se tornado um tempo de amor, de paixão, de amizade e de sexualidade plenamente vividos.

**IHU On-Line - Qual foi o principal ensinamento ou mensagem que ele lhe deixou?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Paulo me deixou muitos exemplos. Mencionaria apenas dois: o de suportar mais as fraquezas alheias, as fragilidades humanas, como ele preferia dizer, e o de ter mais tolerância com os muito diferentes de mim.

**IHU On-Line - Além de um educador importante no desenvolvimento de estudos na área de educação, quem foi Paulo Freire para você?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Para mim, Paulo foi o homem que me deu segurança, sem jamais me ter dado prescrições ou ordens a seguir, daí ter me possibilitado criar a minha autonomia verdadeira; homem que me deu afeto e amor, que me ajudou a crescer intelectualmente, mostrando-me, de modo encantador e fascinante, o mais bonito que existe nos outros homens, nas mulheres e no mundo.

Na vida pública, ele não pode ser apenas “um educador importante no desenvolvimento de estudos na área de educação”. Paulo é o maior pensador brasileiro. Ao lado de Rousseau<sup>48</sup>, segundo Enrique Dussel<sup>49</sup>, o maior

---

<sup>48</sup> Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau,

pedagogo de toda a história da humanidade. Sua obra e sua práxis influenciam as mais diversas ciências, filosofias e mesmo religiões.

#### ***IHU On-Line* - Paulo Freire gostaria de ser lembrado de que maneira?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Na biografia que escrevi, recentemente publicada, *Paulo Freire: uma história de vida* (Indaiatuba: Villa das Letras, 2006), transcrevo, logo na Introdução (p. 27), o que ele mesmo disse, ao ser perguntado, por Edney Silvestre, em Nova Iorque, poucos dias antes de sua morte:

“- Professor, como o senhor quer ser lembrado?

- (...) Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”.

#### ***IHU On-Line* - O que ele acharia dos estudos produzidos sobre sua obra, já que a partir dela surgiram novos trabalhos e releituras?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Paulo morreu sabendo de sua importância para o mundo, assim que sua obra vinha sendo citada, estudada e que novas leituras dele estavam sendo feitas, deste os anos 1970.

---

Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>49</sup> Enrique Dussel (1934): filósofo argentino, exilou-se em 1975 no México (onde adquiriu a nacionalidade mexicana), dedicou-se ao estudo da obra madura de Marx (principalmente ao que se convencionou chamar a "última fase"), às discussões sobre ética e cristianismo (no interior da Teologia da Libertação) e a relação frágil e dependente da América Latina em relação ao Velho Mundo. Estes últimos estudos o permitiram desenvolver a tese de que a descoberta da América é um evento fundamental da formação da subjetividade moderna, já que configura a alteridade do sujeito racional europeu. É autor de mais de 50 livros em diferentes línguas. (Nota da *IHU On-Line*)

Se ele, do Alto onde está, puder ver o que se passa entre nós, não estranharia nem os inúmeros trabalhos acadêmicos sobre ele nem as práxis dos movimentos populares iluminadas por sua teoria. E nem, tampouco, as inúmeras homenagens feitas a ele neste século.

Paulo algumas vezes me disse: “Muitos não viram, em vida, seu trabalho reconhecido. Eu não: venho recebendo testemunho amoroso das coisas que tenho feito, pensado e escrito”.

Ele tinha orgulho disso, um orgulho bem comportado e bem vivido. Sem soberba e sem petulâncias. Com muita humildade e comedimento.

#### ***IHU On-Line* - Como foi escrever a biografia de seu marido, amigo e colega?**

**Ana Maria Araújo Freire** - Foi um desafio enorme recolher documentos, analisá-los e organizá-los, e rememorar décadas de nossas vidas, pois conheci Paulo antes de completar 4 anos de idade, dando a elas dimensão da grandeza e inteireza dele, tanto aquelas que remetem a sua vida privada quanto aquelas que relembram o intelectual humanista e ativista da libertação.

Depois de 7 anos de esforços e muita dedicação para escrevê-la, sei o quanto foi árduo o meu trabalho intelectual, e, muitas vezes, desgastante a recordação de momentos de intensa amorosidade que vivemos juntos por 10 anos. Entretanto, sinto-me plenamente gratificada por tê-la escrito.

# “Paulo Freire é o mais importante educador crítico lido nos EUA”

ENTREVISTA COM PETER MCLAREN

*Por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line, o pesquisador canadense naturalizado americano Peter McLaren mencionou que “o humanismo radical de Freire continua a oferecer alguns dos mais importantes desafios às mais brutais políticas e práticas que infectam o mundo hoje”. McLaren é estudioso de pedagogia crítica e leciona na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Graduado na Universidade de Waterloo em Literatura Inglesa, cursou faculdade de Educação na Universidade de Toronto. É Ph.D. em Teoria Educacional pelo Ontário Institute for Studies in Education (OISE). Escreveu inúmeros livros, dentre os quais citamos A pedagogia da utopia (Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2001) e Pedagogia revolucionária na globalização (Rio de Janeiro: DPA, 2002). Para maiores informações, acesse o site <http://www.qseis.ucla.edu/faculty/pages/mclaren/>.*

**IHU On-Line - Qual é a contribuição de Paulo Freire para a Pedagogia Crítica?**

**Peter McLaren** - Paulo Freire é, de longe, o mais importante educador crítico lido nos EUA. Seu trabalho é consistentemente adotado por estudantes em universidades, por professores do ensino fundamental e médio, por estudantes de magistério e por membros de grupos de ação social e de novos movimentos sociais, ou seja, por grupos do setor não-formal. Seu trabalho é encontrado nas aulas, nas universidades, em estudos de alfabetização, na teologia, na pedagogia crítica, e através das ciências humanas.

**IHU On-Line - Como atuar, a partir de Paulo Freire, frente às questões que preocupam a humanidade?**

**Peter McLaren** - Antes que possamos agir, devemos nos tornar familiarizados com o trabalho de Paulo Freire e em como está situado na história dos movimentos educacionais progressivos em todo o mundo. O humanismo radical de Freire continua a oferecer alguns

dos mais importantes desafios às mais brutais políticas e práticas que infectam o mundo hoje - guerra, imperialismo, globalização capitalista, repressão política, tortura, racismo, patriarcado, homofobia e triunfalismo religioso.

**IHU On-Line - O que significa, hoje, falar de pedagogia revolucionária?**

**Peter McLaren** - A Pedagogia Crítica testemunhou inúmeros avanços ao longo das últimas várias décadas. Na verdade, é mais próprio falar sobre várias pedagogias críticas, do que sugerir que existem várias “mutações” de um grupo genético pedagogicamente original (localizada em algum lugar nos escritos de Paulo Freire). Mas, claramente, Freire foi e continua sendo a mais importante influência no campo da educação crítica. Eu comecei a usar uma adaptação norte-americana da pedagogia crítica, uma mistura eclética do trabalho de

John Dewey, de Myles Horton<sup>50</sup>, e outros pensadores da educação progressista que surgiram nos EUA nos anos 30, depois da Quebra da Bolsa de 1929 - cada um “aderiu” ao trabalho seminal do educador brasileiro Paulo Freire. Então, eu simplesmente tentei integrar pensadores norte-americanos mais contemporâneos a essa mistura - teóricos feministas e multiculturalistas, muitos deles da comunidade intelectual afro-americana e latino-americana. Comecei a incorporar Gramsci e muitos dos pensadores marxistas ocidentais (por exemplo, da Escola de Frankfurt) em meu trabalho. Claro, a tradição do pensamento indígena por todas as Américas foi - e ainda é - extremamente importante. E Freire foi sempre fundamental para o desenvolvimento de minha pedagogia crítica. Pelos últimos 15 anos, tenho abordado o desenvolvimento da pedagogia crítica a partir de um marco materialista/marxista e humanista. Quis ser mais sistemático no sentido de que quis ver como a pedagogia pode servir para ajudar no avanço do socialismo como uma visão, assim como uma realidade (cuja imanência pode ser vista nas lutas de classe do passado e do presente). Meu projeto foi “libertar” o trabalho de pensadores seminais, tais como Paulo Freire, Che Guevara<sup>51</sup>, Marx, Hegel, Gramsci<sup>52</sup>, Raya Dunayevskaya<sup>53</sup>,

---

<sup>50</sup> Myles Horton (1905-1990): educador americano, socialista e co-fundador da Highlander Folk School, famosa por seu papel no Movimento em Defesa dos Direitos Civis. Escreveu, em parceria com Paulo Freire, o livro *We make the road by walking: conversations on education and social change* (Philadelphia: Temple University Press, 1990). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>51</sup> Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido por Che Guevara ou El Che (1928-1967): foi um dos mais famosos revolucionários marxistas da História. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>52</sup> Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em

José Carlos Mariátegui<sup>54</sup>, e outros para os educadores norte-americanos. A pedagogia crítica é feita para prover várias linguagens de análise (sociológicas, antropológicas, filosóficas etc.) para estudantes e professores (“educandos”) para que eles possam começar a entender suas experiências e subjetividades como “construídas” pela intersecção de uma multiplicidade de forças ligadas aos modos e relações sociais de produção, a espaços e lugares de produção e circulação capitalista, a sistemas de mediação, que envolvam suas famílias, suas bagagens religiosas, suas formações de classe e raça, assim como organizações ligadas à sociedade, tanto estatal quanto civil.

### ***IHU On-Line* - Qual tipo de leitura se faz de Freire especialmente nos Estados Unidos?**

**Peter McLaren** - Os escritos de Paulo Freire foram internalizados como um grande negócio nos Estados Unidos. Paulo Freire é comumente tratado como a figura do Papai Noel, um velhinho gentil com barba branca, que professa o amor e o diálogo. Mas, na criação dessa imagem, a política revolucionária de Freire é geralmente perdida. Isso está acontecendo aqui nos EUA. Mas isso é tão surpreendente? Nos Estados Unidos, não se aprende sobre aspectos importantes da história dos EUA sobre os quais outras pessoas no mundo são bastante cientes.

---

detrimento do domínio do Estado. Em breve, a *IHU On-Line* dedicará a ele uma matéria de capa especial. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>53</sup> Raya Dunayevskaya (1910-1987): fundou a filosofia do Marxismo-Humanismo. Concretizou essa filosofia durante sua vida no movimento revolucionário, participando de todos os movimentos de seu tempo sobre a liberdade, os trabalhadores, as mulheres, os negros e a juventude. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>54</sup> José Carlos Mariátegui (1895 - 1930): foi um dos maiores expoentes do socialismo latino-americano. Pontuam em sua obra questões como o papel do indivíduo na história, o pensamento andino (particularmente Inca) e o lugar da religiosidade e do mito nos movimentos sociais. Tais aportes trazem uma reflexão singular e entusiástica a todos quantos se aproximam de sua obra. Em 1926, fundou a revista *Amauta* (Semeador, em quéchua). (Nota da *IHU On-Line*)

Estudantes brasileiros sabem mais sobre crimes dos governos dos EUA do passado do que os estudantes dos EUA. Os estudantes aqui são muito ingênuos a respeito de sua própria história. Muitos acreditam que os EUA estão sempre agindo pelo melhor da humanidade. Eles acreditam que isso é assim porque Deus deu aos EUA a missão especial de civilizar o mundo. A pedagogia crítica desafia essa explicação histórica simplista. E assim, não surpreendentemente, há muito ataque a educadores críticos agora, especialmente desde que o regime de Bush tolheu nossas liberdades civis e desde que o governo dos EUA, a partir de 11 de setembro de 2001, vem sendo comandado por um tipo de “leve fascismo”.

Existem muitos desafios e riscos quando se é um educador crítico. Mas educação, se não se trata de correr riscos, então não vale a pena perseguir. O risco para um professor é ser demitido de seu cargo. Em minha universidade, a UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), um grupo de 30 professores foi nomeado e apontado por um grupo de direita. Eu fui posto no topo da lista conhecida como *Os trinta sujeitos*. O grupo ofereceu um pagamento de cem dólares a estudantes que gravassem secretamente minhas palestras, para provê-los com cópias de anotações documentando aquilo que digo em minhas aulas. Esse grupo de direita me rotulou como o professor mais perigoso na UCLA. Comecei a receber muitos e-mails de ódio. Relatórios de mídia que incluem as denúncias desses grupos contra mim, acusando-me de comunista, tentando fazer lavagem cerebral na juventude norte-americana, foram publicados pelo mundo inteiro. Suponho que haja um preço a se pagar.

Por anos, grupos de direita de todas as tendências me marcaram por meu trabalho com o falecido Paulo Freire, meus escritos sobre Che Guevara, minhas análises humanistas-marxistas da sociedade capitalista, e pelo fato de eu ligar a pedagogia crítica com a luta pelo

socialismo. Mas tenho tido sorte de até agora não haver tentativas de me silenciar por parte da administração da universidade. O que deixa a situação mais periclitante é que, agora, a administração de Bush tem o poder legal de punir seus críticos e oponentes, o que outras administrações não tinham. Não, não acho que vou “desaparecer” e me encontrar numa prisão de interrogatório da CIA na Polônia (agora, se eu fosse muçulmano, isso seria outra história), mas a administração de Bush criou um clima de medo que tende a criar uma relação metonímica entre dissidentes políticos e simpatizantes do terrorismo. Existem medidas (legais) introduzidas em nove estados para suprimir a liberdade acadêmica nas universidades. Críticos de direita atacam professores como eu, que seguem o exemplo de Freire, silenciosamente e dissimuladamente “doutrinando” estudantes com propaganda esquerdista.

É importante para os professores retornar ao trabalho de um educador a quem, embora marquemos o décimo aniversário de sua morte, ainda podemos usar como baliza para nossa vida pedagógica, uma vida que não acaba quando a porta da sala de aula é fechada no final de cada dia. Freire (1994, p. 77)<sup>55</sup> sustenta que nenhuma “prática educacional existe no espaço-tempo zero”<sup>56</sup>, ou seja, não existe nenhuma prática educacional neutra. Toda prática educacional crítica é diretiva, é política, e denuncia uma preferência, uma tendência. Freire (1994, p. 79) argumenta que se encontra autoritarismo tanto na direita quanto na esquerda do espectro político, e é verdade que ambos os grupos podem ser reacionários de “forma idêntica” se eles “se julgam os donos do conhecimento, o primeiro, do conhecimento

---

55 Quando usa esta data, McLaren está fazendo referência ao livro de Freire editado nos EUA e, portanto, com a data de edição naquele país, com o título “*Pedagogy of Hope*”. (N. do T.)

56 Tradução a partir da referência de McLaren, não do original em português de Paulo Freire.

revolucionário, o último, do conhecimento conservador”<sup>57</sup>. Ambas as formas de autoritarismo são elitistas. Freire sublinha o fato de que não podemos “conscientizar” estudantes sem, ao mesmo tempo, sermos “conscientizados” por eles. Ensinar nunca deve ser, sob nenhuma circunstância, uma forma de imposição. Quando ensinamos criticamente, geralmente tememos que possamos estar manipulando nossos estudantes de forma que não nos damos conta. Mas a alternativa é não ensinar, não agir, manter-se pedagogicamente inativo. Ensinar criticamente é sempre um salto por uma divisão dialética que é necessária para qualquer ato de saber [que esteja] por acontecer. Saber é um tipo de dança, um movimento, mas autoconsciente. A criticidade não é uma linha esticável eternamente, mas um círculo. Em outras palavras, saber pode ser o objeto de nosso saber, pode ser auto-reflexivo, e é algo em que podemos intervir. Herdamos a cognição enquanto espécie, mas adquirimos outras habilidades a longo do caminho, e precisamos evoluir integralmente e com coerência.

Freire nos lembra que ensinar não pode ser reduzido a uma transmissão de uma mão do objeto de conhecimento, ou uma transação de duas vias entre o professor e o estudante, mas uma forma de transformação dialética tanto do professor quanto do estudante, e isso ocorre quando um professor sabe o conteúdo do que é para ser ensinado e um estudante aprende como aprender. Ensinar acontece quando os

---

57 Quando McLaren faz essa citação de Freire, talvez se engane em, antes dela, mencionar direita e esquerda, nesta ordem. Acredito que quando Freire fala em conhecimento conservador, esteja fazendo referência à direita e, sobre o conhecimento revolucionário, à esquerda. (N. do T.)

educadores reconhecem<sup>58</sup> seus saberes nos saberes dos estudantes.<sup>59</sup>

***IHU On-Line - O senhor afirma que os educadores revolucionários necessitam criar um contexto para o diálogo com o outro, de modo que “os outros” possam também ser ouvidos. Além disso, o pedagogo crítico deve fazer relações com os assuntos humanos reais. O que é ser um pedagogo revolucionário? Isso ainda é uma utopia na educação atual?***

**Peter McLaren** - Quando Freire fala em lutar para construir uma utopia, ele fala de uma utopia concreta ao invés de uma utopia abstrata, uma utopia enraizada no presente, sempre operando “da tensão entre a denúncia de um presente que está se tornando mais e mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído - politicamente, esteticamente e eticamente - por nós, homens e mulheres” (*Pedagogia da Esperança*, 1994, p.91). Utopias estão sempre em movimento, nunca são preestabelecidas, não existem como projetos cuja única garantia é a “repetição mecânica do presente”, ao contrário, existem dentro do movimento da própria história, como oportunidade e não como determinismo. Elas nunca são garantidas. A pedagogia crítica é necessária aqui, talvez, mais do que em qualquer lugar no mundo quando se considera a história real deste país e seu potencial de desencadear mais devastação ao redor do mundo. Claro que é muito fácil pôr a culpa dos males do mundo nos Estados Unidos. Existem outros países imperialistas e subimperialistas, com certeza. A questão mais urgente, para mim, hoje, nesta conjuntura histórica muito perigosa, é avançar a luta por uma alternativa socialista ao capitalismo, por uma supressão do capitalismo, por uma descoberta de uma sociedade pós-

---

58 Grifo do tradutor - no original estava “re-cognize”.

59 Nota de McLaren no corpo do texto: “Reference: Freire, Paulo. (1994). *Pedagogy of Hope: Reliving Pedagogy of the oppressed*. New York: The Continuum Publishing Company.”

capitalista. A luta para resistir, para descarrilar, para superar o capitalismo neoliberal, é a questão fundamental que exercita a minha atenção como um educador crítico. Quem pode me culpar? Significa então que todos os erros sociais podem ser ligados às fornalhas roncando das fábricas e aos moinhos satânicos do capitalismo? É claro que não. Mas exatamente agora o capitalismo desenfreado e o poder fanático do imperialismo, que seguem no seu despertar, têm o maior potencial para causar distúrbios violentos sobre o mundo em termos de próximas guerras imperialistas, sem mencionar a destruição ecológica do planeta inteiro. Educadores críticos revolucionários acreditam que a crise ecológica não pode ser superada porque o sistema capitalista atual não consegue impor limites ao crescimento que sustenta o atual império. Este sistema também não consegue operar fora da lógica mecanicista do império de “nós-contra-eles”. A luta para uma pedagogia crítica é talvez melhor ilustrada pelas palavras do poema de Antonio Machado<sup>60</sup> (1962): *Caminante no hay camino, se hace el camino al andar* (“Andarilho, não existe caminho. O caminho é criado ao andar”). Não há um caminho predeterminado, mas podemos olhar tanto para o passado, para o futuro e para o presente para ver as possíveis direções que nossa luta pode tomar. Porque, como diz o Gato de Cheshire, em *Alice no País das Maravilhas*, “Se você não sabe para onde está indo, qualquer estrada vai te levar lá”. Nós não lutamos em algum lugar absoluto, lamentando nossa perda do encontro com a verdade. Nossa luta é de sangue quente e irá terminar quando a sua gestação começar: no solo fértil da luta de classes. Nós sabemos para onde estamos indo, porque é o único destino onde podemos abrir mão na nossa condição humana dos seus muitos disfarces e,

---

<sup>60</sup> Antonio Machado (1875-1939): Poeta e prosador espanhol, pertencente ao movimento literário conhecido como geração de 98. Provavelmente seja o poeta mais lido de sua época. (Nota da *IHU On-Line*)

mais ainda, nós precisamos nos dar conta de que podemos apenas contestar a produção ideológica da classe capitalista e não aboli-la, a menos que as relações sociais de produção gerando isto parem de existir. Eu chamo o destino para o socialismo da humanidade para o século XXI, apesar de estar feliz com outros apelos, contanto que eles se refiram à mesma coisa: a luta para uma sociedade pós-capitalista.

## Antônio Cechin: 80 anos

DEPOIMENTOS DE AMIGOS E FAMILIARES

*Antônio Cechin é professor e religioso da congregação dos Irmãos Maristas, de Canoas. Nasceu em 17 de junho de 1927, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Atualmente desenvolve trabalhos com os catadores e recicladores de lixo da cidade de Guaíba, Rio Grande do Sul.*

*Para comemorar o 80º aniversário do Irmão Marista Antônio Cechin, a equipe da IHU On-Line conversou com alguns de seus amigos, na semana passada. Colhemos depoimentos, por e-mail, de pessoas que atuaram com ele nas lutas populares do Rio Grande do Sul, como o advogado Jacques Alfonsin e o professor Nilton Bueno Fischer, que trabalha com os recicladores de lixo na região Metropolitana do Estado. Eugênio Cechin, irmão de Antônio Cechin, também contribuiu com essa homenagem, relatando fatos da convivência em família. Também participaram os amigos Ivo Fiorotti, Luiz Carlos Susin e o Frei Pilato Pereira, que nasceu no bairro Mathias Velho, em Canoas, uma das primeiras ocupações urbanas na região metropolitana do Estado. Nesta edição, publicamos também uma entrevista especial com Antônio Cechin.*

*Confira os depoimentos:*



### “Irmão Antônio, um revolucionário!”

“Luiz Cechin (1900-91) e Romana Camilotto (1901-81) geraram 15 filhos. Agricultores pobres, em Santa Maria da Boca do Monte, mas extremamente religiosos, convictos, entendiam que sua missão era entregar os filhos (o maior número possível) ao serviço de Deus e da Igreja. Conseqüentemente, todos os filhos ingressaram em casas de formação religiosa (era, inclusive, a única maneira de possibilitar o ‘estudo’ para os filhos). Nove “emplacaram”: quatro irmãos maristas, quatro religiosas e um padre diocesano. Os demais - mais novos - desistiram mais cedo da vida religiosa. Antônio é o quinto da escala. Cedo saiu de casa, como os mais velhos, para se dedicar à vocação religiosa. Por isso,

pouco contato familiar tive com ele, na minha infância e adolescência (sou o décimo quarto da escala...). Passei a conhecê-lo mais de perto como Irmão Lourenço José, nome que assumiu como religioso marista<sup>61</sup> (é com este nome que o Moacyr Scliar dele se recorda, como seu professor de Português no Curso Ginásial do Rosário<sup>62</sup>).

<sup>61</sup> **Irmãos Maristas:** são irmãos consagrados a Deus, que seguem Jesus do jeito de Maria. Vivem em comunidade e se dedicam especialmente à educação das crianças e dos jovens. Existem mais de 4.300 irmãos, espalhados em 76 países dos cinco continentes. São Marcelino Champagnat (1789-1840), sacerdote francês, fundou o Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas em 1817. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>62</sup> **Colégio do Rosário:** Em 1904, a pedido do Padre Hipólito Costabile, os Irmãos Louis-Bernard e Ambroise-Michel fundaram, nas

Claro, sempre tive o maior respeito, admiração e afinidade com o mano Antônio (o nome de batismo dos religiosos voltou, a partir do Concílio Vaticano II), de tal sorte que o tratamos por Tônico. Ele tem um coração que é pura mansidão. Incapaz de matar uma mosca. Mas sabe, também, ser rígido, quando necessário. Meu relacionamento pessoal mais próximo com o Tônico deu-se após o seu retorno da Europa (Paris e Roma). Voltou com idéias bem mais arejadas das que já detinha quando atuava junto à JEC (Juventude Estudantil Católica<sup>63</sup>) e à JUC (Juventude Universitária Católica<sup>64</sup>). Fundou o Centro Juventude de Cultura, com o qual colaborávamos diuturnamente, na construção de uma evangelização nova - o anúncio da Boa Nova à juventude (fichas catequéticas, cursos daqui e dali etc.). Dentro da nossa família carnal, o Antônio teve uma influência extraordinária. Inicialmente, até causava ‘escândalos’ com suas idéias avançadas, e até discussões ferrenhas ocorriam. Não é para menos: todos, por formação e tradição, éramos extremamente conservadores. A própria congregação dos maristas, por certo, nunca foi tão progressista. E o Antônio revolucionou nossa maneira de pensar e ver o mundo. Até os pais, Luiz e Romana, morreram completamente convencidos do acerto da sua visão de vanguarda, já pós-moderna. Ao empregar o

---

dependências da Igreja do Rosário, em Porto Alegre, a Escola que levaria o nome da Padroeira da Igreja: Nossa Senhora do Rosário. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>63</sup> JEC: Juventude Estudantil Católica. Em entrevista ao sítio do IHU, no dia 23-02-2007, intitulada *A utopia da terra sem males*, Antônio Cechin, faz referência aos “tempos da Ação Católica e depois na Teologia da Libertação” e afirma que desde esse tempo aprendeu que seu engajamento só seria fecundo se passasse por três momentos: VER, JULGAR e AGIR. E em seguida ele enfatiza: “as notícias do Instituto Humanitas me municiam à perfeição para os dois primeiros momentos: o VER e o JULGAR”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>64</sup> JUC: Juventude Universitária Católica. Sobre o tema, Luiz Alberto Gómez de Souza desenvolveu a tese de doutorado. Publicado pela Editora Vozes. GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, Vozes, 1984. (Nota da *IHU On-Line*)

termo ‘revolucionário’ para o Antônio, refiro-me à sua atuação pastoral e ao especial dom profético que tem de ler os sinais dos tempos. Desde algumas décadas, o Antônio dedica a sua vida no trabalho com os mais pobres e oprimidos - papeleiros, catadores, sem-terras, indígenas e outros -, muito antes que a Igreja anunciasse a opção preferencial pelos pobres. Percebeu, como poucos, que destes será o Reino dos Céus, como anunciado no Evangelho. A pequena burguesia... Esta já está perdida mesmo e sequer deseja a Salvação!”

*Depoimento de Eugenio Cechin, irmão de Antônio Cechin e professor na Unisinos.*

## “Antônio Cechin é marca de entrega aos outros, aos mais simples e despossuídos. É quase uma entidade!”

“O tempo vai desfilando em memórias que estão ligadas com catequese, com afetos, com inserção social, com entrega por inteiro aos projetos de solidariedade que contemplem os mais simples, os mais pobres, os mais despossuídos. Encontro Antônio por lembranças de minha mãe, quando falava com entusiasmo das suas aulas de religião em escola pública, nas quais os textos inspiradores tinham a marca desse homem de fé. Nos tempos da ditadura militar, foram esses mesmos escritos que um ministro, em rede de TV nacional, julgou e condenou como sendo subversivos. Tempos que estavam ligados ao Colégio Rosário, no qual uma juventude se inquietava com as injustiças de uma sociedade desigual, injusta e excludente. Esse mesmo Antônio, para alguns com o acréscimo de ‘Padre’, para outros de ‘Frei’, é o Irmão Marista da mesma ordem religiosa que me ensinou lá pelo Pio XII<sup>65</sup> e São Jacó, ambos colégios de Novo Hamburgo. A opção em viver ‘fora’ dos espaços institucionais da ‘ordem marista’ fez dele um ser de muita circulação com profissionais, intelectuais, professores e tantos outros que se dedicavam a ‘refletir

---

<sup>65</sup> Colégio Pio XII: a missão pedagógica da Congregação Marista em Novo Hamburgo foi iniciada em 1915, com o Colégio São Jacó, em Hamburgo Velho. O Colégio Marista Pio XII nasceu junto à atual Catedral Basílica São Luiz Gonzaga em 1950. Em 17 de novembro de 1962 foi inaugurado o prédio do atual colégio conhecido, na época, como o Gigante das Nações Unidas, que ministrava cursos primário, ginasial, científico e técnico em contabilidade que até então funcionavam no São Jacó. A partir de 1972, a APEE, Associação Pio XII de Educação e Ensino, passou a ser a entidade mantenedora da escola. Com a reforma do ensino, em 1973, o colégio passou a ter o ensino de 1º e 2º graus. Em 1979, a APEE cancelou o contrato com a USBEE, União Sul Brasileira de Educação e Ensino, devolvendo oficialmente a manutenção do colégio para a ordem Marista, que atualmente dirige a instituição. (Nota da *IHU On-Line*)

sobre a prática’ em tempos de forte repressão política. Pois é na inserção com as populações pobres da periferia de Canoas que escrevo minha tese de doutorado, e daí em diante foi como se tivesse recebido um ‘mandato’ junto aos homens e mulheres que trabalham com a reciclagem do lixo urbano, desafio que até hoje me ajuda na gana e entrega para ‘compreender e agir’ da mesma direção que o ‘mestre’ Antônio fez e faz. Um dia, teríamos que escutá-lo para sabermos como ele ‘metabolizou’, sua longa e determinada trajetória como cidadão e religioso, a experiência de ter sido parte do aparelho do Estado, quando assumiu a coordenadoria da ‘subprefeitura’ das Ilhas no período de 1989-1992<sup>66</sup>. Antônio é sinal de firmeza no que pensa e diz a partir de uma sólida, incessante e utópica prática pedagógica, inspirada em Paulo Freire<sup>67</sup>, junto aos mais pobres e, em especial, com os recicladores de nosso Estado e da região metropolitana de Porto Alegre.”

*Depoimento de Nilton Bueno Fischer, professor do PPG/EDU da UFRGS e do mestrado em Educação do Unilasalle. Fischer atua em projetos de Educação Ambiental e Economia Popular e Solidária, com recicladores que sobrevivem pela geração de renda em galpões de reciclagem na periferia de Porto Alegre.*

---

<sup>66</sup> Nessa época, o Prefeito da capital gaúcha era Olívio Dutra, do PT. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>67</sup> O tema de capa desta edição é sobre Paulo Freire. (Nota da *IHU On-Line*)

## “Tive fome e me destes de comer”

“Sempre que eu leio aquela passagem do Evangelho de São Mateus ‘Vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me’ (Mt. 25, 34-36), pergunto-me que pessoa, com as quais convivo, é mais merecedora de tão consoladora acolhida, e não hesito em lembrar o nosso querido Irmão Antônio Cechin. Tive a chance de ser seu aluno no Colégio Rosário, e depois, como advogado, participar de várias das suas lutas em defesa dos direitos

humanos das pessoas mais pobres aqui da Grande Porto Alegre. Sou-lhe muito agradecido e, na oportunidade em que se celebra o seu 80º aniversário, junto meu abraço ao da multidão de quanta/os, inspirados no seu exemplo de vida e de fé, que estão tentando, pessoal e profissionalmente, construir o Reino de Amor refletido naquela acolhida.”

*Depoimento de Jacques Alfonsin, advogado, que atuou, junto com Cechin, nas lutas populares no Rio Grande do Sul. Foi professor na Unisinos.*

## “Irmão Antônio e os pobres sonharam e fizeram acontecer!”

“Irmão Antônio Cechin e sua mana Matilde Cechin iniciam sua inserção pastoral nas favelas da Rua República e do Guabiju, em Canoas, na segunda metade da década de 1970. As visitas da santinha foram ganhando corpo com a reza do terço; as orações populares ficaram mais saborosas com a leitura da Bíblia. O mutirão da festa junina tornou-se permanente nos mutirões semanais das mães e das crianças que, no olhar da fé, faziam surgir, dos restos de roupa, os agasalhos e os acolchoados. O início da ocupação da Vila Santo Operário<sup>68</sup> foi a atualização da Boa-Nova natalina de 1979, sob o lema: ‘Jesus ocupou uma estrebaria para nascer e nós ocupamos a granja de arroz para viver’. O sino conclamava a união e a solidariedade para a resistência na Vila União dos Operários. Surgiam as

primeiras Comunidades Eclesiais de Base, sob a proteção da Mãe de tantos nomes - Luz, Fátima, Saúde, Perpétuo Socorro, Aparecida, Romeiros - e de seu Filho Divino Mestre ou Operário. Os serviços nas comunidades desabrocharam: mutirões das mães na confecção vestuários básicos, o pão nos fornos comunitários, as verduras e legumes das hortas comunitárias, a segurança alimentar e nutricional na pastoral da criança, os clubinhos das crianças, a auto-estima da negritude com os agentes de pastoral negros.... mas também a organização de lutas pela água potável, pela luz elétrica, pela iluminação pública, pelo posto de saúde, pela linha de ônibus. Houve a solidariedade com os irmãos do campo, destacando a realização da Romaria da Terra no berço das ocupações urbanas, em 1984, e a organização da Romaria Conquistadora da Terra, a grande marcha de cerca e 100 sem-terras da Fazenda Anoni até Porto Alegre, em 1987. A primeira colheita de feijão da Nova

<sup>68</sup> Refere-se à Santo Dias da Silva operário metalúrgico, participante da Pastoral Operária, foi assassinado no dia 30 de outubro de 1979 na porta de uma fábrica em São Paulo. (Nota da *IHU On-Line*)

Ronda Alta que inaugurou a Comercialização direta de produtos dos colonos aos operários. A Associação dos Catadores, a Cooperativa das Massas e por aí vai... em

tudo isto e muito mais, o Irmão Antônio e os pobres sonharam e fizeram acontecer!”

*Depoimento de Ivo Fiorotti.*

## “Irmão Antônio Cechin, um homem de intuição, vigor e ternura”

“Talvez com o hibridismo de ser descendente de italianos nascido na região do mais genuíno pampa gaúcho, talvez a sua disciplinada formação marista e o desatar asas com a ‘renovação’ - renovação conciliar, renovação catequética, renovação política etc. -, o Irmão Antônio se tornou fonte de criatividade e resistência em inúmeras batalhas. Em primeiro lugar, destacam-se as suas intuições antecipando a criação de movimentos como o da terra, da água, da justiça social e da ecologia, dos pobres e da política, das comunidades de base e dos encontros com teólogos e bispos, das romarias e das reivindicações. Em segundo lugar, o homem do vigor, da determinação, perseverando com toda energia na perseguição de um horizonte e de uma paisagem nova, a do mundo transfigurado em Reino de Deus, como um profeta e mestre de profetas em direção a um mundo que há de vir. Em terceiro lugar, um homem

de paixão e de sensibilidade para com a beleza da poesia e da música, da liturgia e das coisas simples e sinceras do povo, uma pessoa de grande ternura e contemplação, que muitas vezes começou o seu domingo olhando pela sua janela as ilhas do Guaíba e rezando um salmo em comunhão com o povo que iria encontrar por lá em seguida. Assim vejo Irmão Antônio Cechin, eu que também lhe sou devedor. Certamente, ele acharia tudo isso demasiado, talvez até reclame de exagero, mas sei que não estou sozinho. Há, inclusive, quem tenha mais autoridade do que eu para dizer estas coisas.”

*Depoimento do Frei Capuchinho Luiz Carlos Susin. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, ele é professor na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (Estef), em Porto Alegre.*

## “Irmão Antônio: 80 anos e muitas lições de vida e de fé”

”Eu era entregador de jornal e às cinco horas da manhã, com uma bicicleta, começava meu itinerário por ruas dos bairros Mathias Velho e Santo Operário, em Canoas. O entregador de jornal precisa saber de cor o nome de todas as ruas. Eu sabia e ainda me lembro bem para nunca esquecer. Não apenas decorei o nome das ruas para saber por onde andar entregando jornal, mas

guardei encantamento com o significado de cada nome. Na Rua Sino da União, por exemplo, então chamada de “Prado”, depois Vila União dos Operários, quando havia qualquer ameaça às famílias, alguém tocava o sino e o povo se juntava, se reunia para que nada de mal acontecesse. A Rua Libertação me lembra a história do povo de Deus na Bíblia e a história de muitas famílias em

Canoas que sonhavam com a sua libertação, com uma vida melhor. Pela Rua dos Romeiros lembro que passou nela a Bendita Romaria da Terra. É a rua da fé, onde, na esquina, levantou-se uma igreja que foi a base da luta e organização do povo. A Rua 18 de Novembro me lembra o dia da vitória, quando as famílias conquistaram a posse da terra. Esta rua também ganhou uma igreja, uma comunidade de fé que mantém vivos a história, o compromisso e o sonho de um povo.

Seguindo meu itinerário de entregador de jornal, passava também pela Rua Negrinho Santo, que nos lembra o Negrinho do Pastoreio, pela Vila Santo Operário, que faz uma homenagem ao operário mártir, Santo Dias da Silva, pela Rua São Sepé, que lembra o índio Sepé Tiarajú. E, bem mais adiante, a Vila Natal é uma marca histórica da organização dos pobres que, às vésperas do Natal do Senhor, sentiam-se semelhantes ao pobre Menino Jesus e, animados pela mesma fé, vão e ocupam uma área de terra e ali fazem suas moradas, como fez a Sagrada Família na gruta de Belém.

Como na palma da mão, leio nestas ruas e vilas a minha história de entregador de jornal e a história de um povo que vinha de muitos povos; famílias como a minha, que a sorte fez migrar em busca de um novo amanhã. E, nas entrelinhas do que leio, vejo a história, a vida de um irmão que Deus nos deu, este tão querido Irmão Antônio Cechin. Ao passar entregando jornal, cada rua me apresentava o Irmão Antônio, cada rua me contava sua história, sua trajetória de luta e muita fé. Ele havia passado por ali, guiado pela mão de Deus e conduzindo o povo no caminho da libertação. Quando tudo ainda era difícil - o banhado, os alagamentos, os jagunços e tantas outras dificuldades -, por ali passaram os pés de um peregrino, irmão dos pobres, amigo de Deus. As ruas contam a história de lutas e conquistas de um povo e esta história revela o coração, a alma, a vida simples, mas heróica e corajosa, de Irmão Antônio Cechin, que acaba de completar 80 anos de vida.

Irmão Antônio apostou na Teologia da Libertação, nas CEB's, na Catequese Renovada. Edificou sua vida lutando pela dignidade humana e, com a força da fé, testemunhando o Evangelho de Jesus Cristo na opção pelos pobres. Foi perseguido, preso e torturado pela ditadura militar, mas nem o castigo, a violência e a crueldade que sofreu lhe fizeram abandonar seus ideais. Ele superou tudo e até hoje continua sua missão a serviço dos mais pobres. Ajudou a criar as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral da Terra e o MST no Rio Grande do Sul. E depois empenhou-se com a organização dos catadores em Canoas e Porto Alegre, criou a Pastoral da Ecologia e protagonizou o reavivamento da imagem de São Sepé Tiarajú. Nos últimos anos, vem motivando a Igreja no Rio Grande do Sul a assumir a bandeira da Ecologia. Irmão Antônio vem lutando em defesa das águas, dos pobres e do meio ambiente, e vem nos dando muitas lições de vida e de fé.

Costumamos dizer que Irmão Antônio é o pai das CEB's, mas as CEB's são a sua mãe, os seus irmãos, a sua vida, a sua história. Quando glorificamos a Deus pela vida deste querido irmão, estamos louvando a Deus pelas Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação, pela Catequese Renovada, pela CPT, pelo MST e pela Pastoral da Ecologia, por tantas bênçãos que recebemos de Deus através de suas mãos servidoras. Hoje nem sei com que palavras posso homenagear Irmão Antônio pelos seus 80 anos de vida. Mas sei que a melhor homenagem que quero lhe fazer é assumir a mesma causa, viver o mesmo ideal e lutar sempre com o mesmo espírito de luta e fé que o fez ser mais que um Irmão de uma congregação religiosa, mas o verdadeiro irmão dos pobres. Parabéns Irmão Antônio!!!”

***Depoimento do Frade Capuchinho Pilato Pereira. Atualmente, Pereira atua em pastorais nos assentamentos de Aceguá, Candiota e Hulha Negra e acampamentos do MST.***

## “Os pobres me evangelizaram”

ENTREVISTA COM ANTONIO CECHIN

*Filho de agricultores de Santa Maria, Antônio Cechin dedicou grande parte da sua vida à causa dos necessitados, lutando pelos movimentos populares no Rio Grande do Sul. “Antes de descer para os pobres eu olhava o mundo com olhos de bovinos. Eu não enxergava a vida, a realidade, o fundo dos fatos”, relata. Desde cedo, ele optou pela vida religiosa e aos 18 anos já lecionava no Colégio do Rosário, em Porto Alegre. Com o trabalho da Catequese Libertadora, incentivava os alunos a pensarem num mundo melhor.*

*Com quase 80 anos, os quais serão completados no próximo domingo, 17-06-2007, e uma disposição imensa para viver, ele lamenta a falta de participação dos jovens nos movimentos sociais. No entanto, acredita “que o mundo vai caminhar para a direção de Deus”. E nos ensina que é necessário “viver acordados, alegremente e entusiasticamente”.*

*Antônio Cechin é graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Especialista em Economia e Humanismo no IRFED de Paris, ele já trabalhou, entre outras coisas, como diretor do Colégio Marista São Luís, em São Leopoldo, Coordenador da Equipe de Catequese Libertadora do Regional Sul-3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Secretário particular do Promotor Geral da Fé, no Vaticano e assessor do MST enquanto esse estava ligado às Comunidades Eclesiais de Base (de 1979 a 1984).*

*Nas parcerias com a irmã Matilde Cechin, foi autor das Fichas Catequéticas, proibidas pela ditadura, e criador da Pastoral da Mulher Pobre, hoje a atual Rede Mística Feminina. É co-fundador do Movimento Nacional Fé e Política e criador da Romaria da Terra, Romaria das Águas<sup>69</sup>, além de idealizador da missa em honra a São Sepé Tiaraju. Atualmente, ele é Agente de Pastoral em diversas periferias da região metropolitana de Porto Alegre, assessor de Comunidades Eclesiais de Base do Rio Grande do Sul, dos catadores e recicladores. Desempenha a função de coordenador do Comitê Sepé Tiaraju-2006 e da Pastoral da Ecologia do Regional Sul-3 da CNBB.*

*Em visita ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Cechin concedeu entrevista exclusiva à IHU On-Line. A seguir, ele conta um pouco da sua trajetória e fala sobre sua escolha religiosa, a opção pelos pobres, Teologia da Libertação, MST. Cechin concedeu outra entrevista à IHU On-Line, no dia 23-02-2007, intitulada A utopia da Terra sem males. Escreveu carta a Ildo Sauer, em 22-03-2007, agradecendo o nome de Sepé Tiaraju concedido a uma termoelétrica da Petrobrás.*

*Confira a entrevista.*

---

<sup>69</sup> Romaria das Águas: realiza-se anualmente no dia 12 de outubro, festa de Nossa Senhora Aparecida. Como padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida foi resgatada das águas como Moisés, a fim de salvar o povo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Desde menino o senhor começou a se preparar para seguir a vida religiosa. Por que essa opção?**

**Antônio Cechin** - Eu sou de uma família profundamente religiosa<sup>70</sup>, que morava na periferia de Santa Maria. O sonho de toda família italiana é a vida religiosa. Como meus pais não tinham terras e trabalhavam de chacareiros em uma propriedade de 130 hectares dos Irmãos Maristas, do Colégio Santa Maria, nós não tínhamos muitas opções. Meus pais e os maristas insistiam muito para que eu seguisse a vida religiosa, e acabei não tendo muito tempo para refletir. De nove para dez anos, fui levado para o Juniorato dos Maristas, porque se não fosse cedo, perderia a vocação. Naturalmente, depois eu tive que optar e tomei a decisão de seguir a vida religiosa. Dos 15 irmãos, 14 nasceram nessa chácara e nove se tornaram religiosos.

**IHU On-Line - Mesmo com a pressão inicial, de seus pais e dos maristas, o senhor fez a melhor escolha?**

**Antônio Cechin** - Se eu tivesse que recomeçar, eu teria feito uma opção pela vida religiosa. Sinto isso através da minha primeira comunhão e de certos momentos da minha infância. Talvez não optasse pelos maristas. Mesmo porque, hoje, eu sou marista, mas um marista diferente. A revolução de 1964 me colocou na cadeia, e o superior dos maristas não fez questão de impedir que eu fosse preso. Então, houve aí uma espécie de não aceitação do meu engajamento na opção pelos pobres. Por isso, eu realmente não tenho muita saudade do meu tempo de marista. A minha vida teve um salto qualitativo a partir da minha opção pelos pobres. Sou marista juridicamente. Meu ideal é ser religioso totalmente dedicado à causa dos últimos.

---

<sup>70</sup> Nesta edição Eugenio Cechin, irmão de Antônio Cechin, colaborou com um depoimento, abordando aspectos familiares do irmão. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - O senhor guarda alguma mágoa por que os maristas não impediram sua prisão na década de 1960?**

**Antônio Cechin** - Mágoa propriamente não. Mas no momento em que todas as circunstâncias indicavam que eu iria ser preso, conversei com **D. Vicente Scherer**<sup>71</sup>, que sempre foi meu amigo. Ele me deu um cartão escrito, no qual mandava meu provincial falar com o Governador do Estado ou com o Secretário de Segurança para saber o que estava acontecendo a meu respeito. Mas o provincial se negou a falar com o Governador. Eu fiquei um mês na casa da minha irmã **Matilde Cechin** e ele não fez nada. Assim, o exército veio e me prendeu. Depois disso, eu tive que reorganizar a minha vida a partir desse fato. Vi que eu não tinha futuro dentro da congregação, porque eu estava muito engajado no movimento de jovens, com a **Catequese Libertadora**, com a **Teologia da Libertação**<sup>72</sup>. Naturalmente, continuo marista porque não aceitei pedir dispensa dos votos e nem excomunhão, pois, devido à maneira do direito canônico funcionar, depois que tivesse esgotado esses dois anos de excomunhão, se eu não voltasse eu me auto-eliminava.

**IHU On-Line - Quando o senhor foi preso, em que coisas pensava? Como foi sua rotina na prisão e de que maneira o senhor avalia esse momento?**

---

<sup>71</sup> **Dom Vicente Scherer (1903-1996)**: cardeal brasileiro. Dom Vicente Scherer foi ordenado padre em 1926, em Porto Alegre. Recebeu ordenação episcopal em fevereiro de 1947. Entre os anos de 1946 e 1981, foi arcebispo de Porto Alegre. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>72</sup> **Teologia da Libertação**: Escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Em 02-04-2007, foi produzida uma edição especial sobre o tema, intitulada **Teologia da Libertação**. (Nota da *IHU On-Line*)

**Antônio Cechin** - Eu fui preso duas vezes. Mas eu tive um grande padrinho, o Cardeal **D. Vicente Scherer**, que me ajudou. A primeira prisão foi no dia 09-11-1969, no mesmo dia em que **Frei Betto**<sup>73</sup> foi preso, em Porto Alegre. Ele foi capturado às 6h30min e eu às 16h.

Junto com a minha irmã, eu sou autor de uma coleção de fichas catequéticas produzidas para aulas em colégios. Essas fichas foram consideradas altamente subversivas pelo Ministério da Educação, do ministro **Jarbas Passarinho**<sup>74</sup>. Fui preso nesse contexto. Mas o estopim ocorreu quando meu endereço foi encontrado dentro de um livro de oração do **D. Marcelo Cavalheira**, que é arcebispo emérito de João Pessoa. Ele veio fazer um curso em São Leopoldo. Na época, **Frei Betto** também estava fazendo curso no **Colégio Cristo Rei**, e meu endereço servia como destino para as cartas que eram enviadas para ele, que vinham com seu nome de guerra: **Olavo Borges**. Ele tinha combinado comigo que essas cartas vinham para Porto Alegre e eu as entregava para alguém que fosse ao Cristo Rei. Assim, o exército ligou a minha pessoa ao **Frei Betto**. Nessa primeira vez,

---

<sup>73</sup> **Carlos Alberto Libâneo Christo (1946)**: mais conhecido como Frei Betto, nasceu em Belo Horizonte. É escritor e religioso dominicano brasileiro, adpto da Teologia da Libertação. Frei Betto é militante de movimentos pastorais e sociais. Entre 2003 e 2004, foi assessor especial do presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. Além disso, coordenou o programa Fome Zero, do governo Lula. Esteve preso por duas vezes sob a ditadura militar: em 1964, por 15 dias; e entre 1969-1973. Após cumprir 4 anos de prisão, teve sua sentença reduzida pelo STF para 2 anos. Recebeu vários prêmios por sua atuação em prol dos direitos humanos e a favor dos movimentos populares. Assessorou vários governos socialistas, em especial Cuba, nas relações Igreja Católica-Estado. De suas obras destacamos *A obra do artista - Uma visão holística do universo e Sinfonia universal - a cosmovisão de Teilhard de Chardin, Treze Contos Diabólicos e um Angélico e Batismo de sangue e Alfabetto: autobiografia escolar*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>74</sup> **Jarbas Gonçalves Passarinho (1920)**: militar e político brasileiro. Foi senador da República de 1967 à 1983 e 1987 à 1995, ministro do Trabalho, ministro da Educação e ministro da Justiça e governador do estado do Pará entre 1964 e 1966. (Nota da *IHU On-Line*)

fiquei preso por dois dias, porque a minha mana **Matilde** falou imediatamente com **D. Vicente**, e ele “forçou a barra” com o Secretário de Segurança, que me entregou no Palácio Episcopal.

A segunda vez foi em 1971: aí sim me massacraram. Durante dez dias fui torturado com choques magnéticos e soro da verdade. Mas de novo eu fui entregue ao meu provincial, com a condição de ser internado no hospital dos loucos, em Porto Alegre, no Sanatório São José. Fiquei um mês internado, só descansando. Eu não fiz o tratamento que a maioria dos presos políticos torturados fizeram. Eu fiquei com seqüelas e por isso eu recebi um dinheiro do Governo do Estado e do Governo Federal. O Governo me pediu perdão e pagou 30 mil reais de indenização pelas seqüelas.

### Interrogatório

Meu primeiro interrogatório foi em torno de **Frei Betto**. Queriam saber qual era a ligação que eu tinha com ele. Na segunda vez, eu nem fui interrogado. Entrei na prisão e já começou a “pauleira”, choques elétricos, soro da verdade. Eles estavam atrás de nomes. Lembro que quando acordei, estava falando sozinho, sem consciência. Na minha frente tinha uma cadeira e uma jarra cheia de água. Eu estava com tanta sede que acabei com tudo. Foram experiências inéditas.

### Sentimentos na prisão

A prisão foi o momento mais difícil da minha vida. Realmente, é uma experiência da tortura e da ditadura. Uma coisa completamente inimaginável. Eu nunca pensei que existisse esse inferno dos bastidores do poder. Eu era professor e de repente passei a ser tratado como verme. Mas a gente acaba se resignando e achando que o mundo é assim mesmo. Não guardo mágoas. Eu até sofri pouco, comparado com outros jovens que eu trabalhava.

## Conseqüências

Depois da prisão eu perdi o centro. As pessoas me evitavam na rua. Ex-alunos, colegas que me conheciam atravessavam a rua para não se encontrar comigo, porque eu fui apresentado como assaltante de banco. Minha foto foi estampada na primeira página do jornal. O exército tinha muito interesse em desmoralizar a Igreja.

**IHU On-Line - Na sua trajetória, que momento o senhor destacaria como um período alegre, de realização?**

**Antônio Cechin** - A minha opção pelos pobres. Eu fui praticamente pioneiro, junto com o padre **Orestes Stragliotto**<sup>75</sup>. Nós criamos no Rio Grande do Sul a Regional da CNBB. Ela foi criada por sugestão do papa **João XXIII**<sup>76</sup>, que deu a idéia a **D. Hélder Câmara**<sup>77</sup> que

<sup>75</sup> **Orestes Stragliotto**: padre gaúcho que na década de 1970 funda Centro de Orientação Missionária - COM - em Caxias do Sul. O COM foi um importante centro latino-americano de formação de agentes pastorais na linha da Teologia da Libertação. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>76</sup> **Papa João XXIII (1881 - 1963)**: Angelo Giuseppe Roncalli nasceu em Sotto il Monte (província de Bérgamo), Itália. Foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, ele convocou o Concílio Vaticano II, que visava pastoralmente explicar os dogmas ao mundo moderno. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. Faleceu de câncer no estômago, após longa luta contra tal enfermidade, em 3 de junho de 1963. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>77</sup> **Dom Hélder Câmara (1909-1999)**: Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do

era bispo auxiliar no Rio de Janeiro. Antes de **D. Ivo Lorscheiter**<sup>78</sup> ser encarregado da CNBB Regional do Rio Grande do Sul, eu era responsável pela regional do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e criei a chamada equipe Diocesana de Catequese. A partir da minha opção pelos pobres, meu grande trabalho inicial foi a **Catequese Libertadora**.

No ano passado, participei de uma atividade que me deu muita satisfação: a organização do **Comitê de Sepé Tiaraju**<sup>79</sup>, onde nós recanonizamos popularmente a figura do Sepé. Para mim, ele foi o maior herói latino-americano, porque ele lutou contra os dois maiores impérios: Espanha e Portugal. Ele era um índio valente das missões jesuíticas.

**IHU On-Line - Por que o senhor optou por atuar nas lutas populares no Rio Grande do Sul e por que a escolha pelos pobres? O que aprendeu com eles?**

**Antônio Cechin** - Eu optei por eles a partir da descoberta do evangelho. Jesus também defendeu os pobres. Quando conheci a teoria marxista, percebi que, para analisar a vida, precisava analisar a realidade. Então, eu e outros membros da ação católica fizemos uma síntese teológica entre cristianismo e marxismo para transformar a realidade injusta. Assim, eu descobri o novo. Os pobres me evangelizaram. Eu não era marxista

Concílio. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernane Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>78</sup> **D. Ivo Lorscheiter (1927-2007)**: foi bispo de Santa Maria. Por longos anos, foi secretário-geral e presidente da CNBB. Nestes cargos, sempre foi um firme opositor do regime militar. Confira no sítio do IHU, informações sobre D. Ivo Lorscheiter. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>79</sup> **Sepé Tiaraju**: para conhecer mais Sepé Tiaraju leia a edição no. 156 da revista IHU On-Line, de 19-09-2005 que tem como tema de capa **Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel**. A versão word e pdf está disponível no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

até conviver com eles. Hoje, olho para trás e sinto vergonha dos anos de vida religiosa que vivi antes de encontrá-los. Até então eu sentia uma pena infinita das prostitutas que ficavam ao lado do Colégio, na Rua Barros Cassal, em Porto Alegre. Pensava que o que faltava para aquelas mulheres era religião. Com os conhecimentos do marxismo, percebi que o problema delas era de sobrevivência.

Eu trabalhei dois anos no Vaticano. Quando retornei de lá, vi que a santidade está aqui no meio pobre, na mãe de família que faz faxina o dia todo, e que mesmo cansada ainda descobre uma sobra de energia para cuidar do filho que está doente. Isso é santidade. Antes de trabalhar com eles, eu ficava no convento, com uma boa cama, e isso não era santidade. Eu aprendi com eles a santidade do cotidiano. Eu vi que a fé dos pobres não era uma fé doutrinal, mas é uma fé de veemência.

Eu mesmo, que sou filho de sem-terras, como marista me aburguesei. Quando eu era jovem e retornava para casa, de férias, e os maristas vinham para Santa Maria, eu tinha vergonha de levá-los para dentro de casa. Na hora em que eu tive que ir para o meio dos pobres, foi difícil. Eu chegava em casa do trabalho e ia tomar banho. Na hora em que fui para os miseráveis, para o meio do lixo, tive uma conversão muito mais profunda. Essa caminhada significou muita renúncia por outras coisas, mas esse trabalho me ajudou a ver o que eu não teria visto.

***IHU On-Line* - Durante a sua militância, de todas as causas que o senhor abraçou, qual foi o momento mais gratificante?**

**Antônio Cechin** - Eu tive muitas alegrias. Uma delas foi a **Romaria da Terra**<sup>80</sup>, que começamos com 500 pessoas

---

<sup>80</sup> **Romaria da Terra**: começou no ano de 1978, diante da situação dos índios no Brasil, excluídos totalmente de seus territórios. A primeira Romaria da Terra foi em São Gabriel, com base em Sepé Tiaraju. (Nota da *IHU On-Line*)

em 1978 e com o tempo vieram 40 mil. Esse movimento proporcionou uma alegria muito grande para nós da **Teologia da Libertação**. Nós inventamos uma romaria que era para ir aonde o Cristo morre hoje, de novo. As primeiras **Romarias da Terra** eram mais ou menos improvisadas. Por exemplo, uma vez a turma se concentrou na **Encruzilhada Natalino**<sup>81</sup>, nos Sem-Terras, e nós íamos lá para dar um apoio a eles. Com a **Romaria da Terra**, desencadeamos o ano dos índios em 1978. Terminamos com a missa da **Terra sem Males**<sup>82</sup>, em **São Miguel das Missões**.

Quando não tínhamos a Igreja oficial nos apoiando, a Romaria era muito mais profética. Hoje, a Igreja oficializou e ela perdeu um pouco do seu profetismo.

***IHU On-Line* - O senhor acredita que um dia a humanidade irá conseguir construir uma terra sem males?**

**Antônio Cechin** - Eu acredito piamente que nós vamos conseguir. Como? A natureza humana está evoluindo. Tudo começa com o cosmos e depois vêm as diferentes etapas e acaba com a humanização e a conscientização na formação da sociedade. Eu acredito que o mundo vai realmente caminhar para a direção de Deus.

***IHU On-Line* - A Igreja deveria se preocupar mais com os pobres? Como o senhor vê a Teologia da Libertação e a forma como o Papa e o Vaticano encaram essa corrente da Igreja Católica?**

**Antônio Cechin** - Se o Papa deixasse o Vaticano e passasse um mês no Brasil, comigo, no meio dos

---

<sup>81</sup> **Encruzilhada Natalino**: centro do acampamento dos Sem Terras. O local era demarcado por uma cruz, em torno da qual os agricultores se reuniam em assembléias e celebrações. Essa cruz de três metros de altura tornou-se símbolo da "luta" e da identidade dos agricultores, por eles portada tanto em procissões como em atos públicos. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>82</sup> **Missa da Terra Sem Males**: autoria de D. Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra. (Nota da *IHU On-Line*)

catadores, bastaria. Seria uma experiência que o levaria a mudar totalmente o seu pensamento. Os pobres nos dão mais clareza de ver o que nós não víamos. Eu sempre disse que antes de descer para os pobres eu olhava o mundo com olhos de bovinos. Eu não enxergava a vida, a realidade, o fundo dos fatos.

A **Teologia da Libertação** é a única teologia contextualizada, no mundo. A Igreja Católica não existe, o que existe são várias Igrejas Católicas. Hoje o Papa fala como se só existisse uma única teologia, um único modelo de Igreja, que é o deles. Enquanto isso, nós, a partir da **Teologia da Libertação**, vivemos a nossa realidade. No começo, a Igreja aceitou diferentes ritos, de diversas culturas, e hoje, infelizmente, o Papa tenta centralizar tudo. Eu percebo que não existe mais religião nas periferias. A Igreja recolheu todo mundo, e assim ela está morrendo. O Papa veio para o Brasil, deu sua mensagem com valores que todos aceitamos, mas eu digo: nós não vamos sair do nosso modelo de jeito nenhum. Ou nós somos livres e caminhamos na luz de Deus e da nossa consciência, ou então não vale a pena.

**IHU On-Line - O senhor disse em outra entrevista à IHU On-Line que o MST é o mais belo dos movimentos. Por quê? Como o senhor avalia o MST hoje e a maneira que eles são apresentados pela mídia?**

**Antônio Cechin** - O MST é o mais forte movimento popular do mundo. Numa viagem que fiz à Paris, encontrei uma exposição do **Sebastião Salgado**<sup>83</sup> sobre o **MST**. À noite, assisti um comício na praça a favor deles, onde estavam alguns representantes brasileiros. Eles levaram a sua luta para todos os lugares do mundo. Senti que o **MST** é conhecido no mundo todo. O movimento, realmente, com toda a autonomia que tem, conservou

<sup>83</sup> **Sebastião Salgado (1944)**: fotógrafo brasileiro. Nomeado como representante especial do UNICEF em 2001, dedicou-se a fazer crônicas sobre a vida das pessoas excluídas, trabalho que resultou na publicação de dez livros e realização de várias exposições. (Nota da *IHU On-Line*)

aquele coro que o **Sepé Tiaraju** deu para eles. Eles perceberam que o grande índio **Sepé Tiaraju**, que lutou contra todo tipo de imperialismo, é exatamente a fonte da profecia e da utopia. O **MST**, hoje, tem uma imagem distorcida pela mídia, mas eles formam muito inteligentes nas suas estratégias e nas suas táticas de lutas. Eles foram mudando as estratégias de tal maneira que suas lutas foram crescendo. A imprensa mentiu sobre aquela questão de que as mulheres da Vila Campesina destruíram as experiências que a **Aracruz** estava fazendo. Isso é tudo mentira. Não tinham experiências. Agora os Sem Terras estão processando a empresa por causa dessas calúnias. Vejo isso como crescimento para a luta deles, de maneira que pouco a pouco eles estão se impondo até a mídia. Continuo achando o **MST** uma vanguarda do mundo para organizar mais movimentos populares que vão de encontro ao projeto de Jesus Cristo, que é viver em comunidades.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a participação dos jovens nos movimentos sociais? Por que a juventude do século XXI não tem a mesma empolgação e garra para lutar por causas como as que o senhor lutou?**

**Antônio Cechin** - Eu tenho uma grande pena da juventude. Hoje, eu não vejo mais esses movimentos populares. A minha juventude se lançou para a transformação do país, com objetivos que ultrapassavam os horizontes, querendo concertar tudo que ela conseguia. Agora, a juventude está sendo presa pela droga. Tempos atrás, as grandes áreas de formação dos jovens eram a família, a Igreja e a escola. Uma pesquisa recente diz que essas três bases de formação não atingem mais que 30% de influência. Os outros 70% que os influenciam vêm da rua, dos meios de comunicação. Estou perplexo diante do que pode acontecer com os jovens.

No trabalho dos catadores, recebemos alguns jovens da

Dinamarca e da Bélgica, que vem trabalhar um ou dois meses no lixo. E por que os jovens daqui não fazem a mesma coisa? Nos colégios católicos, eu vejo que não há nem aulas de religião. Eu constato que as pessoas que atuaram de alguma maneira na religião tiveram uma base mais sólida para a vida.

***IHU On-Line - A maioria dos jovens não se interessa pelas causas por que eles perderam a esperança ou por que eles não têm incentivos?***

**Antônio Cechin** - O culpado não é o jovem. Somos nós, educadores. Estão faltando educadores de jovens. Eu sinto que as congregações religiosas também os estão perdendo. Eu tenho o mesmo sentimento de Jesus e lamento muito porque, como o Cristo dizia, são ovelhas perdidas, sem pastor.

***IHU On-Line - Pensando no trabalho que o senhor desenvolveu durante esses anos, qual a mensagem que nos deixa?***

**Antônio Cechin** - Aquilo que foi mensagem para mim, eu deixo de mensagem para os outros. A frase de Santo Agostinho: “Na vida de todo mundo como Deus é amor, ele está em nós, dentro de nós”. Se prestarmos atenção e tivermos ouvidos para ouvir, Deus passa sempre para a nossa vida através das ações do cotidiano. Precisamos ficar de ouvidos bem abertos e procurar no meio em que vivemos esses três passos: VER, JULGAR e AGIR. E sempre agir. É preferível agir mesmo com medo do que por medo deixar de agir. Na hora que começamos a atuar,

começamos uma caminhada e ao longo dela vamos vendo o passo seguinte. É andando que descobrimos o caminho. Deus nos sugere o que temos que fazer. Ou nos omitimos ou entramos no plano de Deus. Temos que viver acordados, alegremente, entusiasmamente.

***IHU On-Line - Como o senhor se sente completando 80 anos?***

**Antônio Cechin** - Eu, quando vi se aproximarem meus 80 anos, levei um susto. Eu estou tão metido na ação com os catadores, com os moradores de rua, que fui vivendo sem pensar nos anos. Hoje, sinto que estou perto do final, mas contente porque estou no caminho certo. Eu estou muito alegre. Graças a Deus, eu fiz a opção pelos pobres. Mas eu sempre me pergunto: por que eu consegui fazer a opção pelos pobres e não consegui que meus confrades religiosos não tenham optado por isso? Eles não a colocaram como opção de classe.

Durante esses anos, vi que quem manda é o mercado. Já os confrades religiosos não se preocupam em organizar o povo a partir dele mesmo. Eles deveriam partir desses miseráveis e acreditar que aí está a força histórica dos povos.

A minha vida é uma maravilha. Hoje, com quase 80 anos, estou encantado com os trabalhos que venho desenvolvendo com os catadores, na periferia. Toda essa caminhada eu faço com muita alegria, entusiasmo. Nós temos que agir, porque se não agirmos, perdemos a vontade de viver.

## Memória

## Richard Rorty – 1931-2007

## Richard Rorty – o filósofo da ironia

*Traduzimos e publicamos o artigo de Manuel Cruz, catedrático de Filosofia na Universidade de Barcelona e pesquisador do Instituto de Filosofia do CSIC, publicado no jornal El País, 11-06-2007.*

O filósofo americano Richard Rorty nasceu no dia 4 de outubro de 1931, em Nova York. Estudou nas universidades de Chicago e Yale e formou-se na tradição da filosofia analítica anglo-americana e no pensamento centro-europeu. Rorty integrou ambas correntes e se situou na corrente do neopragmatismo. Ensinou na Universidade de Princeton até que em 1983 renunciou à cátedra de Filosofia para ocupar o posto de professor de Humanidades na Universidade de Virginia. Entre os seus livros, destacamos *O futuro da Religião* (São Paulo: Relume Dumará, 2006), publicado em conjunto com Gianni Vattimo<sup>84</sup>; *Pragmatismo e Política* (São Paulo:

<sup>84</sup> Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à *IHU On-Line*. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003; a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004; a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005. Nessa oportunidade ele falou sobre O pós-moderno como uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo, publicado na editoria Entrevista da Semana. Sua contribuição mais recente à *IHU On-Line* aconteceu na edição *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003 e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación*.

Martins, 2005); *Ensaaios pragmatistas* (Rio de Janeiro: DP&A Editores, 2006), em co-autoria com Paulo Ghiraldelli Jr.; e *Philosophy as cultural politics*, volume 4 (Cambridge-USA, 2007).

Ele faleceu na sexta-feira, dia 8 de junho, aos 76 anos de idade.

Não foi o melhor dia de Epicuro<sup>85</sup> quando escreveu a celebra *Carta a Meneceu*, aquela em que despachava com uma só penada o medo ancestral dos homens ante a morte com o argumento, mais apropriado a um sofista do que de um filósofo em sentido minimamente próprio, de que a morte “não é nada para nós, já que enquanto nós somos, a morte não está presente e quando a morte está presente, então nós não somos”. O raciocínio não podia ser mais simples: “Não existe (...) nem para os vivos nem

(Barcelona: Paidós, 1995); *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. (São Paulo: Martins Fontes, 1996); *Introdução a Heidegger*. (Lisboa: Instituto Piaget, 1998); e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000*. (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>85</sup> Epicuro de Samos: filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. (Nota da *IHU On-Line*).

para os mortos, pois para aqueles ainda não é, e para estes ainda já não são mais”.

Mas questionar o argumento de Epicuro de nenhum modo implica em dar razão a quem, no outro extremo, empenhou-se em atribuir à condição mortal do ser humano seu traço mais específico, até o extremo de chegar a definir o homem, como fez Heidegger<sup>86</sup>, como um genuíno ser-para-a-morte. Desta disjuntiva escapara todos aqueles pensadores que colocaram o fato de que a morte deve ser pensada sob a perspectiva da vida, e não o inverso. O homem resulta ser, assim, um ser-para-a-vida, dimensão que adquire todo o seu valor, toda a sua densidade, precisamente do fato de que toda a vida, qualquer vida, chega a seu fim, em algum momento.

Tudo isto vem a propósito de que a nós, os vivos, parece acontecer o mesmo que, segundo dizem, passa aos mortos precisamente antes de iniciar sua caminhada (de acordo com o que explicam os que se salvaram e regressaram para contá-lo), e se os segundos vêm projetados, em poucos instantes, sobre a tela da imaginação as imagens fundamentais que compõem a película da própria vida, para os primeiros a notícia do falecimento de alguém que se conheceu oferece lugar a uma experiência, em certo sentido, análoga. Já não nos distraem as histórias recentes ou aquele episódio mais longínquo, mas nos vem a recordação dessa pessoa de um golpe só, com um único golpe de memória.

---

<sup>86</sup> Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *Ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada O século de Heidegger, e 187, de 3-07-2006, intitulada Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, disponíveis para download no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica. (Nota da *IHU On-Line*)

Sempre tem algo - muito - de presunçoso aventurar-se a afirmar, rotundamente, em que termos passará à história da filosofia um pensador que acaba de desaparecer: o autor do prognóstico parece se colocar num lugar fronteiro ao do narrador onisciente, insinuando que conhece as chaves pelas quais alguém alcança a posteridade. Mas inclusive situando-se na mais modesta das perspectivas, uma coisa pode-se afirmar, sem margem de erro: Richard Rorty, Jacques Derrida<sup>87</sup>, Jürgen Habermas<sup>88</sup> e Gianni Vattimo constituem - para além, obviamente, das enormes diferenças entre suas propostas - os quatro pilares fundamentais do pensamento filosófico no último quarto do século XX.

No caso de Rorty, esse lugar de privilégio foi adquirido graças a uma obra animada por uma particular combinação de curiosidade à prova de dogmas e de sensibilidade extrema para os problemas coletivos (ou das dimensões gnoseológicas e ético-políticas do pensamento, se quisermos utilizar uma jargão mais profissional).

Desde a sua antologia sobre a filosofia analítica, em cuja introdução assumira o rótulo - acunhado por Gustav

---

<sup>87</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. (São Paulo: Perspectiva, 1973); *L'Éthique du don*, (1992), Demeure, Maurice Blanchot (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>88</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da *IHU On-Line*)

Bergman<sup>89</sup> - de giro lingüístico, que tanta sorte teve na posteridade, até o seu recente diálogo com Vattimo sobre o futuro da religião, editado por Santiago Zabala<sup>90</sup>, poderia se afirmar que o conjunto da trajetória rortiana se dá permanentemente entre ambas as dimensões, alternando as contribuições de um e de outro tipo.

Do primeiro seria representativo o texto que lhe proporcionou mais notoriedade, no qual o autor mostrava seu estilo filosófico particular, feito tanto de espírito crítico e de abertura teórica (precursora do diálogo interparadigmático), seu já clássico *A filosofia e o espelho da natureza*, enquanto *que do segundo caberia* mencionar o polêmico *Forjar nosso país*, onde se incluía, de maneira decisiva, o debate sobre o significado de ser de esquerda nas sociedades ocidentais desenvolvidas de nossos dias. Sem esquecer, é claro, os trabalhos recolhidos em três volumes de *Escritos filosóficos*, o livro *Conseqüências do pragmatismo* e, sobretudo, essa fundamental contribuição à reflexão metafilosófica que é *Contingência, ironia, solidariedade*.

Porque é neste último texto que encontramos, claramente explicitado, o sentido último do projeto rortiano. É nele que se apresenta a definição do filósofo que ironiza, como aquele que “passa seu tempo preocupado com a possibilidade de ter sido iniciado na tribo errada, de ter aprendido o jogo da linguagem

---

<sup>89</sup> **Gustav Bergmann (1906-1987)**: filósofo que cunhou o termo “virada lingüística”, que representa a descoberta de que “as relações entre linguagem e a filosofia - tanto quanto mais fundamentais - estão mais próximas do que entre a linguagem e qualquer outra disciplina”. (Nota da IHU On-Line)

<sup>90</sup> **Santiago Zabala**: discípulo intelectual do filósofo italiano Gianni Vattimo e seu colaborador, é o conferencista na noite de 22-05-2007, às 20h, sob o título Autonomia do indivíduo e pensamento fraco. Os desafios para uma ética sóciopolítica. Graduado em Filosofia pela Universidade de Turim, em 2002 obteve o título de mestrado com a orientação de Vattimo. É autor de *Filosofare con Ernst Tugendhat*. Il carattere ermeneutico della filosofia analítica (Milan: Franco Angeli Editore, 2004). (Nota da IHU On-Line)

equivocada”. Não se trata, certamente, de uma preocupação menor. Porque se fosse o caso que o processo de socialização que o converteu em ser humano ao lhe dar uma linguagem lhe tivesse dado uma linguagem equivocada, então ele mesmo teria se convertido na “espécie errônea do ser humano”. A ironia não proporciona a solução, mas nos torna conscientes do problema. Se a ironia serve para algo, é precisamente como remédio contra a idéia de que a ciência natural, a teologia ou a filosofia estarão em condições de dar a única descrição verdadeira e real da essência do homem.

Daí sua luminosa afirmação: o que distingue uns filósofos de outros é precisamente quem é o objeto da inveja. Os filósofos analíticos sempre invejaram os cientistas da natureza ou, no mínimo, os matemáticos. Rorty, ao contrário, se precisar escolher alguém para acompanhá-lo numa ilha deserta, escolheria Blake<sup>91</sup> ou Rilke<sup>92</sup>.

Quase sem dar-nos conta, a evocação acaba por nos reenviar ao ponto de partida. Esta é a vantagem em escrever (bons) livros: seus autores nunca acabam de morrer completamente, o que é, como dizer, que são um pouco mais seres para a vida que o resto dos mortais.

Chega-me a notícia da morte de Richard Rorty e, como de repente, não consigo imaginá-lo adornado com os traços que mostrava em seus textos: inteligente, mordaz, brilhante e cheio de entusiasmo. Ah! E rindo-se de tudo, como somente os grandes podem fazê-lo.

---

<sup>91</sup> **William Blake (1757-1827)**: foi o primeiro dos grandes poetas românticos ingleses, como também pintor, impressor, e um dos maiores gravadores da história inglesa. Foi também pintor, sendo sua pintura definida como pintura fantástica. (Nota da IHU On-Line)

<sup>92</sup> **Rainer Maria Rilke (1875-1926)**: um dos mais importantes poetas de língua alemã do século XX por sua obra inovadora e seu incomparável estilo lírico. (Nota da IHU On-Line)

## Filme da Semana

### Caparaó, de Flávio Frederico

OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA ESTÃO EM EXIBIÇÃO EM PORTO ALEGRE E FORAM VISTOS POR ALGUM/A COLEGA DO IHU.

#### Ficha Técnica:

*Nome original:* Caparaó

*Cor filmagem:* Colorida

*Origem:* Brasil

*Ano produção:* 2006

*Duração:* 77 min

*Gênero:* Documentário

*Classificação:* livre

*Diretor:* Flávio Frederico

*Sinopse:* Em 1966, um grupo de ex-militares, cassados por militância política, organizam a primeira tentativa de luta armada no Brasil. O local é a Serra do Caparaó, na divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo. No começo, são apoiados por Leonel Brizola, exilado no Uruguai, e recebem dinheiro de Fidel Castro. Mas a situação muda e eles ficam isolados.

### Nós que amávamos tanto a revolução

*Luiz Carlos Merten comenta o documentário no jornal O Estado de São Paulo do dia 07-06-2007, destacando como o diretor traz a guerrilha na Serra de Caparaó para a geração que a desconhece.*

Flávio Frederico gosta de dizer que escolhe seus projetos de ficção, mas é escolhido pelos documentários. Eles caem em sua vida e terminam por se tornar tão necessários que não há como abandoná-los. Foi o que ocorreu com **Caparaó**. Flávio é jovem. Tem 38 anos. Como a maioria das pessoas de sua geração, sabia, vagamente, da existência da guerrilha na Serra do Caparaó, na divisa de Minas e do Espírito Santo, mas nunca imaginou que poderia ser o tema de um trabalho seu. “Foi a montanha que me levou a Caparaó”, ele diz.

Em 2003, sua paixão pela montanha o levou a filmar **Serras**. Em busca de imagens, foi a Caparaó. Foi lá que ouviu os primeiros relatos sobre os jovens, não mais de 20 homens, que fizeram a primeira guerrilha contra a ditadura militar, em 1966, apenas dois anos depois do golpe. Ele começou a achar que aquilo dava filme. Deu um belo documentário que venceu o Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade.

Foi uma vitória que surpreendeu o próprio Flávio

Frederico. Ele sabe, por experiência própria, que o festival valoriza as pesquisas de linguagem. É um inovador, mas desta vez ele sentiu a necessidade de se apagar, como cineasta, digamos, experimental, para dar plenos poderes ao Flávio Frederico documentarista, interessado em contar sua história. Caparaó virou uma obsessão que o levou, em busca de informações, ao historiador Paulo Canabrava, que o fez descobrir um dos personagens daquela história extraordinária. Extraordinária? Ao fazer, na internet, a primeira pesquisa sobre a guerrilha do Caparaó, ele encontrou um texto chamado *O incrível exército de Brizaleone*, numa óbvia associação à comédia *O incrível exército de Brancaleone*, de Mario Monicelli. A guerrilha do Caparaó teria sido simplesmente um Exército de errados e atrapalhados.

Não foi isso que Flávio Frederico percebeu ao entrevistar o primeiro daqueles guerrilheiros, Araken, ao qual foi apresentado por Paulo Canabrava. Por intermédio dele chegou também a José Caldas da Costa, que já vinha fazendo um trabalho de formiguinha, colhendo depoimentos para uma reportagem investigativa sobre o episódio. José Caldas foi generoso, diz Flávio Frederico. Abriu suas fontes e permitiu que Flávio colhesse os depoimentos dos envolvidos. Os dois projetos, o do livro e do filme, estão vindo a público simultaneamente. Com apoio da Petrobrás, *Caparaó*, o filme, terá um lançamento pequeno, mas muito interessante, integralmente em exibição digital. Serão 11 cidades, incluindo São Paulo, Rio, Santos, Curitiba, Salvador, Recife e Porto Alegre, mais duas em que o filme será apresentado em vídeo. O livro, *Caparaó - A primeira guerrilha contra a ditadura*, com prefácio de Carlos Heitor Cony, também está chegando às livrarias, lançado pela Editora Boitempo.

Na abertura do livro, José Caldas da Costa lembra que era apenas um menino de 7 anos, no interior de Minas, quando, seguro à mão da mãe, viu passarem dezenas de caminhões do Exército, lotados de soldados e que haviam sido despachados para combater os bandidos da Serra do Caparaó. Era um tempo em que se falava de comunistas que roubavam as mulheres dos maridos e comiam criancinhas. A imagem fixou-se na lembrança de José Caldas e o levou a perseguir aquela história. Os personagens não eram bandidos, mas ex-militares de baixa patente, marinheiros e sargentos, que tentaram estabelecer um foco de resistência ao regime militar na Serra do Caparaó. Imaginavam que poderiam incendiar o Brasil. Foram derrotados pela paisagem inóspita, pela falta de apoio. Derrotados? O mais belo de *Caparaó* é ver os antigos guerrilheiros, na atualidade. Não são intelectuais, não entraram para a política. Permanecem pessoas humildes, simples, que não renegam seu sonho de juventude. Os olhos brilham quando eles falam de Caparaó.

Nós que amávamos tanto a revolução, muito mais que *O incrível exército de Brizaleone*. Essa definição vem do fato de que Leonel Brizola, conspirando no exílio uruguaio, fazia a ponte entre Caparaó e Cuba, de onde deveria vir o ouro de Moscou. Tudo isso é relatado pelos próprios participantes. Apenas dois depoimentos são de pessoas de fora da guerrilha do Caparaó - Flávio Tavares<sup>93</sup> e José Caldas. Flávio Frederico assumiu o risco de fazer um filme baseado na força dos depoimentos. No

---

93 Flávio Tavares: jornalista e escritor, é autor de *O dia em que Getúlio matou Allende* (Editora Record / 2004), livro que conta as profundezas do que viveu como jornalista político durante as décadas de 1950 e 1960. Tavares concedeu entrevista à *IHU On-Line* a respeito de sua convivência com o ex-presidente João Goulart publicada nas *Notícias do Dia* no dia 20-12-2006, disponível no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

recente *Hércules 56*<sup>94</sup>, de Sílvio Da-Rin, outro filme sobre a guerrilha no Brasil da ditadura, o cineasta - cujo rigor Flávio admira - também usa depoimentos, mas os dois filmes exibem uma diferença de método fundamental. Da-Rin reuniu seus ex-guerrilheiros para uma conversa em torno de uma mesa. Flávio Frederico retardou, o máximo que pôde, o reencontro. Queria estruturar o filme na oposição/confirmação dos depoimentos. E queria que seu filme tivesse ritmo. A montagem foi um longo processo que lhe tomou um ano e meio de trabalho.

O resultado está chegando ao público. É o momento delicado. A guerrilha do Caparaó interessará às pessoas? Flávio Frederico espera que sim. Ele se apaixonou por esses personagens, por sua luta, por sua integridade. Acha que será falha sua se os espectadores não compartilharem seu interesse histórico e humano por eles. Uma coisa é certa. *Caparaó* poderá ter desdobramentos na obra do diretor. Ele tem um projeto sobre a Boca do Lixo e outro sobre a guerrilheira Iara, lendária companheira de Lamarca<sup>95</sup> e tia de sua mulher, a roteirista Mariana Pamplona. Mariana e Flávio planejam uma ficção e um documentário sobre Iara. Ele admitiu que chegou a pensar em fazer uma ficção sobre Caparaó. Achou que um documentário seria melhor, dando voz a esses personagens esquecidos pela história oficial, mas que viveram uma aventura extraordinária. Pequenas vidas colhidas no turbilhão revolucionário. Se fosse para

---

<sup>94</sup> *Hércules 56*: documentário com os nove remanescentes do grupo de 15 presos políticos que, em 6 de setembro de 1969, foram trocados pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick, seqüestrado dois dias antes, no Rio de Janeiro, por duas organizações revolucionárias que lutavam contra a ditadura militar. O longa foi filme da semana na edição 220 da *IHU On-Line* com o tema O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos, disponível para download no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>95</sup> *Carlos Lamarca (1937-1971)*: militar e guerrilheiro brasileiro, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária, foi um dos principais opositores do regime militar do país. (Nota da *IHU On-Line*)

fazer uma ficção, ninguém menos que um David Lean seria necessário para contar essa história.

## Aspecto humano supera a questão política e militar

*Luiz Zanin Oricchio, em comentário publicado no jornal O Estado de São Paulo, de 07-06-2007, também comenta o documentário Caparaó.*

No jargão da esquerda, *Caparaó* ficou conhecida como “a guerrilha do Brizola”.<sup>96</sup> Mas o dinheiro era de Cuba para esse movimento armado, encravado na serra de Caparaó, divisa entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Formada principalmente por ex-militares, expurgados das Forças Armadas depois do golpe de 1964, a guerrilha seguia como bíblia a teoria do foco, de Guevara. Formação de um grupo guerrilheiro rural, que contaria com adesão da população explorada e iria crescendo, até descer para a cidade e tomar o poder como acontecera com os barbudos da Sierra Maestra.

Um filme assim funciona na base de depoimentos e Caparaó se ampara nas falas de oito dos ex-guerrilheiros. Ouve também três PMs que os prenderam, e um dirigente do MRN (Movimento Revolucionário Nacional), que comandava a guerrilha com dinheiro de Havana, passado via Brizola. Há outras fontes, embora mais raras: imagens supostamente inéditas das operações em Caparaó, encontradas no arquivo da extinta TV Tupi. Juntam-se a documentos provenientes dos antigos arquivos do Dops em São Paulo e no Rio de Janeiro, fotos e reportagens de jornais paulistas e cariocas.

---

<sup>96</sup> **Leonel de Moura Brizola** (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), a versão eletrônica do *Cadernos IHU em Formação*, intitulada Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola. (Nota da *IHU On-Line*)

O que se pode dizer desse material colhido e organizado em forma de filme pelo diretor Flávio Frederico? A primeira impressão que salta à vista é a ingenuidade do projeto de guerrilha, que sonhava reverter uma situação militar estabilizada não contando com mais de 17 militantes, em seu apogeu. Parte desse quixotismo se deve à impressão (até hoje vigente em certos meios) de que a vitória do golpe se devia à completa passividade de quem deveria sustentar o governo Goulart. Darcy Ribeiro<sup>97</sup> falava muito nisso e Leonel Brizola, idem. Jango<sup>98</sup> não quis resistir. Entregou os pontos e exilou-se no Uruguai. Portanto, havia uma convicção, em parte da esquerda, sobre a fragilidade do governo militar, diagnóstico que se revelou equivocado, para dizer o mínimo. Esse é o aspecto político-militar da coisa.

Mas existe também o lado humano e este talvez seja mais relevante que o primeiro, pelo menos neste momento da nossa história. E em que consiste esse 'fator

---

<sup>97</sup> **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e lingüística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. Sobre ele, IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação*, de 3-01-2007, disponível para download no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

humano? Na pergunta que somos obrigados a fazer: por que motivo um grupo de pessoas sobe uma serra, com poucos mantimentos e poucas armas, na doce ilusão de enfrentar sozinho um exército organizado? Um dos ex-guerrilheiros responde: 'Tínhamos de fazê-lo, para estar à altura do nosso tempo.'

Era isso, porque por mais idealismo ou falta de cálculo que houvesse (e havia), era impossível a certa altura desconhecer que eles estavam colocando a própria pele em risco. Mais ainda: que tinham escassas possibilidades de sair daquela aventura com vida. O que leva seres humanos a esse tipo de afrontamento, a uma luta que se sabe, depois de algum tempo, não conduzirá à vitória, mas, à prisão, no melhor dos casos, e mais provavelmente, à cova? Um imperativo histórico, ético, político?

São perguntas implícitas não apenas em Caparaó, mas em todos os filmes sobre a luta armada que estão aparecendo por aí. O de Flávio Frederico figura, ao lado de Hércules 56, de Silvio Da-Rin, como ponto alto na história cinematográfica da guerrilha. Ao lado deles, há as ficções, como *Cabra cega*, *Nunca fomos tão felizes*, *Araguaia*, *Quase dois irmãos*<sup>99</sup> e aqueles ficcionais, mas baseados em personagens reais como *Lamarca*, *O que é isso, companheiro?*, *Zuzu Angel*, *Batismo de sangue*. Filmes que, com seus problemas e/ou tendências ideológicas nos colocam uma situação estranha em época de passividade política: como foi possível existir um tempo em que determinadas pessoas, com todos os equívocos que pudessem ter, colocavam a vida em risco em nome de suas idéias?

---

<sup>99</sup> *Quase Dois Irmãos*: longa metragem de Lúcia Murat que faz um retrato histórico e explicativo do cenário atual da violência do país, que começa nos anos 70, ainda na época da ditadura. O filme foi discutido e exibido no evento Cinema BR em Movimento, no IHU. (Nota da IHU On-Line)

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 04-06-2007 A 10-06-2007

### **Revolução Energética. A proposta do Greenpeace**

**Ricardo Baitelo**

Confira nas *Notícias do Dia* 04-06-2007

O engenheiro elétrico e coordenado da campanha “Revolução Energética” do Greenpeace Ricardo Baitelo diz que o objetivo da ONG é reduzir o consumo de recursos fósseis no mundo até 2050.

### **O trágico e o demoníaco na versão de Saramago para história de Jesus Cristo**

**Vanessa Neves Rimbau Pinheiro**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-06-2007

Vanessa fala da polêmica que a obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* gerou, dos elementos trágicos e demoníacos que encontrou e da contemporaneidade da obra até hoje.

### **Juventude é o tema de importante documento da CNBB**

**Gisley Azevedo Gomes e Hilário Dick**

Confira nas *Notícias do Dia* 06-06-2007

O padre e assessor nacional do Setor Juventude da CNBB Gisley Azevedo Gomes e o padre jesuíta e doutor em Letras Hilário Dick comentam o documento Evangelização da Juventude - Desafios e perspectivas pastorais, aprovado na última assembléia da CNBB.

### **Autonomia e hipermodernidade**

**Gilles Lipovetsky**

Confira nas *Notícias do Dia* 07-06-2007

O filósofo Gilles Lipovetsky fala sobre sua conferência no *Simpósio Internacional O futuro da autonomia*, no qual apresentou o tema “O futuro da autonomia e os tempos hipermodernos”, sobre seu livro *A sociedade da decepção* e a desigualdade no Brasil.

### **Che Guevara e Fidel Castro: imagens e influência na política latino-americana**

**Jean Rodrigues Sales**

Confira nas *Notícias do Dia* 08-06-2007

Focado no estudo da história das esquerdas no Brasil, o historiador Jean Rodrigues Sales comenta a influência de Che Guevara e Fidel Castro, em Cuba, nas décadas passadas, e no cenário político latino-americano.

### **Festas e ritos: espaços urbanos e espaços rurais e suas diferenças**

**José Guilherme Magnani**

Confira nas *Notícias do Dia* de 09-06-2007

O 34° Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos discutiu as “Festas, ritos e celebrações” das grandes e pequenas cidades. Discutindo a questão neste evento, estava presente José Guilherme Magnani, que abordou as diferenças desses eventos nos espaços rurais e urbanos, os simbolismos e a sociabilidade.

'Os pobres me evangelizaram'.

**Antônio Cechin**

Confira nas *Notícias do Dia* 10-06-2007.

Cechin conta um pouco da sua trajetória e fala sobre sua escolha religiosa, a opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e o MST.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))

**Aparecida: Texto e Contexto**

**D. Demétrio Valentini**

Confira nas *Notícias do Dia* 04-06-2007

D. Demétrio Valentini comenta o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, afirmando que “o contexto é muito mais rico do que o texto”.

**O corpo pós-humano**

**Emanuela Audisio**

Confira nas *Notícias do Dia* 04-06-2007

De acordo com a jornalista Emanuela Audisio, a sociedade está se automedicando. Segundo ela, cada um tem o seu lifting e os fármacos não são mais somente para os enfermos. Vivemos, segundo a jornalista, “uma época onde somente conta vencer e transformar-se”. O artigo foi publicado no jornal *La Repubblica*, em 11 de maio de 2007.

**A fábrica dos corpos e o declínio da antropologia**

**Roberto Esposito**

Confira nas *Notícias do Dia* 04-06-2007

Depois do ciclista Ivan Basso ser acusado de doping, o filósofo italiano Roberto Esposito, em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, no dia 11 de maio de 2007, questiona até que ponto o ser humano pode intervir no seu corpo. Para ele, o homem está ultrapassando seus limites e criando um artificialismo.

**15 anos depois da Rio-92**

**Achim Steiner**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-06-2007

Para o especialista em economia ambiental e desenvolvimento e coordenador do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) Achim Steiner, a Rio-92 foi o maior exercício de mobilização que já ocorreu no movimento ambientalista. A entrevista foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 5-06-2007.

**Zoellick, um homem da Enron no Banco Mundial**

**Marcelo Zlotogwiazda**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-06-2007

Em artigo publicado no jornal *Página/12*, no dia 03-06-2007, Marcelo Zlotogwiazda comenta o caso do Banco Mundial, que precisou substituir seu presidente, Paul Wolfowitz, devido a um escândalo de privilégios. Em seu lugar, os Estados Unidos postularam um homem do mesmo perfil: o ex-assessor da petroleira que quebrou de forma fraudulenta, defensor de corporações e belicista, Robert Zoellick.

**Raposa Serra do Sol. 'Decisão é parte de processo irreversível', afirma CIMI**

**Guenter Francisco Loebens**

Confira nas *Notícias do Dia* 06-06-2007

De acordo com o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), é uma grande vitória a retirada das empresas da reserva indígena Raposa Serra do Sol.

A entrevista foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 06-06-2007.

#### Uma leitura renovada do Corão

**Michel Cuypers**

Confira nas *Notícias do Dia* 07-06-2007

Francesco Strazzari, teólogo italiano, publicou, na 4ª edição da Revista *Il Regno* deste ano, a entrevista com o Padre Michel Cuypers reproduzida pelo sítio do IHU.

#### Corrupção é crime hediondo

**Oded Grajew**

Confira nas *Notícias do Dia* 08-06-2007

Oded Grajew, líder de movimentos do terceiro setor, classifica a corrupção como um crime hediondo. A entrevista foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 08-06-2007.

#### A Igreja entre o espiritualismo e o temporalismo

**Raniero La Valle**

Confira nas *Notícias do Dia* 08-06-2007

O jornalista e escritor Raniero La Valle comenta a igreja e sua relação com a política no pontificado de Bento XVI, em entrevista concedida à agência italiana *Adista*.

**Saúde. 'É uma falácia dizer que há dinheiro, mas falta gestão'.**

**Adib Jatene**

Confira nas *Notícias do Dia* 10-6-2007.

Ex-ministro da Saúde e idealizador da CPMF, Adib Jatene, comenta, em entrevista ao jornal *Zero Hora* de 10-06-2007, sobre a época no comando da pasta no governo Fernando Henrique Cardoso, em que teve de convencer os demais colegas e o Congresso a aprovar a medida impopular.

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

#### Renan

"No ano passado, Renan faturou R\$ 1,9 milhão no setor agropecuário. Vendeu 784 cabeças de gado. Tem ainda 1.704 reses em estoque. É um ás do agronegócio" - **Fernando Rodrigues**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 4-06-2007.

"De um Ph. D. em gado: 'Renan Calheiros teria de negociair 6.500 cabeças para auferir R\$, 1,9 milhão com a venda de gado, como declarou'" - **Ancelmo Gois**, jornalista - *O Globo*, 4-06-2007.

"O senador Renan Calheiros, que sempre defendeu a proibição das armas de fogo, deveria

ter dedicado mais atenção às armas brancas, como a navalha" - **Bene Barbosa**, presidente da ONG Movimento Viva Brasil, ligada à área da segurança pública, sobre os elos entre o presidente do Senado e personagens apanhados na Operação Navalha - *Folha de S. Paulo*, 4-06-2007.

"O Renan provou que tem renda para sustentar até dez Mônicas" - **Romeu Tuma**, senador pelo DEM-SP, logo após a reunião do Conselho de Ética que decidiu pela abertura de processo contra Renan Calheiros (PMDB-AL) - *Folha de S. Paulo*,

9-06-2007.

“Larry Flynt, o célebre dono da revista pornô *Hustler*, publicou anúncio de página inteira no “Washington Post” de domingo oferecendo US\$ 1 milhão a quem relatar -em detalhes e com provas- ter vivido caso extraconjugal com algum político. Em Brasília, diz uma voz experiente, R\$ 10 mil seriam suficientes para formar fila na praça dos Três Poderes” - **Renata Lo Prete**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 5-06-2007.

#### **Epitáfio x Epitáfio**

“A indicação do senador ‘Epitáfio’ Cafeteira como relator é a garantia de que a representação do PSOL contra Renan Calheiros vai prosperar?’, perguntou um locutor de rádio do interior para o deputado Chico Alencar, do PSOL. E Chico, gaiato: ‘Ele tem um nome a zelar. O Epitáfio não vai querer ser o autor do epitáfio do nosso pedido. E cafeteira não combina com pizzaria’...” **O Globo**, 7-06-2007.

#### **Xeque-Mate**

“O nome da operação é Xeque-Mate, que no xadrez é uma jogada que empareda o rei. Será mera coincidência?” - **Ciro Gomes**, deputado federal - PSB-CE - **O Globo**, 7-06-2007.

“A conduta do presidente, aliás, foi nada menos do que irretocável. Ao que se sabe, não moveu uma palha para impedir que se expedisse o mandado judicial de busca e apreensão na casa de Vavá” - editorial do jornal **O Estado de S. Paulo**, 7-06-2007.

“Mesmo com toda a onda feita a propósito de Genival Inácio da Silva, a Polícia Federal diz que

esse irmão de Lula até recebia uns trocados, mas não cumpria as promessas feitas. Ah, explicam-me, então não é crime: é genético” - **Janio de Freitas**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 10-06-2007.

#### **G-8**

“Bush e os outros fazem a sua estúpida reunião e mandam que a polícia nos reprima. Eles fazem a guerra e dizem que os violentos somos nós” - **Jonas**, alemão de Mannheim que participou das manifestações contra o G-8 em Rostock - **La Repubblica**, 5-06-2007.

#### **PT de POA**

“Petistas de Porto Alegre em pé de guerra: o grupo que apóia a candidatura de Maria do Rosário se considera boicotado pela ala de Tarso Genro, Olívio Dutra e Raul Pont, que prefere o ex-ministro **Miguel Rossetto**” - **Rosane de Oliveira**, jornalista - **Zero Hora**, 5-06-2007.

#### **Etanol**

“Este (o etanol) é o mercado do futuro” - **Roberto Giannetti da Fonseca**, presidente da Ethanol Trading e ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior - Camex - **O Globo**, 7-06-2007.

“Há dois anos, só se falava em soja. Agora, a vedete do momento é o etanol. Essa inflação (da valorização histórica do preço da terra) está estritamente ligada ao etanol” - **Jacqueline Dettmann Bierhalds**, analista do Instituto FNP - **O Globo**, 7-06-2007.

### Lula e Chávez

"Chávez tem suas razões para brigar com os EUA. E os EUA têm suas razões para brigar com a Venezuela. O Brasil não tem nenhuma razão para brigar com os EUA ou a Venezuela" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 5-06-2007.

"Lula, respondo da mesma maneira: você é um amigo, um grande presidente, humilde, inteligente, que não se deixa pressionar" - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - **O Estado de S. Paulo**, 7-06-2007.

"Eu acho que não dá para ideologizar essa questão da televisão. O mesmo Estado que dá uma concessão é o Estado que pode não dar a concessão. O Chávez teria praticado uma violência se tivesse, após o fracasso do golpe, feito a intervenção na televisão. Não fez. Esperou vencer a concessão. No Brasil vencem concessões sempre e que passam pelo Senado para que haja renovação. Nos Estados Unidos, há concessões. Algumas são renovadas. Vai da visão que cada presidente tem da situação" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 8-06-2007

"Eu não apoiei o Chávez nem no primeiro dia. Nem ontem. Nem hoje. A única coisa que defendo é que aquilo é um problema da Venezuela. Cada país toma conta do seu nariz." - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 9-06-2007.

"É uma briga que não consigo entender muito bem" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República referindo às relações entre EUA e

Venezuela que somente melhorarão, segundo Lula, depois da sucessão de George W. Bush - **O Estado de S. Paulo**, 9-06-2007

### Lula e o MST

"Não são só Chávez e Fidel que andam de beicinho com Lula. Dorme, desde agosto, na mesa do presidente um pedido de audiência do MST" - **Ancelmo Gois**, jornalista - **O Globo**, 4-06-2007.

### ACM

"ACM está preparando o desembarque das suas tropas na base governista" - **coluna Radar** da revista **Veja**, nas bancas neste final de semana.

### Erundina

"Eu não deixei o PT, o PT é que me deixou. Ainda hoje é uma questão mal resolvida dentro de mim" - **Luiza Erundina**, ex-prefeita de São Paulo pelo PT e hoje deputada federal pelo PSB-SP - **Caros Amigos**, maio de 2007.

### Paradas

"A julgar pelas paradas de sucesso do momento, São Paulo tem 3,5 milhões de evangélicos, 3 milhões de gays e cada vez menos corintiano" - **Tutty Vasques**, humorista - **NoMínimo**, 8-06-2007.

### Mano

"O que vem acontecendo comigo nesses dois anos é muito intenso. Logicamente isso me surpreende um pouco, mas me preparei para viver este momento e tenho tido a preocupação de manter os pés no chão" - **Mano Menezes**, técnico do Grêmio - **Folha de S. Paulo**, 5-06-2007.

## Grêmio

"O Grêmio não é o time mais técnico, mas é o mais competitivo. E é isso que importa" - **Tcheco**, jogador do Grêmio depois da classificação para as finais da Libertadores - **Folha de S. Paulo**, 7-06-2007.

"O futebol brasileiro já conhece muito do futebol do Boca e sua capacidade de disputar finais" - **Mano Menezes**, técnico do Grêmio - **Zero Hora**, 8-06-2007.

"O Grêmio talvez precise de uma façanha na Bombonera" - **Ruy Carlos Ostermann**, jornalista - **Zero Hora**, 8-06-2007.

"Toca-nos jogar a final com um rival importante. Outra vez com o Boca tratando de romper a hegemonia do futebol brasileiro" - **Miguel Russo**, técnico do Boca Juniors que enfrentará o Grêmio na final da Libertadores da América - **Clarín**, 9-06-2007.

"Vi o Grêmio jogar contra o Santos e creio que é uma equipe forte, mas também vulnerável quando é atacada" - **Palermo**, jogador do Boca Juniors - **Página/12**, 9-06-2007.

## Eventos

## Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - [WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

**Dia 11-06-2007****Educação e capacitação: referências importantes no desempenho das cooperativas?**

Prof. Dr. José Odelso Schneider, SJ - Unisinos

Encontros de Ética

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

**Dia 12-06-2007****Discussão sobre a presença africana no Brasil**

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira - Unisinos

Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h15min

**Dia 12-06-2007*****Gilbert Grape - aprendiz e sonhador, de Lasse Hallström (1992)***

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Graça Motta - Unisinos e mestrandas Ivani Freitas - Unisinos

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e cuidador: os vários sentidos dessa relação

Sala 1G119 - IHU - 08h30min às 12h.

**Dia 13-06-2007*****Segunda-feira ao sol***

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara Bueno Fischer e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Fritsch - Unisinos

Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no Cinema

Sala 1G119 - IHU - 19h15min às 22h15min

**Dia 13-06-2007****O surgimento da ordem mercantil - *Coração de cristal*, de Werner Herzog**

Prof. Dr. José Luiz Bica de Melo - Unisinos

Quarta com Cultura Unisinos

Livraria Cultura - Bourbon Shopping Country

Av. Túlio de Rose, 80 - Loja 302 - Porto Alegre/RS - 19h às 21h30min

**Dia 16-06-2007*****O diário de um novo mundo*, de Paulo Nascimento**

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir - Unisinos

História do Brasil e Cinema II: Índios e negros - leituras e imagens no cinema brasileiro

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

## Segunda-feira ao sol, de Fernando Leon de Aranoa

CICLO DE FILMES E DEBATES - TRABALHO NO CINEMA

*“O filme conta a história dos personagens revelando os seus sentimentos e o acontece quando estão desempregados, como isso os afeta, o que acontece nas suas casa, como eles interagem com seus parceiros e com as suas famílias. Com isto, ele propicia uma discussão política e ética do que está no pano de fundo: o desemprego estrutural, a política do emprego, o sindicalismo.” As afirmações são da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Fritsch, da Unisinos, ponderando aspectos a respeito do filme Segunda-feira ao sol, que debaterá junto com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Bueno Fischer, também docente na Universidade, nesta quarta-feira, 13-06-2007, das 19h15min às 22h15min, na Sala 1G119 do IHU dentro da programação do Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no cinema.*

*Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rosângela é especialista em Administração e Planejamento de Bem Estar Social pela mesma instituição. Também na PUCRS cursou mestrado em Serviço Social e doutorado em Educação na Unisinos com a tese Travessias na luz a na sombra: as trajetórias profissionais de administradores de recursos humanos - os seus percursos de formação, de trabalho e de profissionalização no âmbito da gestão de pessoas. É autora do livro Planejamento Estratégico: um instrumento de intervenção (Porto Alegre: Da Casa, 1996).*

*Maria Clara é graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cursou doutorado em Educação na Universidade de Nottingham, Inglaterra, com a tese Radical trade union education in practice? A study of CUT's education programme on collective bargaining. É uma das organizadoras de Capacitação de conselheiros das comissões de trabalho e emprego: a experiência da CUT de 1998 a 1999 (Florianópolis - SC: Rocha, 2000) e Formação de formadores para educação profissional: a experiência da CUT 1998/1999 (Florianópolis: Rocha, 2000).*

### Ficha Técnica

**Título Original:** Los lunes al sol

**Gênero:** Drama

**Tempo de Duração:** 113 minutos

**Ano de Lançamento (Espanha):** 2002

**Direção:** Fernando León de Aranoa

**Sinopse:** Uma cidade costeira no norte da Espanha sofre com seu isolamento quando seus estaleiros começam a ser fechados, deixando vários trabalhadores desempregados à mercê de pequenas ocupações temporárias. Entre eles está Santa (Javier Bardem), um machão rebelde e auto-suficiente que se recusa a admitir o fracasso. Mas a verdade é que ele e seus companheiros, dos quais ele se torna uma espécie de líder, são perdedores completos, mergulhados no alcoolismo e em crises familiares.

## Uma reflexão sobre o desemprego estrutural

ENTREVISTA COM ROSÂNGELA FRITSCH

*IHU On-Line - Que conexões a senhora faz entre a situação de desemprego do filme e a que presenciamos no Brasil atual?*

Rosângela Fritsch - Eu começaria salientando que para além da situação de desemprego vai se revelando no filme o lugar e o sentido do trabalho para as pessoas. O trabalho como parte da essência, como valor. O caráter do trabalho como formativo e constituinte da identidade das pessoas. O trabalho como uma atividade humana e por essa razão é tão forte a sua influência psicológica e social na vida das pessoas na sua totalidade. O que quero registrar é que aqueles ex-operários metalúrgicos da indústria naval não perderam apenas, de forma irremediável, seu emprego no estaleiro Aurora, mas romperam com as identidades de trabalhadores e de classe. São obrigados a buscar empregos precários em outras atividades de trabalho e buscar estratégias de empregabilidade em atividades que não lhes fazem sentido. Bem, falar da situação do desemprego na Espanha ou no Brasil é preciso reconhecer as diferenças econômicas, sociais, políticas, culturais, educacionais, legais dos respectivos contextos. Ao mesmo tempo, ambas as realidades, leva a uma reflexão mais ampla sobre a lógica do mercado, da financeirização, da mundialização e da globalização do capital que são metamorfoses do capitalismo global, visíveis a partir da década de 1980 que implicam numa nova divisão internacional do trabalho e num novo modelo de produção (acumulação flexível) com impactos

significativos no mundo do trabalho: aumento do desemprego em massa e do desemprego de longa duração e da precarização do trabalho. Um grande contingente de ex-operários foi obrigado a buscar inserções precárias no mercado de trabalho no setor de serviços em expansão, quando não ficaram dele excluídos. Neste contexto e com o crescente surgimento de novas empresas e a conseqüente competição entre elas o capital se reorganiza, agora internacionalmente, e busca na informática e em tecnologias de base micro-eletrônica formas de flexibilizar a produção para novos ganhos de produtividade e lucratividade gerando um desemprego estrutural e global.

*IHU On-Line - Como essa situação de desemprego se reflete no psicológico do personagem Santa (Javier Bardem)? E na vida real, como essa realidade se faz notar entre os trabalhadores que perdem suas ocupações?*

Rosângela Fritsch - Esta é uma pergunta importante porque para mim possibilita falar sobre o que é central na proposta do filme. É um filme que trata e faz pensar sobre o desemprego estrutural. Todavia este tema vai se revelando na história de um grupo de pessoas que vivem esta situação. Isto, para mim, é a grande marca do filme, pois as angústias, as misérias e as desesperanças geradas pelo desemprego estrutural são apresentadas na perspectiva de quem as vive. É um filme sensível e emotivo porque são pessoas e suas histórias, suas

singularidades, subjetividades e intersubjetividades. O filme conta a história dos personagens revelando os seus sentimentos e o acontece quando estão desempregados, como isso os afeta, o que acontece nas suas casa, como eles interagem com seus parceiros e com as suas famílias. Com isto ele propicia uma discussão política e ética do que está no pano de fundo: o desemprego estrutural, a política do emprego, o sindicalismo, etc. O personagem Santa, assim como os demais, Lino, José e Amador, apresentam através de suas histórias e dramas a função psicológica do emprego e também do trabalho na vida das pessoas. Em relação ao personagem Santa, que é um dos principais, temos um homem solitário, sociável e solidário. É ex-liderança sindical de base, de personalidade marcante, organizador e influenciador de um coletivo de trabalho desestruturado pela reestruturação produtiva. Ele representa um proletário industrial, ex-soldador metalúrgico, que trabalhou no estaleiro Aurora por quatro anos e conseguiu ser líder operário. Santa, para sobreviver ao sofrimento, cria estratégias de resistência divagando, fantasiando, gozando e transgredindo em situações concretas que vão acontecendo. Por exemplo, para cortejar Ângela, a moça vendedora de queijo suíço no supermercado, diz ser especialista em queijo e finge falar suíço. Santa diz saber pilotar um barco, apesar de só ter ocupado o posto de cozinheiro num barco. Brinca com os significados das palavras, dizendo conhecer sua etimologia. Logo no início do filme, entra no ferryboat sem apresentar o bilhete. Bebe sem pagar no bar Naval, utilizando-se inclusive do caça-níquel e come batatinhas fritas no supermercado. Santa simula e engana a dona da pensão, dizendo que a amante que frequenta seu quarto na pensão, é sua irmã. Santa possui sonhos e cria fantasias para si e para os outros. Talvez não acredite nelas, mas elas traduzem a sabedoria própria de uma desilusão. Entretanto, é importante salientar que, sua simulação e mentiras não significam exploração do próximo, ele transmite valores

humanitários. Tem um fato marcante na história deste personagem, trágico e cômico ao mesmo tempo: ele é obrigado, por ordem judicial, a ressarcir uma lâmpada destruída num ato de protesto contra o fechamento do estaleiro Aurora. O valor da indenização expõe o caráter disciplinar da justiça burguesa, pois na verdade Santa é obrigado a pagar menos pelo valor monetário em si e mais pela penalização do atentado contra a propriedade privada.

O advogado de Santa mostra-se incapaz de contra-argumentar e defender seu cliente e a lógica da argumentação do juiz expõe a justiça a serviço do capital. Como transgressão Santa retorna no local e quebra novamente a lâmpada. Na vida real temos muitas expressões de Santas, Linos, Josés, Amadores e dos demais personagens que de formas e maneiras singulares lutam, desistem, resistem, submetem-se.... e, com certeza, este é o conteúdo que faz com que os expectadores do filme emocionem-se. Em decorrência do lugar de destaque que o trabalho ocupa na vida das pessoas, sendo fonte de garantia de subsistência, de posição social e de constituição de identidades, a falta de trabalho ou mesmo a ameaça de perda do emprego geram sofrimento psíquico, pois ameaça a subsistência, a vida material do trabalhador e de sua família e ameaçam acima de tudo a sua condição de sujeito, abala o valor subjetivo que a pessoa se atribui, gerando sentimentos de menos-valia, angústia, insegurança, desânimo e desespero, caracterizando quadros ansiosos e depressivos.

***IHU On-Line - Como o desemprego se relaciona com as crises familiares e o alcoolismo retratados pelo filme?***

**Rosângela Fritsch** - Se, como disse antes, o trabalho é central e estruturante na constituição das pessoas, a ausência dele e ou do emprego é, por sua vez,

desestruturante. As crises familiares e o alcoolismo, retratados no filme, são expressões da função psicológica e social do trabalho na vida das pessoas. Não é possível separar a vida no trabalho da vida pessoal. Os estudos atuais têm mostrado o quanto são interdependentes as relações entre trabalho ou ausência dele com a o estado de saúde e ou doença das pessoas. No entanto, não é uma tarefa fácil estabelecer a relação causal entre trabalho e transtornos mentais e de comportamento, onde se enquadra o alcoolismo, foco do filme. Não existe uma relação direta, objetiva e linear de causa e efeito porque contribuem para isto outros determinantes e condicionamentos associados que geram determinadas condições de vida e fatores de risco (violências, inseguranças, medos, etc.), presentes nas diferentes interações com a sociedade, com a família, com a igreja, com a escola, com o trabalho. Visando subsidiar o diagnóstico e a estabelecer a relação causal o Ministério da Saúde elaborou uma Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho, publicada na Portaria/MS n. 1.339/1999, também adotada pelo Ministério da Previdência e Assistência Social. De qualquer modo, este é um quadro muito preocupante. Existe carência de dados sobre sofrimento psíquico de trabalhadores e trabalhadoras que estão fora sem trabalho ou no trabalho informal. Segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde os transtornos mentais leves acometem 30% dos trabalhadores ocupados e os transtornos mentais graves 5

a 10%. No Brasil, os dados do Instituto Nacional do Seguro Social sobre concessão de benefícios previdenciários de auxílio doença, com incapacidade para o trabalho superior a 15 dias e de aposentadoria por invalidez revelam que os transtornos mentais e em destaque o alcoolismo crônico ocupam o terceiro lugar entre as causas destas ocorrências. Pontuo também que o álcool é uma droga que gera um efeito prazeroso e amortecedor.

***IHU On-Line - Em relação aos empregos temporários, quais são as principais dificuldades encontradas pelo trabalhador atual?***

**Rosângela Fritsch** - O filme mostra frente ao desemprego estrutural a luta deste grupo de trabalhadores por trabalhos precários, de curta duração para garantir a sobrevivência. Mostra a cruel realidade das pessoas na condição de viverem em cordas bambas, sem saberem como pagarão as suas contas no fim do mês. Se o emprego formal vem sofrendo o fenômeno da precarização do trabalho que se caracteriza fundamentalmente pela perda de direitos sociais e trabalhistas, em tons muito mais cruéis se coloca o emprego precário que se caracteriza como trabalho temporário e informal. Este é um drama de muitas famílias e penso que além da condição de exploração e degradação do trabalho a grande dificuldade que se apresenta em relação aos empregos precários é a ausência total de proteção social.

## Perfil Popular

### João Batista Botelho Machado

*Dono de uma alegria contagiante e uma simplicidade que cativa amigos nos mais diferentes setores da Cooperativa Permissionária de Serviço Público de Energia e Desenvolvimento Rural Taquari Jacuí Ltda. (CERTAJA), cooperativa de eletrificação rural sediada em Taquari, RS, onde trabalha como montador de rede aérea, João Batista Botelho Machado falou com a redação da IHU On-Line pessoalmente e contou um pouco sobre sua trajetória, sonhos, fé, alegrias e decepções. Orgulhoso de seu trabalho de levar desenvolvimento ao meio rural através da energia elétrica, Batista criou seus quatro filhos sozinho após o fim de seu casamento. Nascido em Triunfo e radicado em Taquari, no Rincão São José, esse “certajano” não esconde a indignação quando questionado sobre a política brasileira: “Eu acho uma pouca vergonha”. Confira o perfil desse trabalhador a seguir, na entrevista exclusiva que concedeu à IHU On-Line. Na edição 150 da IHU On-Line, de 08-08-2005, intitulada O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea, Batista concedeu o depoimento “Criei meus filhos sozinho, de braços abertos”.*



**Origens** - Nasci e me criei em Triunfo. Meus pais são de lá também: o seu Moisés Agapito Machado e Tereza Botelho Machado. Éramos em sete irmãos, e eu sou o mais velho dos homens. Minha mãe era dona-de-casa. Antes de ser funcionário da prefeitura, meu pai trabalhava no que aparecia. Passávamos dificuldade, e a gente rezava para não chover e atrapalhar o pai a arranjar serviço. Quando apareceu o emprego de carteira assinada para o pai, foi um alívio. Aí a gente tinha mais garantia de sustento. Antes disso, moramos em muitos lugares, porque íamos onde o pai ia, seguindo ele. Hoje eu tenho roupa quente para usar. Faz frio e posso puxar o casaco de lã. Antes era tudo mais difícil. Aprendi a ser

responsável porque meu pai ensinou isso a toda a família. Ajudávamos ele na lida, e ele cobrava responsabilidade desde que éramos pequenos.

A morte do pai foi triste. O pai morava em Butiá. Ele tinha ido levar café para meu irmão, que cortava mato. Quando chegou lá, uma árvore caiu e ele correu para o lado errado. Morreu esmagado. Naquela hora eu estava trabalhando e nem acreditei quando deram a notícia. Um dia antes eu tinha visto ele, que estava bem. É a imagem que eu guardo dele. Nem me lembro em que ano foi isso; faz muito tempo.

**Trabalho** - Comecei a trabalhar cedo. Trabalhei num serviço público em Triunfo, e depois na Tanac<sup>1</sup>, em Montenegro. Depois, arranjei trabalho na Satipel<sup>2</sup>, carregando os caminhões de lenha no pátio. Quando faltavam cinco dias para completar um ano de emprego, saí da firma. Um colega meu sugeriu que fizéssemos uma ficha na CERTAJA<sup>3</sup>, porque a cooperativa estava contratando gente para as equipes da área de Energia. Fomos à empresa e preenchemos um cadastro com o Tio Hugo<sup>4</sup>. Em seguida, já estávamos no quadro de funcionários da CERTAJA, e eu saí “de capacete e botina”, como gosto de dizer. Isso foi há 28 anos.

Hoje eu faço a locação de redes. Deixa eu explicar: é o mapeamento de redes, o traçado que elas vão ter depois,

---

<sup>1</sup> **Tanac**: empresa gaúcha produtora de tanino e derivados, com capacidade de produção de 30 mil toneladas/ano. Gera 255 empregos diretos na unidade de Montenegro, Rio Grande do Sul. Desde 1995 possui uma unidade de produção de cavacos de madeira de acácia negra no município de Rio Grande. É a maior plantadora individual de acácia negra do mundo, com mais de 27.500 hectares de florestas próprias plantadas. Maiores informações no site [www.tanac.com.br](http://www.tanac.com.br) (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Satipel**: empresa fabricante de painéis aglomerados fundada em 1970 em Taquari, e hoje com filiais em Uberaba (Minas Gerais). Tem capacidade instalada de produção de 1,0 milhão de m<sup>3</sup>/ano e um estoque florestal de mais de 9 milhões de m<sup>3</sup> de Pinus e Eucalyptus. São mais de 61 mil hectares nos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A Satipel é uma das cinco empresas do grupo Ligna. Maiores informações no site [www.satipel.com.br](http://www.satipel.com.br). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **CERTAJA**: Cooperativa Permissionária de Serviço Público de Energia e Desenvolvimento Rural Taquari Jacuí Ltda, fundada em 17 de outubro de 1969 e sediada em Taquari. Foi criada a partir de um programa federal de eletrificação rural para levar desenvolvimento ao interior através da energia elétrica, visando qualidade de vida, aumento da produção e contenção do êxodo rural. Outros negócios buscam dar suporte à área de Energia da cooperativa: supermercados, agroveterinárias, fábrica de artefatos de concreto e engenho de beneficiamento de arroz. Tem hoje mais de 21 mil associados ao longo de 3.538 km de rede de energia, atendendo 21 municípios. Maiores informações no site [www.certaja.com.br](http://www.certaja.com.br). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> **Tio Hugo**: Alberto Lengler, mais conhecido como Tio Hugo, foi o primeiro gerente geral da CERTAJA e um dos pioneiros da eletrificação rural na região atendida pela cooperativa. (Nota da *IHU On-Line*)

quando as turmas de construção executarem a obra. Nossa equipe, o Móvel 1, tem quatro pessoas: o Zé Pencinha<sup>5</sup>, o Rosmi<sup>6</sup>, o Pequeno<sup>7</sup> e eu. Somos uma equipe, e o nome correto entre nós é “certajanos”<sup>8</sup>. Ali ninguém manda em ninguém: somos parceiros. Temos nossas diferenças, mas, conversando, nos entendemos. Depois que fizemos a locação, passamos o resultado para o setor de Projetos, que coloca tudo num programa de computador. Ali está o cérebro das redes da CERTAJA. Todas elas estão desenhadas no computador.

**Relação com os associados** - Trabalhar em cooperativa é pensar em primeiro lugar nos associados. E tem associado de todo jeito. Tem aqueles que vêm e alcançam um copo de água gelada quando a gente tá derretendo no verão. Tem aqueles que são tão legais que oferecem até um café. E já têm outros que, quando chega uma equipe da cooperativa, vão logo perguntando de quanto vai ser a indenização por aquele eucalipto ou acácia que serão derrubados quando a rede for construída. Mas a maioria das pessoas é maravilhosa. Tenho um relacionamento bom com essas pessoas, afinal elas são a razão de ser da nossa cooperativa.

**Orgulho profissional** - Sou muito orgulhoso e realizado com o que faço. Tudo que sei sobre energia elétrica aprendi na CERTAJA. Penso que é um trabalho importante. Graças a ele, o interior tem energia elétrica, desenvolvimento. Trabalhei em várias tarefas diferentes na Energia: construção de redes, oficina de

---

<sup>5</sup> **Zé Pencinha**: José Álvaro Souza da Silva, fiscal de medição. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Rosmi**: Rosmi dos Santos Alexandre, fiscal de medição. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **Pequeno**: Luís Fernando Machado Verdia, fiscal de medição. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Certajanos**: expressão utilizada no jargão da empresa e que se refere aos funcionários ou associados da cooperativa CERTAJA. (Nota da *IHU On-Line*)

transformadores, atendimento a plantões. Gosto de dizer que minha casa é o meu capacete, porque já vivi épocas em que eu não tinha hora para voltar, só para sair de casa. A prioridade é o associado da cooperativa. Essa é a profissão que me fez crescer, criar meus filhos, conseguir o que tenho. Para isso sempre tive apoio dos colegas de todos setores. São pessoas boas, de quem eu gosto.

**Filhos** - Sou pai de quatro filhos: Luís Alberto (24), Ana Paula (18), Sabrina (14) e Daiane (13). Sou separado da mãe das crianças, a Claudete. O casamento não deu certo, e decidimos nos separar. Ela não tinha condições de criar nossos filhos, e eu assumi eles. Se fui pai para fazer os filhos, sou pai para criar. Às vezes ela vem fazer uma visita, mas não é sempre. Foi difícil criá-los, porque eu tive que fazer o papel de mãe e pai, tudo junto. Assunto que era de mãe eu tive que explicar para as filhas. Até hoje eu dou conselho para as meninas, tento encaminhar elas. Moramos no Rincão São José, zona rural de Taquari. Criei todos os quatro com muito amor e sofri muito, porque não é fácil. Hoje tenho uma companheira, a Cláudia, que ajuda a reparar nossa casa. Ela mora do lado, é nossa vizinha. A Cláudia é uma pessoa muito boa, eu gosto dela, e ela de mim, que eu sei. Ela também sofreu na vida, como eu, passou trabalho e tem um coração bom. Além de cuidar da casa dela, a Cláudia ajuda a cuidar da nossa casa e ainda arranja tempo para fazer umas faxinas e juntar um troquinho extra. De vez em quando a gente vai nuns bailes, se diverte. Ela é muito parecida comigo, é brincalhona, feliz.

**Finais de semana** - Adoro os finais de semana. É quando nós fizemos um baita 5S<sup>1</sup> em casa. Tu sabes como

---

<sup>1</sup> 5S: metodologia utilizada para melhorar a organização dos ambientes de trabalho, graças à mudança de atitude das pessoas ao seguirem os 5 passos recomendados pelo programa: 1) Seiri: Senso de Utilização; 2) Seiton: Senso de Organização; 3) Seisou: Senso de Limpeza; 4) Seiketsu: Senso de Saúde ou Melhoria Contínua e 5) Shitsuke: Senso de Autodisciplina. Foi desenvolvido por Kaoru Ishikawa,

é... casa de pobre é pequena, mas sempre tem serviço. Aí eu e as meninas arredamos a geladeira, passamos pano por tudo, lavamos roupa e louça. Dá umas “peleias”<sup>2</sup> de vez em quando, mas no fim a gente sempre se acerta. Também aproveito os sábados e domingos para ir a alguma festinha. Geralmente, vou nas festas da CERTAJA ou em bailes de terceira idade. Sempre fui um homem animado, feliz. Se eu falto em alguma comemoração da cooperativa, as pessoas logo vem me perguntar por que eu não fui. Minha alegria faz falta. Tenho amigos em toda empresa e também fora dela.

**Fé** - Sou católico, acredito em Deus, mas não vou na igreja. Também não discuto religião com ninguém, afinal todo mundo tem direito de acreditar no que quiser. E eu respeito. Já freqüentei outras crenças, mas nada me impede de ser católico. Sou muito devoto do Padre Reus<sup>3</sup>. Tenho uma foto dele bem bonita em casa. Comprei essa foto no santuário, em São Leopoldo, numa excursão que fiz há algum tempo. O Padre Reus já me ajudou muito. Rezo para ele.

**Sonhos** - Tenho muitos sonhos. Não são sonhos impossíveis, mas coisas que poderiam fazer meus dias mais fáceis. Sempre digo que não podemos dar o passo mais do que as pernas alcançam. Eu queria mesmo era reformar minha casa. Já aumentei um pouco a

---

no Japão após a Segunda Guerra Mundial. O 5S foi adotado na CERTAJA com o nome de D’OLHO, em 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Peleia**: termo tipicamente gauchesco que significa briga, conflito. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Padre João Batista Reus** (1868-1947): padre jesuíta alemão que durante muitos anos foi professor de teologia no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo. Por causa dos milagres que lhe são atribuídos, ao falecer Padre Reus já tinha fama de santo. O processo de beatificação começou em 1958 e tramita até hoje. O Santuário Sagrado Coração de Jesus, localizado junto ao túmulo do jesuíta, é um dos principais pontos turísticos da cidade de São Leopoldo, recebendo milhares de romeiros mensalmente, que vão até lá pagar promessas por graças alcançadas. (Nota da *IHU On-Line*)

construção, mas não está pronta. Antes não tinha banheiro dentro de casa, e a gente tinha que sair da cama,quentinho, e ir no banheiro no pátio. Agora temos o banheiro dentro de casa. É uma beleza. Ninguém mais passa frio ou toma chuva na cabeça.

**Política** - O que eu acho dos políticos, dessa política daí, que aparece na televisão? Eu acho uma pouca vergonha. Olha bem: eu acordo todo dia cedo, bato cartão, trabalho sério. Sou pai de família. Como é que eu vou acreditar e aceitar o que os políticos andam fazendo? Enquanto a gente batalha, precisa juntar dinheiro para

fazer a vida acontecer, eles roubam e mentem. Aí não dá! De que jeito eu vou votar numa criatura que promete de tudo e, quando chega a hora de cumprir, faz que não é com ela? Eu não acredito mais em política. Por outro lado, quando aparece alguém que tá só entregando santinho lá em casa, pago por um político, eu fico até com pena. É melhor entregar santinho do que roubar ou ficar bebendo em boteco. Agora, do jeito que está indo essa situação, nosso país só vai piorar. Por que os políticos não podem trabalhar direitinho e cumprir com o que dizem? Eu queria saber...

## Marco Antonio Dall'azen

*Aos 50 anos, Marco Antonio Dall'azen tem uma rotina repleta. É engenheiro em Segurança do Trabalho, professor convidado da Pós-Graduação em Engenharia do Trabalho, além de auditor interno de Gestão Ambiental. Nascido em Encantado, no interior do Rio Grande do Sul, Marco morou em diversas cidades antes de adotar São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, como lar. Marco Antonio, além de trabalhar na Universidade, cursa atualmente o mestrado em Engenharia Ambiental e ainda consegue o tempo para o seu esporte favorito: fazer trilha de motos. Conheça um pouco mais de Marco Antonio Dall'azen na entrevista a seguir.*

**Origens** - Nasci em Encantado, interior do Rio Grande do Sul. Tenho quatro irmãos. Meu pai trabalhava com montagens industriais e viajava muito. Acabamos nos mudando muito. De Encantado fomos para Lajeado, Bento Gonçalves, Veranópolis e Porto Alegre.

**Infância** - Conheci muitas pessoas em função das inúmeras mudanças de cidade, o que é um aspecto positivo. O aspecto negativo é que eu não conseguia manter as minhas amizades. Às vezes, recordo de alguns amigos revendo fotos antigas, mas, infelizmente, vamos perdendo o contato.



## IHU REPÓRTER

**Estudos** - Era difícil para se adaptar às novas escolas. Estudei em colégio de freiras, de irmãos maristas e em escolas públicas.

**Juventude** - Eu não praticava muitos esportes, pois usava óculos: nem futebol eu jogava. Tinha uma vida mais reservada. Hoje tenho uma vida mais social e mais agitada.

**Início** - Comecei o curso superior, quando ainda morava em Veranópolis, na Universidade de Caxias do Sul. A universidade tentou migrar os alunos de engenharia plena para engenharia operacional. Eu queria estudar engenharia plena, então saí à procura de outras universidades. Interessei-me pela Unisinos e prestei vestibular. Quando comecei na Universidade, minha família se mudou para Porto Alegre. Mais tarde, eles voltaram para Encantado e eu fiquei morando em São Leopoldo, em pensões e repúblicas.

**Engenharia Mecânica** - Tive influência da minha família na escolha do curso. Meu avô era ferreiro e meu pai trabalhava com montagens industriais. Infelizmente, eu nunca consegui acompanhá-lo porque não tinha tempo devido ao estudo. Eu sempre pensei em fazer Veterinária ou Agronomia, mas depois, por influência deles, eu mudei para Engenharia Mecânica. Formei-me em 1985 na Unisinos. Quando já estava trabalhando, me interessei pela área de Segurança do Trabalho, e em 1986 fiz a pós-Graduação em Segurança do Trabalho na Universidade. Isso é um orgulho porque hoje eu sou professor convidado na pós-graduação em Engenharia de Segurança na Unisinos.

**Experiência** - Minha família voltou para Encantado e eu fiquei morando em São Leopoldo, em pensões e repúblicas. Nessa época, eu só estudava e fazia estágios. Nas repúblicas, dividíamos as responsabilidades da casa

entre os estudantes moradores. Fazíamos duplas que tinham tarefas semanais, como varrer a casa ou fazer comida. Éramos bastante integrados com estudantes de outras repúblicas. Tínhamos festas nas repúblicas ou aquelas promovidas pelos DA's ou pelo DCE.

**Trabalho** - Minha primeira experiência de trabalho foi numa empresa em que meu pai trabalhava, onde eu fazia orçamentos de equipamentos. Meu primeiro estágio foi em uma empresa na implantação do Pólo Petroquímico. Também estagiei na Sthil, onde fui efetivado. Foi minha primeira grande experiência em uma multinacional, trabalhando na área de manutenção. Essa experiência ajudou muito na minha carreira, pois lá passei a conhecer todos os setores e processos de uma grande empresa. Ao terminar a pós-graduação, fui procurar emprego na área de segurança do trabalho. Comecei na lochpe-Maxion, em Canoas, onde tive uma boa experiência, mas também um grande desafio. Eu iniciei em uma empresa com 1.700 funcionários, com um número muito elevado de acidentes. Foi positivo, pois consegui implementar muitas medidas que diminuíram o número de acidentes. Também podíamos interagir com profissionais de outras unidades da companhia, quando tinha a oportunidade de conhecer outras fábricas.

**Mudança** - Casei-me e escolhi São Leopoldo para morar, mas continuava trabalhando em outras cidades. Vi o anúncio no jornal de uma vaga para engenheiro de segurança da Unisinos. Num primeiro momento, não fui selecionado. Depois de três meses, fui chamado novamente. Hoje, sou engenheiro da Segurança do Trabalho na Unisinos. Trabalho com a prevenção de acidentes e promoção da saúde. Também atuo como auditor interno na área de Gestão Ambiental. Faço parte da equipe do Sistema de Gestão Ambiental que implementou e mantém a certificação na ISO 14001. Comecei como professor em um curso de formação de

Técnicos em Segurança do trabalho e constantemente era convidado para fazer palestras sobre Prevenção de Acidentes em diversas disciplinas de diferentes cursos na Universidade. Mais tarde, fui convidado para ser professor na pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho na Unisinos. Esta experiência se mostrou diferente e desafiadora, pois no pós leciono para profissionais que já estão no mercado, em multinacionais, com bastante experiência em suas áreas de atuação. Isso me motiva a estudar e ler mais sobre os assuntos tratados.

**Casamento** - Sou casado com a Graziela, uma grande batalhadora e companheira, descendente de italianos como eu. Conheci-a somente quando já morava em Porto Alegre, apesar de ela ser também de Encantado. Um dia, eu, minha mãe e meu irmão decidimos ir para Encantado no carnaval. Aconteceu um contratempo: meu pai tinha viajado e levado consigo a chave do carro que ficara em casa. Tive que chamar um chaveiro para fazer uma nova chave do carro. Em Encantado, no carnaval, a conheci e começamos a nos corresponder. Namoramos por cinco anos e nos casamos. Moramos hoje em São Leopoldo e temos um filho, Alberto, de 17 anos.

**Lazer** - Gosto de um esporte um tanto diferente para um engenheiro de segurança devido ao risco associado a ele: faço trilhas de motos. Faço junto com meu filho, o que é um motivo de orgulho e compartilhamento de alegrias e emoções fortes. Nos sábados à tarde, vamos para o meio do mato, ter contato com a natureza e também um pouco de adrenalina. Fazemos passeio com desafios, mas mantendo uma postura adequada ao risco. Gosto muito também de cozinhar (algumas receitas “copiadas” do *Anônimos Gourmet*, com algumas adaptações) e outras um pouco mais elaboradas: fiz,

inclusive, um curso sobre preparação de Paelha aqui na Gastronomia de Unisinos, e já preparei este prato. Também gosto de assistir bons filmes e, de vez em quando, curtir um ambiente tipo Sargent Peppers ou Abbey Road.

**Livros** - Atualmente, estou lendo *O caçador de pipas*, mas tenho lido muitas coisas. Gosto de ficção, como *Anjos e demônios* e *O código da Vinci*. Também leio muitos artigos técnicos em função do mestrado.

**Fé** - Sou católico praticante. Hoje em dia, verificamos uma reaproximação entre as Igrejas Católica e Evangélica Luterana. Tenho amigos que freqüentam esta última e que nos convidaram para um encontro de casais de sua igreja. Temos um bom convívio também com os fiéis da Igreja Evangélica.

**Futuro** - Após a conclusão do Mestrado, quero realizar o sonho de ser professor efetivo de uma ou duas disciplinas na graduação da Unisinos e continuar na pós-graduação em Engenharia de Segurança.

**Unisinos** - Gostei da Universidade desde a graduação. É uma instituição que valoriza muito o ser humano. Em nosso setor, conseguimos ter um convívio muito interessante, com uma atmosfera de congregação de esforços de profissionais de diferentes áreas, na lógica da interdisciplinaridade.

**IHU** - Tenho contato com o Instituto através da revista e dos eventos promovidos, que envolvem a comunidade em geral.